

**SONIA MARIA DOS SANTOS GUERNELLI**

**A ESCOLA NA ÓTICA DE ALUNOS DE ENSINO MÉDIO  
DE DIFERENTES TRIBOS.**

**Dissertação apresentada para a obtenção do Título de Mestre em Educação, junto ao Programa de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, sob a orientação da Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup>. Vera Lúcia de C. Machado.**

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE CAMPINAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
CAMPINAS - 2008**

## RESUMO

---

GUERNELLI, Sonia Maria dos Santos. **A Escola na ótica de alunos de Ensino Médio de diferentes tribos**. Dissertação de Mestrado em Educação do Curso de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2008.

---

O presente estudo refere-se a uma pesquisa efetuada na Escola Estadual Carlos Gomes, na cidade de Campinas, cujo objetivo foi produzir conhecimentos sobre a compreensão que jovens do Ensino Médio têm em relação a essa Escola. Selecionamos como sujeitos da pesquisa 12 jovens com idade entre 18 e 20 anos, que se apresentam com posturas diferenciadas em relação a vestuário, linguagem, atividades de estudo e que se afastam do padrão até agora esperado socialmente. O trabalho investigativo fundamenta-se na metodologia de Estudo de Caso, e os procedimentos para a coleta de dados consistiram em observação e entrevista. A análise de dados revela a compreensão que esses alunos têm de: escola, direção, professor, discriminação e preconceito, e pretende oferecer uma contribuição para a mudança nas relações educacionais que ocorrem no interior da Escola.

**PALAVRAS-CHAVE:** Escola Pública, Alunos do Ensino Médio e subgrupos culturais, cultura escolar e Escola Estadual Carlos Gomes.

## ABSTRACT

---

GUERNELLI, Sonia Maria dos Santos. **The school in the view of High School students of different tribes**. Master's Dissertation in Education. Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Campinas, 2008.

---

This study refers to a research carried at Carlos Gomes State School in Campinas, São Paulo, Brazil; with the objective of producing knowledge about the way High School teenagers see their school. The research subjects were 12 teenagers, aged between 18 and 20 with different characteristics concerning their behavior related to clothes, study activities, language which are out of the socially expected standards. The investigation was based on Case Study methodology and the procedures of data assessment were observation and interview. The data analysis exposes the views that the students have about: The School, the Principal, the Coordinator and the teachers. Also the way they see phenomena such as discrimination and prejudice. The analysis also aims at contributing to the change in educational relations at School.

KEY WORDS: Public School, High school students, school culture, sub cultural groups, Carlos Gomes State School.

## **SUMÁRIO**

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 -</b>	
<b>EDUCAÇÃO, ESCOLA PÚBLICA E ENSINO MÉDIO BRASILEIROS .....</b>	<b>6</b>
<b>1.1 EDUCAÇÃO E ESCOLA PÚBLICA.....</b>	<b>7</b>
<b>1.2 EDUCAÇÃO E ENSINO MÉDIO .....</b>	<b>17</b>
<b>CAPÍTULO 2 -</b>	
<b>A ESCOLA E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS.....</b>	<b>27</b>
<b>2.1 SOCIEDADE E CULTURA.....</b>	<b>27</b>
<b>2.2 A ESCOLA E CULTURA .....</b>	<b>29</b>
<b>CAPÍTULO 3 -</b>	
<b>A ESCOLA ESTADUAL CARLOS GOMES E OS SUJEITOS DA PESQUISA....</b>	<b>38</b>
<b>3.1 ORIGEM E HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL CARLOS GOMES..</b>	<b>38</b>
<b>3.2 O QUE PENSAM E FALAM OS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL</b>	
<b>CARLOS GOMES.....</b>	<b>47</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>81</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>88</b>

## **ANEXOS**

<b>ENTREVISTAS.....</b>	<b>94</b>
<b>TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....</b>	<b>126</b>
<b>ROTEIRO DE OBSERVAÇÃO.....</b>	<b>128</b>
<b>ROTEIROS DE ENTREVISTAS.....</b>	<b>130 e 131</b>

## INTRODUÇÃO

Desde 2004, trabalho como professora em escolas públicas municipais e estaduais e por várias vezes presenciei situações de confronto entre alunos, professores e dirigentes, com agressividade verbal e até mesmo física. Essa situação não adequada para um ambiente escolar, suscitou a motivação para a realização deste estudo que procura contemplar tais situações problemáticas em salas de aula e ambiente escolar em geral. Para tanto foi feita a opção para o trabalho de campo na Escola Estadual Carlos Gomes, local de meu trabalho docente e onde fui muito bem recebida pela diretora e coordenadora pedagógica. A Escola Estadual Carlos Gomes está situada na região central de Campinas e recebe alunos de bairros centrais e periféricos e até mesmo de cidades vizinhas, formando, portanto, uma comunidade heterogênea com relação a origem social, econômica e cultural.

As diferentes crises no campo da educação escolar no Brasil e também no estado de São Paulo, são colocadas como de difícil solução pelos educadores nas escolas, e estranhamente não aparece explicitado nos debates a esse respeito um projeto de educação emancipatória<sup>1</sup> que busque colocar o conflito também no centro das discussões relativas à educação escolar, de modo a definir a natureza dos conflitos e permitir que os educadores possam criar mecanismos capazes de compreender e minimizar o conflitos e favorecer um ambiente mais adequado ao processo educacional. Chauí, explicando o conflito de forma positiva em relação ao estado democrático, afirma que

“Alguns traços caracterizam a democracia. Em primeiro lugar, a legitimidade e a necessidade do conflito. A democracia é o único regime político no qual o conflito não é algo que precisa ser exorcizado, ocultado ou terminado, mas aquilo que vivifica o regime político, pois ao contrário de qualquer forma política, a democracia tem a peculiaridade extraordinária de ser a única na qual o conflito é constitutivo do seu modo de ser. O conflito não é obstáculo, é a constituição mesma do processo democrático.” (CHAUÍ, 2006:138)

---

<sup>1</sup> Significando educação que emancipa conscientizando do papel do aluno na sociedade de maneira geral e em sua comunidade.

A escola é um campo de lutas, um território de enfrentamentos e cruzamentos de diferentes manifestações culturais oriundas de uma série de fatores, quase todos provenientes do modo e momento contemporâneo da organização da sociedade. Essas manifestações estão presentes no comportamento de alunos e muitas vezes através de grafites e pichações em muros, letras musicais que contam a realidade da periferia e contestam a ordem capitalista. Originários de grupos diferenciados esses alunos são formados em conformações sócio-econômicas marcadas substantivamente pela desigualdade social e pelos valores da ideologia do consumo contemporânea. Foi levando em consideração os aspectos do assunto a ser tratado que decidimos sobre o critério para a escolha dos sujeitos participantes. Definimos que fariam parte do estudo alguns alunos do Ensino Médio Regular, do período matutino, que se apresentam com posturas diferenciadas em relação a vestuário, linguagem, postura estudantil e que se afastam do padrão esperado socialmente. Com idades que variam de 18 a 20 anos, usam “piercings”, roupas características dos chamados grupos “Emos”, “Rappers”, “Clubbers” e têm comportamentos peculiares nos intervalos e nas salas de aula, além de apresentarem baixo desempenho escolar. O objetivo da pesquisa foi formulado no sentido de produzir um conhecimento sistematizado sobre a compreensão desses alunos com relação à Escola. Acreditamos que, partindo desse conhecimento, poderemos reunir condições de identificar os desafios que alunos com esse perfil podem apresentar para o ensino contemporâneo atual, levantar possibilidades de superação desses desafios identificados, tendo em vista a inclusão efetiva e significativa dos alunos, e criar subsídios que venham favorecer a relação professor e aluno e o estabelecimento de mudanças positivas no ambiente escolar.

Pensamos ser possível incluir nesse tipo de discussão o tema da inclusão, uma vez que a democratização do ensino implica uma abertura para as diferenças de toda ordem. No entanto, pareceu-nos que enveredar por este caminho, no contexto e nas condições em que nossa investigação se procedeu, seria avançar para além do enfoque necessário neste momento. Sem dúvida, esse tema aliado às preocupações aqui desenvolvidas pode legitimamente ser investigado em outras oportunidades.

Para o desenvolvimento deste trabalho de investigação escolhemos como mais adequada a metodologia do Estudo de Caso, de fundo qualitativo, que permite

uma compreensão geral do problema em questão, das ações, das percepções, dos comportamentos e das interações dos participantes envolvidos. (LÜDKE, 1986)

Com relação ao trabalho de campo, foi fundamental a aproximação com as pessoas, quais sejam estudantes, professores ou funcionários, no sentido de promover uma relação amistosa e de respeito às suas posturas e manifestações pessoais no interior da comunidade escolar. Tanto os professores como os funcionários nos ajudaram na escolha dos sujeitos a serem investigados fornecendo dados que facilitaram a nossa abordagem com relação aos alunos. O grupo de 12 alunos escolhidos participantes foi esclarecido, em linhas gerais, sobre o teor da pesquisa e sobre as considerações favoráveis ao ambiente escolar e ao processo de ensino e aprendizagem que poderão advir do processo investigativo. Somente foram explicitados alguns pontos do processo de pesquisa, mas não exatamente todos. Com esta postura procuramos evitar mudanças do comportamento dos sujeitos observados e excesso de intromissão no cotidiano escolar, não excluindo as relações interpessoais. Também foi comunicado aos participantes que a pesquisa está em consonância com as exigências do Comitê de Ética da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, tendo sido apresentado e lido em voz alta para o grupo o termo de consentimento. Com o objetivo de obter dados fidedignos à pesquisa, compartilho as palavras de Cruz Neto,

“Para conseguirmos um bom trabalho de campo, há necessidade de se ter uma programação bem definida de suas fases exploratórias e de trabalho de campo propriamente dito. No processo desse trabalho é que são criados e fortalecidos os laços de amizade, bem como os compromissos firmados entre o investigador e a população investigada, propiciando o retorno dos resultados alcançados para essa população e a viabilidade de futuras pesquisas.” (CRUZ NETO apud MINAYO, p:56,1994)

As observações foram realizadas em situação de sala de aula, de reuniões, de intervalos de aula, de entrada e saída dos alunos. Foram priorizados alguns aspectos, no processo de observação dos sujeitos, tais como: aparência física, maneiras, modo de vestir, falar e agir, aquilo que os distingue dos outros alunos, como interagem com os colegas, professores e funcionários. Também priorizamos na observação o espaço físico onde acontecem as relações sociais e como este é utilizado pelos alunos e por último, os eventos que naturalmente acontecem em sala de aula e pátios da Escola.



As entrevistas, segundo a modalidade semi-estruturada escolhida, aconteceram de maneira que fosse permitido fazer adaptações sempre que necessário. Percebemos a satisfação dos jovens ao argumentarem sobre seus problemas e realizações no ambiente escolar. Estão sendo ouvidos... Tomamos o cuidado de avaliar as respostas verbais como também os gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, sempre respeitando suas opiniões e impressões relativas ao assunto em pesquisa abordado. Atentos à análise interpretativa minuciosa, procuramos manter estritamente em foco que poderíamos nos defrontar com

“(...) partes dos modelos culturais correspondentes à sociedade global e aos diferentes grupos e subgrupos. São esses modelos culturais que desempenham um papel de organização desse raciocínio afetivo” do qual falávamos: raciocínio de um indivíduo, cujos determinantes, todavia são sociais mesmo quando assumem uma aparência particular de vivência de um indivíduo. Assim, este último reencontra em parte o “raciocínio” característico de seu grupo ou de seus grupos. A singularidade de cada indivíduo provém, por um lado, do fato de o modelo cultural deste último ser constituído por uma incorporação, ao menos parcial, dos diversos modelos culturais próprios aos grupos e subgrupos aos quais ele pertence ou aos quais pertenceu; por outro lado, pela síntese pessoal que dele fez”. (MICHELAT apud THIOLENT, 1982, p:204)

É necessário estar atento para os lugares sociais nos quais o pesquisador e pesquisando se encontram, ter clareza sobre quem fala, de onde fala e quem ouve e de onde ouve. Com este intuito, incluímos também entrevistas com dois professores, tendo em vista trazer mais elementos significativos para uma análise adequada e uma interpretação que atenda mais profundamente as perspectivas presentes e configuradoras da situação em que o problema foi “detectado”. Solicitamos aos alunos e dois concordaram, em fotografar na Escola, os lugares que eles mais gostavam e aqueles que não eram os preferidos. Algumas destas fotos ilustram o trabalho de pesquisa.

O trabalho está exposto em três capítulos que compõem o texto. No primeiro apresentamos um estudo sobre Educação Brasileira, Escola Pública e o Ensino Médio, procurando contextualizá-los quanto à concepção dualista de educação que sempre permeou a História da Educação no Brasil. No segundo capítulo, fazemos algumas considerações sobre a sociedade, a escola e a cultura, apresentando as referências teóricas assumidas pela pesquisadora como as mais apropriadas à fundamentação do fenômeno das manifestações culturais no contexto social,

econômico e político. Neste capítulo, também apresentamos características centrais dos grupos aos quais pertencem os alunos sujeitos da pesquisa, com o objetivo de esclarecer seus gostos, como se comportam e quais são as afinidades que os unem. No terceiro capítulo, apresentamos a Escola Estadual Carlos Gomes de antes e de agora, palco de eventos que marcaram a história de Campinas. Finalmente, apresentamos as conclusões e considerações finais sobre o trabalho, esperando estabelecer subsídios que venham a favorecer condições para a formação da autodisciplina intelectual e da autonomia moral dos alunos, comportamentos indispensáveis ao homem com formação plena para discernir e respeitar os valores da convivência ética e moral na sociedade. Também pretendemos, com os resultados de nossa investigação, favorecer a relação professor e aluno, melhor desempenho na prática pedagógica e avanços no sentido de melhorar o ambiente escolar da instituição.

## **CAPÍTULO 1**

### **EDUCAÇÃO, ESCOLA PÚBLICA E ENSINO MÉDIO BRASILEIROS**

Neste capítulo apresentamos considerações relevantes sobre a educação brasileira no contexto geral da sociedade que a determina. Também procuraremos refletir sobre a Escola Pública, com relação ao seu significado, organização e importância, a partir da história da educação brasileira. Finalmente, abordamos o Ensino Médio focalizado na forma como se apresentou desde meados do século passado até a atualidade. Trata-se aqui de buscar compreender esse nível de ensino no contexto onde é produzido de modo a poder explicitar suas contradições evidentes, principalmente o caráter seletivo e dualista da educação brasileira.

A organização da educação em nosso país, historicamente marcada por profundas desigualdades sociais, sempre procurou dirigir as políticas educacionais para os interesses da população minoritária mais abastada. Isto desde a chegada dos jesuítas, em 1549, quando a Companhia de Jesus, inicia sua obra educativa importando formas de pensamento e idéias dominantes na cultura medieval européia: para os nobres proprietários de terra e detentores de poderes políticos e econômicos, a organização jesuítica reservava uma educação literária, humanista, capaz de dar brilho à inteligência; aos filhos de nobres e outros cidadãos privilegiados, reservavam-se as aulas privadas, também ministradas por autoridades religiosas e visando ao ensino superior na Europa; já para os índios o ensino das “primeiras letras”, e nem isso para os escravos. Esta marca dualista da educação vai manter-se durante todo o período imperial, apesar das ações reformistas para a educação<sup>2</sup>.

Com a República inaugura-se na educação brasileira uma fase repleta de reformas educacionais marcadas pelos ideais do movimento republicano.

Em síntese, sem nos alongarmos nessa reflexão sobre o caráter de classe de educação brasileira, podemos observar que a realidade histórica das sociedades humanas desenrola-se também em função de mais outros determinantes, ou seja,

---

<sup>2</sup> Consultar: Poder Político e Educação de Elite. Maria Elizabete S. P. Xavier. SP: Cortez Ed – Autores Associados, 1980.

não somente através de suas vontades declaradas,mas sobretudo por meio da atuação de interesses arraigados na própria dinâmica social. Assim, a História da Educação brasileira mostra, desde seus primórdios, uma adequação bastante visível entre princípios doutrinários e os interesses econômicos, políticos e sociais da classe mandatária nas diferentes épocas.

Enfim, a ideologia e a prática de preservar à maioria o ensino diferenciado daquele reservado para a elite, marca de maneira predominante toda a história da escolarização no Brasil, até mesmo nos dias atuais, como veremos logo em seguida.

É neste sentido que podemos afirmar que a educação é uma prática social que não é neutra,

“(...) é preciso considerar a existência de uma relação interna, isto é, toda prática educativa, enquanto tal, possui uma dimensão política assim como toda prática política possui, em si mesma, uma dimensão educativa. (...) educação e política devem ser entendidas como manifestações da prática social própria da sociedade de classes. Trata-se, pois, de uma sociedade cindida, dividida em interesses antagônicos. (SAVIANI, 1999, p:94/95)

## 1.1 EDUCAÇÃO E ESCOLA PÚBLICA

Quando falamos de escola pública, temos que reconhecer que são vários os significados que podemos atribuir a ela. Até o final do século XVIII, seria a escola de ensino coletivo com método simultâneo, em oposição ao ensino privado. No século XIX, seria a escola de massa destinada à educação de toda a população, um modelo de instrução pública já com a intenção de organizar sistemas nacionais de ensino com o objetivo de possibilitar o acesso de todos ao ensino elementar. E, por último, escola estatal, organizada e mantida pelo Estado, abrangendo todos os graus e ramos de ensino, o que hoje comumente chamamos de escola pública.

Segundo Luzuriaga (1959), a origem da instrução pública deu-se nos séculos XVI e XVII através da educação pública religiosa. Os representantes da Reforma

Protestante incentivavam os governantes a espalharem a instrução elementar através da abertura de escolas.

No século XVIII, a educação pública estatal com o advento do Iluminismo, posiciona-se contra as idéias religiosas e procura introduzir uma visão laica do mundo. Nesse contexto, a luta para a ascensão social está ligada ao chamado período revolucionário da burguesia. Esta nova classe social, cuja presença radical marcante acompanha a Revolução Francesa, tinha como fundamentos a idéia de liberdade, de justiça e de harmonia, protagonizando uma sociedade democrática, revolucionária e universalista em face dos privilégios da nobreza e clero provenientes de uma ordem ainda feudal. A partir do momento em que a burguesia vai se consolidando no poder, o Estado que é por ela dominado, toma para si a tarefa de instruir o povo como uma forma de legitimar o poder burguês. O nascimento da instrução pública está intimamente ligado a esse fato, onde também se atrela o discurso de igualdade, que é, desde então, marcadamente ideológico, dissimula as relações reais e atribui ao indivíduo e não às situações de classe, a responsabilidade de seu êxito ou fracasso. Tal como na situação atual, o êxito ou o fracasso transformam-se em atributos individuais e não de classe. Segundo Lopes,

(...) Através de um discurso igualitário, nas Constituições e nas Declarações, a burguesia, atribui ao indivíduo, a cada cidadão individualmente, a responsabilidade pelo seu sucesso ou pelo seu fracasso. Neste sentido, a análise do princípio de igualdade e a análise do princípio de individualismo são indissociáveis. Os indivíduos são proclamados iguais, mas a desigualdade econômica é reconhecida. Ao reconhecer a desigualdade econômica, a burguesia deve também indicar o caminho para sua superação e o faz: cabe à instrução tornar os cidadãos “mais” iguais. Levando-se em conta que os “indivíduos não são igualmente dotados pela natureza”, alguns poderão ascender e superar a desigualdade real, outros não poderão. Depreende-se daí: o mesmo instrumento que pode tornar os indivíduos iguais, pode fazê-los permanecerem desiguais. A instrução é acenada como veículo de liberação e de igualização, mas assentada sobre a desigualdade econômica, permanece veículo de dominação de classe.(apud NORONHA, 2002)

Percebe-se, aqui, a nítida influência das idéias liberais européias vicejando em países americanos; no Brasil, mais tarde, seriam importadas por intelectuais liberais em meados do século XVIII. Em nosso país, a origem da escola pública, segundo Saviani (2002), remonta à nossa colonização, quando os primeiros jesuítas (1549) chegaram chefiados pelo Padre Manoel de Nóbrega e, a pedido de D.João, rei de Portugal, elaboraram o plano de ensino de Nóbrega dirigido tanto para os

filhos dos indígenas como para os filhos dos colonos portugueses. Este plano foi logo suplantado pela “Ratio Studiorum”. Dirigidas para as elites e com conteúdo centrado nas humanidades, as aulas aconteciam nos colégios e seminários que foram criados nos principais povoados. Os jesuítas dominaram a educação brasileira até a metade do século XVIII, quando, em 1759, foram expulsos pelo Marquês de Pombal. As reformas Pombalinas da instrução pública visavam colocar a colônia de Portugal à altura do século XVIII, caracterizado pelo Iluminismo; entretanto, a escassez de mestres e a insuficiência de recursos para financiar as Aulas Régias inviabilizaram as reformas. Com a independência política no século XIX, consolida-se no Brasil o Estado Nacional, regime monárquico sob o nome de “Império do Brasil” e após a Constituição do Império, em 1824, D. Pedro I elimina o privilégio do Estado para conduzir a instrução popular e abre caminho para a iniciativa privada. Após 1826, retoma-se a discussão do problema nacional da instrução pública e com o Projeto Januário da Cunha Barbosa pretende-se regular o ensino em quatro graus: Pedagogias, Liceus, Ginásios e Academias. Apesar da tentativa de organizar o ensino como um sistema, o projeto nem chegou a entrar em discussão, pois contrapondo-se à organização anterior, a Câmara dos Deputados optou por um projeto limitado à escola elementar, que determinava aos professores ensinarem a ler, escrever, as quatro operações matemáticas, a gramática da língua nacional, a doutrina da religião católica, apostólica e romana e princípios de moral cristã.

Podemos observar que a preocupação dos governantes era manter a educação dentro de limites bem definidos, tanto no âmbito de sua universalização quanto no dos conteúdos estudados, de modo que as idéias liberais e do Iluminismo, vindas da Europa, não chegassem a efetivamente influenciar o plano ideológico, político e religioso. Voltando às escolas elementares, poderíamos aventar que, caso fossem estendidas a todas as cidades, vilas e lugares populosos, teriam realmente dado origem a um sistema nacional de instrução pública. Não foi entretanto o que aconteceu, porque o Ato Adicional à Constituição do Império do Governo Federal, em 1834, transferiu a incumbência de cuidar das escolas primárias e secundárias aos governos provinciais, o que causou uma nova desorganização, inclusive para as províncias, que começaram a votar leis incoerentes com a instrução pública. A idéia de um sistema público de ensino ainda

foi cogitada quando a “Reforma Couto Ferraz” (1854) estabeleceu a obrigatoriedade do ensino, determinando multa aos pais ou responsáveis por crianças de mais de sete anos que estivessem fora do ensino elementar, dobrando-se a multa na reincidência após seis meses de tolerância. Como essas determinações ocorriam no Rio de Janeiro, município da capital do Império, as decisões foram estendidas às outras províncias, daí visualizando-se possibilidades de formação de um sistema nacional de ensino. Nos dez anos que precederam a República, o sentimento dos governantes era o de que a necessidade da criação de um sistema nacional de instrução pública tornara-se urgente. O marco que originou o movimento que defendia a obrigatoriedade escolar, a educação como elemento de conservação do status quo e fator de integridade nacional, foi a obra de Liberato Barroso “A Instrução Pública no Brasil”, publicada em 1867. Ao mesmo tempo esta obra posicionava-se contra os liberais e os católicos retrógrados. (BARROSO, 1867 apud SAVIANI, 2000). Outras propostas foram realizadas na direção da ampla reorganização do ensino, entretanto nenhuma delas teve continuidade ou resultados promissores.

Com a Proclamação da República em 1889, a vitória das idéias laicas, decretou a separação entre Igreja e Estado e a abolição do ensino religioso nas escolas. Neste momento, a educação popular ainda não era problema do Estado Nacional e se manteve descentralizada como ocorrera no Império.

“As poucas escolas públicas existentes nas cidades eram freqüentadas pelos filhos das famílias de classe média. Os ricos contratavam preceptores, geralmente estrangeiros, que ministravam aos filhos o ensino em casa, ou os mandavam a alguns poucos colégios particulares, leigos ou religiosos, funcionando nas principais capitais, em regime de internato ou semi-internato. Muitos desses colégios adquiriram grande notoriedade.

Em todo o vasto interior do país havia algumas precárias escolinhas rurais, em cuja maioria trabalhavam professores sem qualquer formação profissional, que atendiam as populações dispersas em imensas áreas: eram as substitutas das antigas aulas, instituídas pelas reformas pombalinas, após a expulsão dos jesuítas, em 1763”. (LEMME apud GUIRALDELLI, 1991, p.26-27)

No âmbito dos estados, aquele que se envolveu mais no sentido de planejar um sistema orgânico de educação no início do regime republicano, foi o Estado de São Paulo. O sistema no Estado de São Paulo, na organização dos serviços educacionais, priorizava primeiro a organização administrativa e pedagógica do

sistema, criando em todo o Estado, órgãos centrais e intermediários de formulação das diretrizes e normas pedagógicas como também a inspeção, controle e coordenação das atividades educativas. Em segundo lugar, as escolas foram organizadas como grupos escolares que reuniam as salas de aula num só prédio, dosando e graduando os conteúdos distribuídos por séries anuais, ministrados por um corpo docente amplo, o que passa a exigir também coordenação e supervisão dessas unidades escolares no sentido administrativo e pedagógico.

A reforma da instrução pública paulista entre 1892 e 1896, foi pioneira na organização do ensino primário na forma de grupos escolares e procurou preencher os dois requisitos acima citados. Essa reforma geral instituiu o Conselho Superior da Instrução Pública, a Diretoria Geral e os Inspectores de Distrito, abrangendo os ensinos Primário, Normal, Secundário e Superior. (REIS FILHO apud SAVIANI, 2002).

Basicamente, o ensino Primário oficial em São Paulo se organizou em dois cursos: o Curso Preliminar, para crianças entre sete e quinze anos, e o curso Complementar. O Curso Preliminar era composto de seis modalidades de escolas: as escolas preliminares, as escolas intermédias, os grupos escolares, as escolas provisórias, as escolas noturnas e as escolas ambulantes. A escola preliminar era formada por uma classe de 40 alunos e esses alunos deveriam cursar o ensino primário gratuito e laico conquistado pela República. O governo estadual não tinha a incumbência da construção dos prédios escolares, esta despesa seria por conta de recursos do município. O governo estadual pagava os professores, que deveriam ser normalistas ou terem prestado exame na Escola Normal da Capital, e fornecia os livros oficiais. As escolas tinham cursos de quatro anos, com aulas que iniciavam às nove da manhã e terminavam às duas da tarde. Os exames eram rigorosos e cobravam o conhecimento dos alunos de forma oral e escrita, abrangendo várias disciplinas tais como: leitura, escrita e caligrafia, Moral prática, Educação Cívica, Geografia geral, Cosmografia, Geografia do Brasil e Leitura sobre a vida de grandes homens, Leitura de música e canto, Exercícios Ginásticos e Militares, Trabalhos manuais apropriados à idade e sexo. Podiam também participar dos exames alunos que recebiam aulas em suas próprias casas, com professores particulares. A rede de ensino a domicílio permitia que os filhos das oligarquias



participassem dos exames e a escola primária pública ficava como local das classes médias.

A reunião de quatro a dez escolas ou classes preliminares formava um grupo escolar. A direção desses estabelecimentos escolares ficava a cargo de um professor normalista nomeado pelo governo, e, como diretor, cuidava da parte administrativa, da conservação do prédio e da biblioteca, da frequência dos professores e principalmente direcionava o pedagógico, fazendo com que os professores seguissem os modelos montados na cidade de São Paulo, sob cuidados da Escola Normal.

Além disso, o Estado pagava funcionários e professores auxiliares para substituir os mestres quando necessário. As escolas intermédias e as escolas provisórias eram consideradas “diferentes” das escolas preliminares e dos grupos escolares. Seus professores não necessitavam de habilitação na Escola Normal. Para serem professores de escolas intermédias, bastaria que prestassem exames no Palácio do Governo e para as escolas provisórias era suficiente prestar um concurso promovido pelos Inspectores de Distrito. Nas escolas intermédias, o professor só lecionava as disciplinas que tivessem constado em seu exame e nas escolas provisórias o programa era oficialmente reduzido. Constava de: Leitura, Escrita, Princípios de Cálculo, Geografia do Brasil e Princípios Básicos das Constituições do Brasil e do Estado. Além dessas escolas, havia as chamadas escolas ambulantes, cujos professores percorriam várias cidades durante a semana, e as escolas noturnas, para maiores de 16 anos, estas com ênfase em alfabetização e profissionalização.

Durante a primeira República, entre todos os Estados da Federação Brasileira, o Estado de São Paulo foi o que melhor se organizou em relação às escolas públicas. Os outros Estados da Federação não apresentavam uma organização de rede escolar semelhante à de São Paulo. Como geralmente acontecia e acontece na área de educação, a reforma paulista, apesar de esboçar muito bem uma organização escolar pública, não chegou a se consolidar. São suprimidos os cargos de Diretor Geral da Instrução Pública, ficando a direção e a inspeção do ensino sob responsabilidade de um inspetor geral para todo o Estado, auxiliado por dez inspetores escolares. Qual seria a função desse único inspetor geral senão a de vigiar e fazer cumprir regras? Já ficava a desejar na organização

escolar o tão importante trabalho coletivo e o diálogo entre educadores. Ao separar a Igreja do Estado, a Constituição liberal de 1891 tornou leigo o ensino, reduzindo a influência da Igreja católica. Neste momento de luta contra a educação tradicional, o pensamento pedagógico evolui com as idéias de Dewey e Kilpatrick, dois pensadores da educação democrática norte-americana. É assim que,

“(...)Inspirando-se em autores populares do século XIX europeu, as crenças básicas do liberalismo e do cientificismo tornam-se os pilares do esforço para elevar o Brasil ao nível do século. Isto é pelas novas idéias a inteligência brasileira pretende realizar a atualização histórica considerada ingenuamente como a forma de nossa realização nacional. A própria maneira de perceber e analisar nossa realidade sociocultural é reflexo das últimas teorias importadas(...) É uma fase rica de propostas de reformas de quase todas as instituições existentes. Mas de reformas, que não partem da realidade, mas de modelo importado” (REIS FILHO, 1947: 1-2, apud RIBEIRO, 1991)

Liberais e positivistas, no início do século XX, estabelecem pontos comuns em seus vários programas de ação na sociedade, sempre com a crença de que a chave dos problemas fundamentais do país encontra-se na educação. É importante lembrarmos que a modernização da sociedade brasileira era uma exigência daquele momento histórico influenciado pelo processo de mudança da base da sociedade exportadora brasileira, que de rural-agrícola passa para urbano-comercial. Para a burguesia européia, o Estado Liberal, nacional e laico era necessário, porém, no Brasil não se encontrava constituída uma estrutura sócio-econômica que correspondesse a essa exigência. Enquanto na Europa, as idéias liberais serviam a uma burguesia atuante, interessada no desenvolvimento das manufaturas e da indústria, em luta contra a aristocracia em crise, no Brasil elas iriam ser definidas pela aristocracia rural e por uma burguesia pouco expressiva. O interesse da elite conservadora brasileira era a manutenção do sistema vigente e a garantia dos seus privilégios.

No início da República, a melhora com relação à educação, não foi somente quantitativa, uma vez que, introduziu-se o ensino graduado, com o aparecimento dos primeiros grupos escolares ou escolas-modelo. Até então, as organizações particulares, principalmente de caráter religioso, não se dedicaram à educação eminentemente popular. Portanto a “defesa da escola pública” é considerada um mérito do governo republicano. Ainda em 1907, o tipo comum de escola primária é a

de um só professor e uma só classe, agrupando alunos de diferentes níveis de conhecimento e é interessante notar a influência que forças sociais dominantes imprimem na abertura da escola, ao mesmo tempo que impõem limites.

“ Já então as transformações econômicas e sociais do país e a tomada de consciência de nosso atraso em matéria de educação atuam no sentido da contínua expansão do ensino primário. Porém, aquela tomada de consciência, em muitos administradores, processa-se na direção de abaixar o nível de aspiração com referência à duração e qualidade da escolaridade – seria melhor dar 4 ou 3 anos de escola a muitos, alfabetizando-os, do que um ensino mais longo e de melhor nível a poucos; e a expansão dificulta os problemas de aperfeiçoamento da organização, e acentua a repetência e evasão escolar. ( KESSEL apud RIBEIRO, 1991: 77)

O domínio da oligarquia cafeeira passa a gerir o regime republicano por meio da política dos governadores e, sendo o poder político soberano representante das classes dominantes, a educação espelha decisões de acordo com as aspirações da elite. O ensino pouco democrático privilegiava o ensino secundário e superior em detrimento da expansão do ensino primário.

“As elites não só enviavam seus filhos aos colégios particulares como também se utilizavam do Estado para criar uma rede de ensino público para atendimento de seus filhos. Assim, todas as reformas da legislação do ensino provindas do Governo Federal, priorizavam suas atenções para o Ensino secundário e superior.” (GUIRALDELLI, 1991, p:27)

As oligarquias cafeeiras, colocando os seus interesses como interesses da Nação recorreram muitas vezes aos banqueiros internacionais no sentido de obterem empréstimos para o financiamento da lavoura do café, endividando o Estado e causando sérios prejuízos para a sociedade em geral, incluindo a área da educação. Nos anos 20, acompanhando a urbanização e a industrialização do país, vários Estados brasileiros coordenados por intelectuais como Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Lourenço Filho e Francisco Campos promoveram reformas educacionais inspiradas nos princípios da Pedagogia Nova. Esses intelectuais, representantes do surto de nacionalismo e patriotismo conquistaram atenções para a questão do desenvolvimento do país e principalmente para a problemática da educação popular. Durante a crise dos anos 20, as reformas da instrução pública estadual e de âmbito nacional só serão retomadas após a Revolução de 1930. Com

os surtos de crescimento industrial e urbanização, iniciou-se a formação de uma emergente burguesia e o aumento das classes médias urbanas. A adoção do trabalho assalariado e a imigração subsidiada pelo Estado proporcionaram o suprimento de mão-de-obra para o campo e o advento de massas operárias urbanas nos grandes centros e as pressões sociais em torno da questão da instrução pública se intensifica, definindo o analfabetismo como uma vergonha nacional que deveria ser erradicada.

Em 1930, logo após a vitória da Revolução é criado o Ministério da Educação e Saúde. Neste momento, ocorre uma série de medidas de alcance nacional, relativas à educação.

Em 1931, as reformas do ministro Francisco Campos concentraram-se no Ensino Secundário e Ensino Superior. Esta reforma teve o mérito de dar organicidade ao Ensino Secundário, estabelecendo o currículo seriado, a frequência obrigatória, dois ciclos, um fundamental e outro complementar, e a exigência de habilitação neles para o ingresso no Ensino Superior. O contexto social em que acontecia esta reforma não era o favorável para a democratização do ensino, mesmo porque poucos seriam os que conseguiriam romper os obstáculos de inúmeras avaliações programadas para os cursos e também porque as pessoas vindas da zona rural, ávidas por participarem do processo de desenvolvimento urbano, eram em sua maioria analfabetas ou com educação primária insuficiente. Por um currículo tão vasto e enciclopédico só passariam os provenientes de classes mais abastadas, ou seja, a minoria. Em meio a especulações e polêmicas surge um documento que vai servir como divisor de idéias e propulsor de grandes mudanças no sistema educacional público brasileiro, o “Manifesto dos Pioneiros da Educação”.

O Manifesto apresenta-se num momento de tensões ideológicas entre grupos de intelectuais renovadores e grupos de políticos e religiosos que tentavam manter a ordem vigente na sociedade da época. Assim, os primeiros tentam colocar suas idéias no sentido de priorizar e instalar a Escola Pública, laica, gratuita e para todos. Laica no sentido de desvincular a educação dos princípios religiosos, gratuita referindo-se à obrigatoriedade do Estado para com a educação e para todos estendendo a escolarização para todas as classes sociais. Os educadores queriam o Estado assegurando também às classes menos favorecidas o mínimo de educação compatível e de acordo com o nível de desenvolvimento que estava

acontecendo no país. O segundo grupo era formado em sua maioria pelos católicos que contestavam a laicidade, o ensino público gratuito e para todos como também a perda do quase monopólio católico na educação brasileira. Para os renovadores, a Escola numa sociedade heterogênea não deveria ser instrumento de propaganda de doutrinação religiosa.

Na verdade, por trás das boas intenções dos intelectuais renovadores, existia a ideologia que permeava os princípios liberais da época. Estavam na pauta das discussões pedagógicas as diferenças naturais psicológicas dos indivíduos, seus interesses e aptidões que independiam de gênero masculino ou feminino e que eram avaliados pela ciência. Os católicos permaneciam afirmando que a ordem pedagógica é permeada por princípios sedimentados em hábitos de educação religiosa, e assim deveria ser. Portanto, avalia-se que a luta ideológica estava mesclada não somente por aspectos religiosos, mas também por aspectos políticos e econômicos de ambos os lados implicados. Os partidários das teses católicas temiam principalmente o esvaziamento das escolas particulares e a extensão da educação escolarizada a todas as camadas, ameaçando os privilégios assegurados, até então, às elites.

Em meio a essas discussões, o Governo Federal solicita aos educadores através da Associação Brasileira de Educação, a elaboração de diretrizes para uma política nacional de educação. Em 1931, a IV Conferência Nacional de Educação abriga uma disputa acirrada em torno do ensino laico e da Escola Pública, inviabilizando o pedido do Governo Federal para a elaboração das diretrizes. Os educadores do Movimento Renovador, em meio a esse ambiente conflitante, encontravam dificuldades em explicitar uma definição objetiva do que era este movimento e o que pretendiam com suas aspirações educacionais. Surge, então, o “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, publicado em 1932. O manifesto foi elaborado por Fernando Azevedo e assinado por 26 educadores brasileiros, líderes do movimento de renovação educacional.

Para os idealizadores do movimento, a relação educação e desenvolvimento, priorizando a educação como base para o desenvolvimento, era a solução através da qual o país alcançaria o mesmo patamar de progresso cultural e econômico de outros países, como os Estados Unidos, por exemplo. Como diz o documento,

(...)se a evolução orgânica do sistema cultural de um país depende de suas condições econômicas, é impossível desenvolver as forças econômicas ou de produção, sem o preparo intensivo das forças culturais e o desenvolvimento das aptidões à invenção e à iniciativa que são os fatores fundamentais do acréscimo de riqueza de uma sociedade".(ROMANELLI,1998,p:145)

A Modernização opõe-se ao empirismo das reformas parciais e dá suporte à Reforma Francisco Campos, que estava sendo implantada no país, pelo menos no que diz respeito a educação pensada no âmbito nacional. Por fim, o Manifesto dos Pioneiros antagonizava o velho e o novo, ou seja, o novo regime político e as velhas oligarquias, o capitalismo industrial e o predomínio da economia agrícola. Em 1934 a Constituição acolhe a idéia do documento acima citado por insistência da Associação Brasileira de Educação, entretanto a Carta Institucional de 1937 desautoriza as antigas resoluções em conformidade com as idéias centralizadoras que voltaram a dominar, ao ser instaurado no país o Estado autoritário.

## 1.2 EDUCAÇÃO E ENSINO MÉDIO

Na década de 1930, o Brasil enfrenta uma grande crise econômica. Abandona-se aos poucos a forma tradicional de industrialização e rapidamente passa-se para a fase onde o predomínio era o modelo de importações. Com a economia de guerra do início de 1940, acontecem sérias restrições às importações o que impulsiona o processo de industrialização. Assim aparecem dificuldades para se conseguir mão de obra para a indústria, impondo ao sistema educacional urgência no sentido de providenciar infra-estrutura necessária à implantação de cursos profissionais. Entretanto, as classes médias, que faziam crescer a demanda para a educação não se interessavam pelos cursos profissionais de nível médio do sistema e apesar das reformas, a aceitação para os cursos não cobria a necessidade do desenvolvimento industrial. O Governo então decide criar um sistema de ensino paralelo ao sistema oficial organizado em convênio com as indústrias através do seu órgão máximo de representação, a Confederação Nacional das Indústrias. Surge então o SENAI, Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial em todo o país, destinado a organizar e administrar escolas de

aprendizagem industrial, destinadas à preparação dos aprendizes menores para os estabelecimentos industriais. O decreto das Leis Orgânicas do Ensino foi o que instituiu a criação do SENAI e SESC, órgãos que pautavam linhas industriais e comerciais.

Em 1942, com a reforma Gustavo Capanema, Ministro da Educação do Estado Novo, e com a promulgação das Leis Orgânicas, extinguem-se os cursos complementares, constituídos por propostas pedagógicas diferenciadas e articulados ao curso superior desejado, e criam-se cursos médios de 2º ciclo, denominados cursos colegiais, com a diferenciação de científico e clássico e com a duração de três anos que são destinados a preparar o estudante para o ingresso no nível superior. Neste momento, abre-se também a oportunidade de acesso ao nível superior para os egressos dos cursos secundários profissionalizantes. A Lei Orgânica do Ensino Secundário n.º 4244, de maneira geral, tinha como objetivo uma sólida cultura geral, despertando nos jovens a consciência patriótica e a consciência humanística. Consciência patriótica, no sentido de enaltecer os ideais e valores maiores da pátria, sua independência e sua ordem através das aulas de educação moral e cívica. Esta lei reforçava a velha tradição do ensino secundário acadêmico, propedêutico e aristocrático.

Existiam também os cursos: Normal, Agro-técnico, Comercial técnico e Industrial técnico que apesar de terem o mesmo nível do científico e do clássico, não asseguravam o acesso ao nível superior. Com relação ao científico e o clássico, diz Romanelli,

“Esse ensino não diversificado só tinha, na verdade, um objetivo: preparar para o ingresso no ensino superior. Em função disso, só podia existir como educação de classe. Continuava, pois, constituindo-se no ramo nobre de ensino, aquele realmente voltado para a formação das individualidades condutoras”. (ROMANELLI,1998, p:158)

Esta lei dava também continuidade ao processo de seletividade acentuado com a Reforma Francisco Campos, pois o sistema de provas e exames continuava o mesmo e a orientação educacional, presente nos artigos 81 e 82, visava sobretudo a ordem e a disciplina. Enfim, este período deixou de lado princípios da Escola Nova, proclamados pelos chamados pioneiros e reviveu a educação

classista, com seu conteúdo literário, acadêmico e humanista, voltada para a preparação de lideranças. Restaurado o regime democrático, a Constituição de 1946 restabeleceu o princípio de descentralização e manda proceder por lei complementar a fixação das diretrizes e bases da educação nacional. A Constituição federal de 1946, vem definir a educação, como direito de todos e o ensino primário gratuito e obrigatório. Para isso faz-se necessária a organização e instalação de um sistema nacional de educação pela via da universalização da escola básica. A elaboração da L.D.B. da educação, iniciada em 1947 foi o caminho para realizar a possibilidade aberta pela Constituição de 1946.

Mudanças profundas começam a alterar a estrutura da escola secundária a partir da década de 50. Nesse período, várias leis foram promulgadas procurando estabelecer a equivalência entre os diversos ramos do ensino médio, de modo a possibilitar aos alunos de outros ramos do ensino profissional o acesso à escola secundária e ao ensino superior, rompendo a distância legal existente até o momento. Após treze anos de discussão, a L.D.B. finalmente aprovada em 20 de dezembro de 1961, não correspondeu às expectativas. Falha, entre outros pontos, no que diz respeito à democratização do acesso ao ensino fundamental, quando em seu texto aborda os motivos de isenção da responsabilidade quanto ao cumprimento da obrigatoriedade escolar, ou seja, o comprovado estado de pobreza do pai ou responsável e a insuficiência de escolas, sem dispor de mecanismos para superar essa limitação. A era do desenvolvimento industrial urge formação técnica profissional e a dupla função da educação, preparar para a continuidade dos estudos e preparar a mão de obra para as indústrias, força as autoridades dirigentes a programarem um sistema de educação que atenda ao mundo da produção, de acordo com as demandas de cada classe e das funções que lhe cabe desempenhar na divisão social e técnica do trabalho. E, como a educação é, não apenas uma questão pedagógica, mas essencialmente política,

“... O exercício dessas funções não se restringe apenas ao campo produtivo em si, mas abrange todas as dimensões comportamentais, ideológicas e normativas que lhe são próprias, o que exige, portanto da escola em todos os níveis a elaboração de suas propostas a partir dessas exigências.” (KUENZER, 1997p:10)



Romanelli (1998), de forma ampla e crítica, expõe a análise das propostas de estrutura e organização do sistema escolar brasileiro, no transcurso das nove reformas que passou o ensino secundário no século XX e mostra com clareza os fatos históricos e a ideologia, presentes na criação de leis para organização do ensino primário, seguido pelo secundário propedêutico e completado pelo ensino superior que era dividido em áreas profissionais. Para o estudante atingir o ensino superior teria de ultrapassar inúmeras barreiras entre exames de admissão, vestibulares e aprovações sucessivas, para que ao final de no mínimo quinze anos tivesse acesso à certificação formal superior que pretensamente lhe abriria as portas do mercado.

No Ensino Médio, nível de caráter intermediário, a elaboração da proposta pedagógica para cada etapa de desenvolvimento das forças produtivas exige o enfrentamento adequado da tensão entre educação geral e educação específica, organizadas de forma a atender às múltiplas determinações infra-estruturais e políticas que caracterizam cada momento histórico. Enquanto a formação de intelectuais era a característica marcante da educação reservada às classes mais privilegiadas, a dualidade na questão educacional permanecia restrita aos cursos primário e ginásial. A mediação entre o ginásio e o ensino superior era feita através de estudos livres e exames. As outras modalidades, normal, técnico comercial e agrícola eram voltadas para as demandas de um processo produtivo em que a indústria de transformação era incipiente, e não davam acesso ao curso superior. Com relação ao problema do dualismo educacional, observamos que as camadas médias e superiores procuravam o ensino secundário e superior como meio de ascensão social e também, justificando sua disponibilidade para permanecerem por mais tempo na escola e concluírem o Ensino Médio. O mesmo não acontecia com as camadas populares que passaram a procurar mais as escolas primárias e as escolas profissionais, devido a necessidade de trabalho imediato. O SENAI e o SENAC passaram a ministrar cursos rápidos de aprendizagem, onde os alunos eram pagos para estudar, e o sistema de educação oficial começou a preocupar-se com os cursos de formação, até mesmo porque este mesmo sistema não dava conta de acompanhar o ritmo de desenvolvimento tecnológico dos últimos anos. O sistema oficial, por sua vez, garantia à elite preparar-se para os cargos dirigentes, barrando através da organização do sistema, a ascensão das camadas populares.

Em 1961, a Lei de Diretrizes e Bases (Lei n. 4.024) instituiu um núcleo comum de disciplinas obrigatórias no currículo de vários ramos das escolas médias, agora denominadas ginásios, do primeiro ciclo. Entretanto o modelo único de estruturação do ensino só foi possível, com a LDB n. 5.692, de 1971, que estabeleceu a escolaridade elementar e obrigatória de oito anos. Aqui, a escola secundária, antigo curso ginásial elitista e propedêutico, foi absorvida pela escola de primeiro grau. O processo de expansão, incorporando parcelas cada vez mais heterogêneas da sociedade, transformou a instrução secundária em um prolongamento da escolaridade elementar e obrigatória. Este processo de escolarização passou a se apresentar como aberto, predominantemente público e destinado à formação comum da população. A extensão de maior número de anos de escolaridade, a um maior número de habitantes e a suposta eliminação das desigualdades sociais na organização formal do sistema escolar, são vistas como sendo um processo de democratização do ensino. Esse processo, além de determinar alterações substantivas no sistema educacional, suscita controvérsias quanto ao sentido mais amplo dessas alterações. Há tempo, as palavras de Anísio Teixeira explicitam o pensamento crítico e aguçado do educador que tanto colaborou com a educação pública, à medida do que em sua época era possível.

“Com o progresso do espírito democrático, que é, acima de tudo, um espírito de unificação e de destruição dos dualismos intelectuais, que se não encobrem disfarçam os dualismos sociais, o povo resolveu ingressar, não na escola prática, que a priori se lhe destinou, mas na acadêmica, com tanto maior razão, quanto se pretende que seja esta escola de formação da elite, e o povo não vê a razão de ele também não fazer elite, e por tão simples processo quanto o de estudar somente com a cabeça e não com as mãos e aprender latim e não trabalhar inteligentemente.” (TEIXEIRA apud SPOSITO, 1984, p:211)

A ruptura política ocasionada pelo golpe civil- militar de 1964 foi considerada necessária pelos setores economicamente dominantes, para garantir a ordem socioeconômica do grupo que então exercia o poder político formal, apoiado pela crescente mobilização popular alimentada pela ideologia do nacionalismo desenvolvimentista. Esta nova situação exigia novas adequações no setor educacional e foi o que fez o governo militar ajustando a LDB, já existente para dinamizar a própria ordem socioeconômica vigente. Foi então que, em 1968, no Governo Militar, acontecem a Reforma universitária e a equivalência entre os ramos

secundário e propedêutico é substituída pela obrigatoriedade de habilitação profissional para todos os que cursassem o que passou a ser chamado de ensino de 2º Grau. A redefinição do jogo político, determinado em parte pelo fortalecimento do empresariado, teve apoio na própria modernização e na evolução dos interesses e fortalecimento das forças armadas. Foram estes os setores da estrutura social que conseguiram impor-se ao restante da sociedade, em termos de: reforço do executivo e conseqüente remanejamento das forças na estrutura do poder, aumento do controle feito pelo Conselho de Segurança Nacional, centralização e modernização da administração pública e ainda cessação do protesto social.

O objetivo geral do ensino de 1º e 2º graus passa a ser o de “proporcionar ao educando a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades como elemento de auto-realização, qualificação para o trabalho e preparo para o exercício consciente da cidadania” (art.1º da Lei 5692/71). A educação para o trabalho agora é parte integrante do currículo de 1º e 2º graus, na parte de formação especial, que terá por objetivo a sondagem de aptidões, a iniciação para o trabalho no 1º grau e a habilitação profissional no 2º grau, atendendo assim as exigências do mercado de trabalho local ou regional. Ainda de acordo com Kuenzer (1997), a proposta de ensino médio traduz pelo menos três objetivos:

- ▶ a contenção da demanda de estudantes secundaristas ao ensino superior, que havia marcado fortemente a organização estudantil no final da década de 60.
- ▶ a despolitização do ensino secundário, por meio de um currículo tecnicista.
- ▶ a preparação da força de trabalho qualificada para atender às demandas de crescimento econômico que eram marcadas pelo surgimento de empresas de grande porte com organização taylorista e fordista. Compreende-se, portanto, a generalização da habilitação profissional no 2º grau, como também a sua natureza fragmentada, com cursos especializados, bem definidos para atender demandas específicas do processo produtivo. Foram 52 habilitações plenas (nível técnico) e 78 habilitações parciais (nível auxiliar), que juntas perfaziam 130 cursos que em sua maioria eram voltados para ocupações do setor secundário.

Com relação ao currículo, o currículo pleno do ensino de 1º e 2º graus passa a ser composto de uma parte de educação geral e outra de formação especial. A educação geral abrange uma base comum de conhecimentos e será dominante no

ensino de 1º grau. A formação especial, no ensino de 1º grau e nas séries finais desse nível, visa a sondagem de aptidões e iniciação para o trabalho e no 2º grau, visa a habilitação profissional. As medidas adotadas pelas leis 5.540/68 e 5.692/71 integram um conjunto de iniciativas tomadas no contexto do regime autoritário caracterizado pelo fechamento político. De acordo com Saviani...

“As modificações introduzidas na organização educacional brasileira visavam garantir a continuidade da ordem socioeconômica mas para isso foi necessário ajustar a educação à ruptura política operada em 1964, assestando, assim, um rude golpe nas aspirações populares que implicavam a luta pela transformação da estrutura socioeconômica do país.” (SAVIANI, 2000, p: 31)

A profissionalização do segundo grau e o detalhamento curricular indica uma preocupação com o aprimoramento técnico, com a eficiência e produtividade, procurando o máximo de resultados e usando o mínimo de gastos. Esta orientação foi implantada pelo grupo militar tecnocrático, que assumira o poder. Excluindo os educadores das decisões referentes à área educacional, a estes caberia apenas executar de maneira eficiente as medidas tomadas por técnicos da área econômica. A imagem da escola passa a ser a de um mecanismo pelo qual os talentos inatos são transformados em habilitações cambiáveis em renda, sob a forma de salário e lucro. Nesse contexto, a educação profissional passa a ter uma grande importância e é encarada como meio de se resolver problemas graves como o desemprego. Assim, a ampliação das matrículas e o ensino adequado aos diferentes indivíduos e mercados passam a ser instrumentos de desenvolvimento social. Mais uma vez, o momento histórico da educação brasileira escancara a intenção de dualidade escolar. Com a fusão do secundário, industrial, normal, agrícola e comercial num só curso profissional, então chamado profissionalizante, os jovens que concluíssem o 2º Grau teriam uma habilitação profissional e como o ensino superior é naturalmente seletivo, à maioria dos jovens de 15 a 17 anos, não necessitava se candidatar a um curso superior afim de conseguirem uma habilitação qualquer. A profissionalização do ensino médio mais a extensão da escolaridade obrigatória de 4 para 8 anos foram encaradas como medidas que resultariam numa abertura de oportunidades. Entretanto, a educação, acompanhando a doutrina liberal, vê a escola como instituição que tem capacidade de despertar e desenvolver talentos ou vocações que levarão o indivíduo a ocupar posições na estrutura ocupacional existente, pela

pedagogia da escola nova e pelo Estado que mostrou ter a função ideológica de dissimular os mecanismos de discriminação da própria educação, bem como os da ordem econômica. Nas palavras de Cunha,

“As desigualdades entre as classes sociais bem como a dissimulação daquilo que as produz (pela educação) são produto da ordem econômica capitalista. O Estado que regulamenta, dirige e empreende a educação é o mesmo Estado que regulamenta, dirige e empreende a ordem econômica” (CUNHA, 1985, p:60)

Atualmente, as questões e as exigências da nova etapa de desenvolvimento (neoliberalismo), provocam com relação às forças produtivas a harmonia dos resultados da ação educativa com as atuais necessidades da realidade brasileira. Assim deveriam ser atendidas as demandas do mercado internacional e interno e a consolidação do processo democrático no que diz respeito à formação do cidadão produtivo.

A orientação neoliberal, adotada pelos últimos governos a partir de Collor e Fernando Henrique Cardoso, combina um discurso que reconhece a importância da educação com a redução dos investimentos na área, participação da iniciativa privada e organizações não-governamentais. Ao Estado fica a tarefa de reger a “orquestra” do econômico, eximindo-se da responsabilidade em matéria de educação. Saviani esclarece muito bem a manutenção que garantirá a continuidade do que já existia,

“A Constituição de 1988 determina que a “União aplicará, anualmente, nunca menos de dezoito, e os Estados, o Distrito Federal e os Municípios vinte e cinco por cento, no mínimo, da receita resultante de impostos, compreendida a proveniente de transferências, na manutenção e desenvolvimento do ensino” (art.212). Frise: na manutenção e desenvolvimento do ensino. (SAVIANI 2000, p:230)

E assim a Lei 9.424, de 24/12/96, que dispôs sobre o “Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério” juntamente com a Emenda Constitucional, também aprovada em 1996, surgem como a solução pronta e acabada. Essa legislação dá início, ou continuidade, à era das avaliações e políticas educacionais que objetivam números, seleção e tabelas

que sejam aceitas pelos órgãos internacionais, tais como o BANCO MUNDIAL<sup>3</sup>, a OMC,<sup>4</sup> a UNESCO<sup>5</sup> e outras.

O Banco Mundial é uma organização composta por um conjunto de instituições liberadas pelo BIRD (Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento) que também abrange outras grandes instituições. O Banco Mundial foi criado nos Estados Unidos que sempre tiveram enorme peso em sua gestão, por serem o país que investe o maior capital, portanto fica-lhe assegurado a presidência do Banco e tem grande influência nas decisões e votações do mesmo. Também no Brasil, principalmente durante o período de expansão da economia que perdurou até o final dos anos 70, o Banco Mundial interferiu na “modernização” do campo e financiou um conjunto de grandes projetos industriais e de infra-estrutura o que contribuiu, pela política planejada e implementada, para um modelo de desenvolvimento concentrador de renda e danoso ao meio ambiente.

“Nos anos 80 com a emergência da crise do endividamento, o Banco Mundial e o FMI começaram a impor programas de estabilização e ajuste da economia brasileira. Não só passaram a intervir diretamente na formulação da política econômica interna, como também passaram a influenciar crescentemente a própria legislação brasileira (...) levaram o país a apresentar no início dos anos 90, um quadro de agravamento da miséria e da exclusão social sem precedentes neste século, com cerca de 40% de sua população vivendo abaixo da linha da pobreza.” (SOARES apud WARDE, 1996, p:17)

Como vemos neste capítulo, a escola foi historicamente concebida em diferentes contextos sociais como instituição fundamentalmente voltada para a consolidação de projetos políticos hegemônicos. Nas últimas décadas novamente evidenciamos essa relação escola e interesses políticos dominantes. No caso específico do Ensino Médio, que hoje particularmente acontece em um contexto de mudanças culturais, políticas e de relações de trabalho, novos desafios se apresentam para a instituição escolar o que motivou inclusive, a reforma curricular promovida pelo governo federal no final dos anos 90. O Ensino Médio está caracterizado na Nova LDB (Lei 9394/96) como de formação geral, correspondendo

---

<sup>3</sup> O B.M. exerce profunda influência nos rumos do desenvolvimento mundial imprimindo um caráter estratégico no processo de reestruturação neoliberal dos países em desenvolvimento por meio de políticas de ajuste estrutural.

<sup>4</sup> Organização Mundial do Comércio, organização internacional que trata das regras sobre o comércio entre as nações.

<sup>5</sup> United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization - Tem como objetivo contribuir para a paz e segurança do mundo, incentiva as nações através da educação, ciência e cultura.

ao terceiro nível da educação básica. Este nível de ensino, como já apontado anteriormente, tem sido alvo de legislações e medidas desencontradas que não se sustentam no tempo e acabam justificando a falta de identidade da escola média brasileira. Atualmente, o que se assiste é uma população imensa de jovens que procuram concluir o ensino médio na expectativa de cursar o ensino superior ou na maioria das vezes para fechar um ciclo de escolarização sem, infelizmente, grandes oportunidades de colocação no mercado de trabalho. Além do que os indicadores de rendimento escolar também revelam resultados insatisfatórios, expressos em repetência, abandono e baixa pontuação em avaliações externas como o ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio. Há de se pensar as políticas educacionais para o Ensino Médio que contemplem os objetivos definidos pela LDB para a educação básica, ou seja, o aprofundamento dos conhecimentos básicos, a preparação para o trabalho e para o exercício da cidadania. O que verificamos é que a atual LDB procurou minimizar o dualismo desse nível de ensino, obrigando a formação ampla geral, deixando a profissionalização para momentos posteriores.

No entanto, não podemos, pelos dados do ENEM, assegurar que a formação geral esteja sendo suficientemente oferecida e trabalhada no Ensino Médio.

## **CAPÍTULO 2**

### **A ESCOLA E AS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS**

Como já dissemos no capítulo anterior, as Escolas de Ensino Médio hoje recebem uma população que até poucos anos atrás não chegava nem mesmo a concluir o ensino obrigatório de quatro anos, daí a necessidade de reavaliar as formas de organização no que diz respeito à integração curricular, materiais e técnicas de trabalho dos professores, salas ambiente como laboratório e oficinas, projetos culturais e esportivos e outras necessidades adequadas para um espaço físico que dê condições para ocorrer um processo educacional de formação de qualidade em todos os aspectos. O desencontro entre as formas de trabalho adotadas pelas escolas e as expectativas de adolescentes e jovens nelas matriculados contribuiu para gerar comportamentos de contestação indispondo educadores e educandos.

#### **2.1 SOCIEDADE E CULTURA**

A organização da escola e da educação formal através de seus currículos e direcionamentos sempre está articulada aos princípios e necessidades da sociedade na qual está inserida. Assim é que, no contexto atual em uma sociedade marcada pelos conflitos e tensões de diferentes interesses de classes sociais, a educação, que deveria ser um instrumento para transformações políticas, econômicas, culturais e sociais, tendo como referência o ser humano, torna-se alavanca para gerar e transmitir um quadro de valores que legitima interesses do capital e da classe dominante. O advento da “indústria cultural” juntamente com os princípios capitalistas fomentou ainda mais, através da mídia em geral, uma revolução pedagógica que se difundiu através do poder dos meios de comunicação. Sendo assim,

“Os chamados “persuasores ocultos” ocuparam um espaço cada vez mais amplo na formação do imaginário coletivo, influenciando diretamente sobre a consciência pessoal de cada indivíduo, sobre seus níveis de aspiração, sobre seus gostos,



comportamentos, consumos, chegando a regular em larga medida a sua identidade e, portanto, também a das massas.” (CAMBI, 1999, p:630).

Observamos que a imprensa que atinge a maioria da população (jornais políticos, jornais esportivos, quadrinhos, revistas, outdoors, televisão, rádio), posta em movimento pela demanda, oferta e concorrência do mercado liga-se por um lado ao setor econômico e por outro à ideologia dos grupos dominantes, enquanto que sociedade do mundo globalizado capitalista envolve o desenvolvimento da cultura em escala também mundial. Além de tudo que tem acontecido com relação à internacionalização da cultura, formação de correntes de pensamento, interpretações da realidade social, generalização de estilos artísticos, visões de mundo filosóficas e científicas, ocorre, na opinião de Ianni (2002) novo e amplo surto de mundialização de padrões e valores socioculturais, políticos, religiosos e outros. Cabe ao marketing global, nacional ou local encarregar-se de popularizar mercadorias e ideais, modas e modos, signos e símbolos, novidades e consumismos, em todos os países, culturas e civilizações. O capitalismo, portanto, além de desenvolver e mundializar as suas forças produtivas e as suas relações de produção, desenvolve e mundializa instituições, padrões e valores socioculturais, formas de agir, pensar e imaginar. É inegável que a reação a essa homogeneização cultural imposta pelos grupos detentores do poder intensifica de forma crescente a articulação de diferentes movimentos de afirmação do direito à diferença e o fortalecimento de grupos marginalizados social e culturalmente, assunto que abordaremos no decorrer deste trabalho.

Ao falar de cultura, encontramos diversas abordagens, tratando de contextos e situações, demonstrando sua complexidade conceitual. Não é objetivo deste trabalho, argumentar a questão conceitual de cultura; entretanto, procuramos esclarecer o contexto abordado nesta reflexão. No sentido mais amplo, dizemos culturas quando nos referimos à totalidade de características de um povo, nação, sociedade, sinais estes de realidades sociais muito distintas, resultados de experiência histórica diferente. Hoje, um aspecto do estudo da cultura procura entender o sentido que fazem certas concepções e práticas codificadas através de palavras, idéias, religiões e rituais para a sociedade que as vive, buscando sua história e mostrando como a cultura se relaciona às forças sociais que movem esta mesma sociedade. (SANTOS, 1996, p:41)

A sociedade contemporânea tem uma grande diversificação interna e como diferenciação básica existe o fato de que as pessoas se posicionam de formas diferentes no processo de produção. Há aquelas que são proprietárias e aqueles que constituem os trabalhadores das organizações empresariais e outras instituições. As classes sociais que compõem a sociedade têm formas de viver diferentes, enfrentam problemas diferentes na sua vida social. Além do mais as distinções entre as classes não são tão nítidas e ainda podemos dizer que estas mesmas classes abrigam também outras diferenciações internas. Neste estudo concordamos com Moreira e Silva, (2000, p:27), quando estes dizem que “a cultura é vista menos como uma coisa e mais como um campo e terreno de luta (...) é o terreno em que se enfrentam diferentes e conflitantes concepções de vida social, é aquilo pelo qual se luta e não aquilo que recebemos”. Complementando, entendemos cultura, na sociedade dividida, como sendo constituidora e constituída por relações de poder. Cultura é inseparável da idéia de grupos e classes sociais, terreno onde acontece a luta pela manutenção ou superação das divisões sociais. Ao dizer das relações entre cultura, pedagogia e poder, Popkewitz (1992) lembra que,

“Nossas definições de cultura e visões do eu, são construções que ocorrem em relação com estruturas de poder e questões de dominação. (...) aquilo que definimos como nosso e aquilo que é visto como culturalmente diferente baseiam-se em distinções e hierarquias categóricas que constituem relações de poder”.(POPKEWITZ,1992,p:91)

## 2.2. ESCOLA E CULTURA

A escola como espaço de saber e de cultura, no contexto capitalista, cumpre o seu papel ideológico, que existe e é central, e está ligado às suas estruturas organizacionais como também aos seus conteúdos e à cultura que os alimenta. A escola, diz Althusser,

“... age no sentido da reprodução, seja da força do trabalho e das suas divisões internas e distinções seja da ideologia, da visão do mundo próprio da classe

social que está no poder e que interpreta por sua vez, seus interesses.” (ALTHUSSER,1987).

Assistimos atualmente a uma desorganização na formação de professores, nos projetos político-pedagógicos, nos currículos, na prática do professor e conseqüentemente também nos preocupa a postura e o entendimento dos alunos, independente do nível escolar em que se encontram, com relação aos objetivos da Escola e aos seus próprios. Verificamos que a instituição escolar, como todas as instituições sociais, apresenta-se como palco da luta entre o poder que domina e o poder popular que procura achar um espaço de atuação, dando origem a relações sociais conflitantes e, desde que submetida ao Estado e às aspirações da sociedade do consumo, a educação escolar tende a reproduzir relações autoritárias de poder e a divulgar um tipo de saber fragmentado e alienado. A vida na escola é determinada pelo autoritarismo, vigilância e controle e, como qualquer outra instituição burocrática, é normatizada nos seus detalhes e regulamentada por instância superior que lhe atribuí ainda mais normas. Todos em seu interior estão vigilantes, uns em relação aos outros. Freqüentemente a escola ignora que temos uma formação social diversa ou até adota frente a essa diversidade uma postura extremamente preconceituosa, deixando de refletir juntamente com seus colaboradores a construção de um Projeto Político Pedagógico que contemple diversidades de origens, religiões, etnias, cultura rural e urbana, diversidade de raças. Tratando-se do Ensino Médio, nível educacional focalizado por este trabalho, acrescentamos ainda a necessidade de um olhar especial para os jovens no sentido de buscar compreendê-los como sujeitos sociais, que constroem um determinado modo de ser jovem, muitas vezes incompreendido por toda comunidade escolar. Segundo Dayrell,

(...) construir uma noção de juventude na perspectiva da diversidade, implica não mais considerá-la presa a critérios rígidos e sim como parte de um crescimento mais totalizante, que ganha contornos específicos no conjunto das experiências vivenciadas pelos indivíduos no seu contexto social. (2003, p:42)

Se nos prendermos a imagens da juventude nos modelos socialmente construídos, tais como a juventude como momento difícil e repleto de conflitos ou a juventude com comportamentos exóticos e com períodos marcados por

experimentações ou a juventude do futuro que ainda não existe e se prepara para ser, corremos o risco de analisar o jovem de maneira negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”.

Há de se romper com a concepção utilitária da função social da escola, concepção essa que tradicionalmente faz parte das políticas educacionais brasileiras e sedimenta uma atuação política e organizacional propedêutica e excludente na educação. É necessário incorporar novas funções e dimensões às idéias de formação humana, quais sejam, as de socialização, construção de identidades, preocupação com um projeto de formação humana e não apenas de transmissão de conteúdos ou habilidades. Assim, pensamos que onde mundos culturais diferentes se enfrentam, os estudantes fazem e desmancham, criam e preservam, reconstroem e contestam as formas hegemônicas de dominação da sociedade mais ampla e da Escola. Entretanto, isso não acontece de forma pacífica, planejada e mecânica, pois o cotidiano escolar é algo bem mais complexo que a simples passividade.

Um dos grandes desafios postos no dia a dia escolar, especificamente do Ensino Médio e em Escolas Públicas, é a presença de grupos de jovens que têm sido desautorizados, marginalizados, tanto na Escola como na sociedade. São os chamados RAPPERS, CLUBERS, EMOS e outros. Percebe-se na aproximação com esses jovens uma tendência na descrição e análise dos grupos em si mesmos, possibilitando o conhecimento da sua realidade cotidiana, a forma como constroem o estilo, os significados que lhe atribuem e o que expressam no contexto de uma sociedade cada vez mais globalizada. Esses grupos fazem parte de uma população educacional de Escola Pública, acolhida pelas instituições educacionais que, respeitando os anseios de cidadãos antes excluídos de escolarização, conquistaram seus lugares em bancos escolares, mas, em troca de sua conquista, nem sempre recebem uma educação de qualidade e adequada às suas necessidades.

Relembrando nossa problematização sobre educação brasileira no primeiro capítulo, concluiremos que em tempos passados a dualidade estrutural dos níveis de cursos separava a formação e os fins da educação de pessoas vindas de classe social favorecida da escolarização e dos fins reservados para os indivíduos das classes menos favorecidas. Hoje, interesses políticos e econômicos, a ganância e o

individualismo provocam desigualdades sociais tamanhas que a exclusão não se dá mais somente em nível de cursos e, sim, o que acontece é a exclusão de sujeitos sociais dentro de uma mesma comunidade escolar. O objetivo implícito de excluir, dos programas educacionais e do poder mandante, passa a ser mais pontual e certo de maneira que os jovens estudantes iniciem seus estudos motivados pela ascensão social e pela conquista de bons empregos e acabem chegando ao Ensino Médio fracassados, decepcionados e desanimados para enfrentarem a vida futura pessoal e profissional.

“O discurso educacional em diversos momentos da história tem se caracterizado por difundir ideologia, camuflando e mistificando a realidade. Por exemplo, décadas atrás se repetia sistematicamente que na escola todos são iguais, as oportunidades são as mesmas para todos e o acesso à educação é garantido a todos os cidadãos. Muita análise crítica foi necessária para desmontar esses discursos e denunciar seu efeito perverso e desmoralizador, principalmente nas classes, camadas e grupos sociais mais desfavorecidos, que introjetavam o discurso do fracasso como algo próprio, naturalmente inerentes a eles.(...) Mesmo nos dias de hoje, e apesar da crítica produzida em diversos meios, os efeitos desses discursos se fazem sentir nas práticas educacionais vigentes em muitas escolas, redundando na culpabilização dos alunos. (LAPLANE, 2007, p:12)

Outra via de análise comparativa aos estudos do capítulo 1 é o fato das escolas públicas abrirem seus portões para receberem alunos, filhos de operários e pertencentes a classes sociais desfavorecidas, que antes não tiveram oportunidades de acesso à educação e que hoje, com a liberdade de expressão, de forma individual ou em grupos manifestam suas idéias e suas críticas com relação à ordem social e à organização escolar em todos os seus aspectos funcionais ou os referentes ao grupo docente e direção. Esses jovens, atuais alunos do Ensino Médio, através de suas manifestações culturais, e inseridos em um contexto social que individualiza e discrimina, tentam demonstrar sua indignação e revolta às desigualdades que sofrem nas oportunidades, quais sejam educacionais ou materiais. São próprias da juventude, reações de contestações. Entretanto, como educadores, cumpre-nos a tarefa de compreendermos suas inquietações e orientá-los de forma que se eduquem no sentido de adquirirem consciência política e crítica. Para ilustrar, lembremo-nos de outros jovens que, a partir da segunda metade do século passado, foram protagonistas centrais de muitas das principais mudanças socioculturais. Os movimentos juvenis formados por jovens da classe média e

também da classe mais pobre abrigavam utopias relacionadas à liberdade de expressão, democracia e valores que antagonizavam os princípios econômicos capitalistas. Nesse contexto inscreve-se o Tropicalismo, movimento brasileiro encabeçado por Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil e outros, que se alimentara das experiências dos jovens da década de 60 do movimento Hippie. Certamente que os atuais jovens das escolas públicas, vindos da periferia, das favelas e bairros populares, não necessitam mais lutarem pela liberdade de expressão, entretanto construíram maiores âmbitos de expressão, revelando novas formas de criação e de resistência cultural e social, denunciando através de suas maneiras de vestir, falar e comportar, insatisfações relacionadas a valores do sistema econômico e social e das desigualdades sociais por eles sofridas.

Alguns movimentos juvenis, formados por jovens pobres e de alguns dos setores médios, principalmente os pertencentes aos níveis mais baixos podem ser observados nas regiões urbanas e no interior de escolas com predominância nas escolas públicas. O RAP, movimento juvenil com origens sociais e étnicas definidas, cria espaços de reencontro juvenil e racial e juntamente com o REGGAE são expressões de diversos elementos culturais de identidade afro-brasileira.



Fonte: [www.ondeestaamericalatina.com/oeal/Sussuarana/SAMBA%20HOP%20SP/SHSP%20Rappin%20Hood.jpg](http://www.ondeestaamericalatina.com/oeal/Sussuarana/SAMBA%20HOP%20SP/SHSP%20Rappin%20Hood.jpg). 29/06/2008 – 20:30h.

Rap é uma palavra formada pelas iniciais da expressão rhythm and poetry (ritmo e poesia no idioma inglês). É a linguagem musical do movimento cultural HIP-HOP, um estilo juvenil que agrega outras linguagens artísticas como as artes plásticas, o grafite, a dança, o break e a discotecagem, o DJ. A origem do Movimento Rap remonta à Jamaica, mais ou menos na década de 60 quando surgiram os Sound Systems, que eram colocados nas ruas dos guetos jamaicanos para animar bailes. Esses bailes serviam de fundo para o discurso dos mestres de cerimônia, que comentavam nas suas intervenções, assuntos como a violência das favelas, a situação política da ilha, sem deixar de falar dos temas mais polêmicos como sexo e drogas. No início da década de 70, muitos jovens jamaicanos foram obrigados a emigrar para os EUA, devido a uma crise econômica e social que se abateu na ilha. Em Nova Iorque, a tradição do Sound System e do canto falado se sofisticou com gravações que atingiram o grande mercado econômico. O HIP-HOP é o movimento cultural criado como forma de reação aos conflitos sociais e à violência sofrida pelas classes menos favorecidas da sociedade urbana. É uma espécie de cultura das ruas, um movimento de reivindicação de espaço e voz das periferias, traduzido nas letras questionadoras e agressivas, no ritmo forte e intenso e nas imagens grafitadas pelos muros das cidades. No Brasil, este movimento foi adotado por jovens pobres da periferia como forma de discussão e protesto contra o preconceito racial, a miséria e a exclusão.

Outra manifestação muito comum entre os jovens é a dos Grafiteiros ou Pichadores que ocupam as paredes com palavras de ordem e grafites mudando a aparência de residências, edifícios ou pontes.



*Pátio da EE Carlos Gomes. Realizada por aluno sujeito da pesquisa.*

Os locais de mais difícil acesso são alvos das latas de spray e das inscrições nas quais os jovens revelam suas tribos e preferências de estilos gráficos. As marcas visíveis são os nomes do pichador e do grupo ao qual ele pertence. Também encontramos alusões às suas referências afetivas, sua galera, sua gangue, sua torcida. Normalmente, se formam a partir de um grupo de amigos, reconhecem um chefe (o melhor de briga), definem um código de identificação e saem para popularizar sua “marca”. Pichar lugares difíceis confere popularidade e respeito, mas também pode criar rivalidade, principalmente quando esta já existe em outros âmbitos sociais. Vale frisar que no contexto de consumo no qual vivemos, todos os movimentos de manifestações culturais dos jovens são aproveitados para gerar comércio de roupas, acessórios e produtos afins. Segundo Arce,

“Do mesmo modo que outras expressões juvenis como o hippismo ou o punk, a expressão gráfica desses jovens também foi apropriada por parte do mercado comercial, que a integrou a diferentes produtos audiovisuais, aos desenhos de peças de vestuário (camisetas, bonés), à decoração e à publicidade comercial. Uma vez mais, as indústrias culturais recriam e transformam os conteúdos críticos das expressões populares, tornando-as assépticas, vendáveis e rentáveis.” (ARCE, 1999, p:140)

Outro grupo que está tomando conta das ruas e shopping centers são os Emos. O nome tem origem na expressão da língua inglesa, emotional hardcore, vertente do punk que mescla em suas músicas som com batidas marcantes e letras românticas. Os Punks têm letras musicais políticas enquanto que as composições dos Emos falam dos sentimentos dos adolescentes. Os jovens adolescentes pertencentes aos grupos Emos têm de 11 a 18 anos, usam piercings, muitas pulseiras prateadas, cabelos coloridos, lisos e com franjas escondendo parte do rosto e também pintam os olhos com lápis bem pretos.

Como outras tribos de adolescentes, os Emos têm linguagem própria exagerando em diminutivos e na maioria das vezes transformando a língua portuguesa com palavras chulas e estranhas.

Estes jovens com características atípicas estão nas escolas desafiando regras e condutas padronizadas e também exigindo dos grupos docentes e



dirigentes novos rumos que venham harmonizar o ambiente escolar de forma a propiciar melhor qualidade nas relações entre membros da comunidade escolar.



*Jovem do grupo “Emos”. Realizada por aluno sujeito da pesquisa.*

Estes jovens com características atípicas estão nas escolas desafiando regras e condutas padronizadas e também exigindo dos grupos docentes e dirigentes novos rumos que venham harmonizar o ambiente escolar de forma a propiciar melhor qualidade nas relações entre membros da comunidade escolar. A organização funcional e estrutural da escola não deve ser sustentada apenas por um plano racional determinado pela burocracia. A escola é uma totalidade mais ampla que compreende não apenas as relações ordenadas conscientemente, mas, ainda todas as que derivam de sua existência enquanto grupo social. Conforme afirma Nóvoa,

“As escolas são instituições de um tipo muito particular, que não podem ser pensadas como qualquer fábrica ou oficina: a educação não tolera a simplificação do humano (...) que a cultura da racionalidade empresarial sempre transporta”. (NÓVOA, 1998, p:16)

Segundo Viñao Frago, a escola tem sua cultura estabelecida, o mesmo acontecendo com o sistema educacional, ou seja, também existe uma cultura institucionalizada que se expressa como um conjunto de “ idéias, pautas e práticas

relativamente consolidadas como modo de hábitos. Os aspectos organizativos e institucionais contribuem (...) a conformar uns ou outros modos de pensar e atuar e, por sua vez, estes modos conformam as instituições, num outro sentido” (VIÑAO FRAGO, 1998, p:169)

A instituição escolar, portanto, estrutura-se em processos, normas, valores, significados, rituais, formas de pensamento que constituem sua própria cultura que não é monolítica, estática e nem repetível.

No entanto, garantir o acesso e a manutenção de jovens cujo comportamento diferencia-se daqueles esperados como padrão, exige da comunidade escolar em primeiro lugar o reconhecimento deles na escola, bem como o direito que têm à educação.

“... o conhecimento e a capacidade de exercício dos direitos de cada um, assim como a consciência do dever de respeitar os direitos dos outros, dependem da realização do direito à educação.” (MONTEIRO, 2003:766)

A escola pública, por meio de sua equipe, tem papel fundamental no que diz respeito ao direito à educação, pois é por meio da educação que a pessoa se tornará capaz de usufruir de outros direitos próprios do homem.

## **CAPÍTULO 3**

### **A ESCOLA ESTADUAL CARLOS GOMES E OS SUJEITOS DA PESQUISA**

A seguir procuraremos abordar alguns aspectos da Escola Estadual Carlos Gomes, instituição onde cursei todo o meu período de escolarização, desde o antigo Jardim da Infância, hoje Educação Infantil, até o Magistério que correspondia aos três últimos anos da atual Educação Básica ou Ensino Médio, ou ainda os últimos anos que antecedem o Ensino Superior. Durante os anos de 2006 e 2007, tenho como lócus de estudo esta mesma Escola Pública.

Nos primeiros meses do ano de 2007, passei por um período de recordações, inclusive porque estava como professora de uma sala de 3ª série do Ensino Fundamental, na mesma sala de aula onde eu cursei a minha terceira série do antigo Curso Primário, correspondente na época da 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental atual. Além disso, cada corredor ou cantos reavivavam minha memória com falas e imagens de colegas que há muito tempo fizeram parte do meu convívio. Após essa fase de encantamentos, passei a observar a Escola Carlos Gomes, como é normalmente chamada, com olhos de pesquisadora e com grande vontade de estudar pontos que pudessem favorecer a antiga Escola Normal, considerando a atual comunidade escolar e objetivando uma formação plena de valores humanos.

#### **3.1. ORIGEM E HISTÓRIA DA ESCOLA ESTADUAL CARLOS GOMES**

Conhecer um pouco da história dessa instituição é fundamental para a compreensão de sua organização atual e das falas dos sujeitos da minha pesquisa. A Escola Estadual Carlos Gomes foi criada pela lei nº 861 de 14 de dezembro de 1902 e inaugurada em 13 de maio de 1903. Recebeu vários nomes durante diferentes épocas. Precedida por uma forte herança educacional de fundamentação positivista e republicana, a Escola Complementar de Campinas cumpriu um papel essencial na tarefa de formar e fazer multiplicar o número de professores primários necessários à escola republicana. A futura Escola Normal

Carlos Gomes nascia como símbolo deste ideário. Teve as seguintes denominações:

DATA	NOMES
1903	ESCOLA COMPLEMENTAR DE CAMPINAS
1911	ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA
1920	ESCOLA NORMAL DE CAMPINAS
1936	ESCOLA NORMAL CARLOS GOMES
1942	ESCOLA NORMAL E GINÁSIO ESTADUAL CARLOS GOMES
1951	INSTITUTO DE EDUCAÇÃO CARLOS GOMES
1976	ESCOLA ESTADUAL DE PRIMEIRO E SEGUNDO GRAUS CARLOS GOMES
1998	ESCOLA ESTADUAL CARLOS GOMES

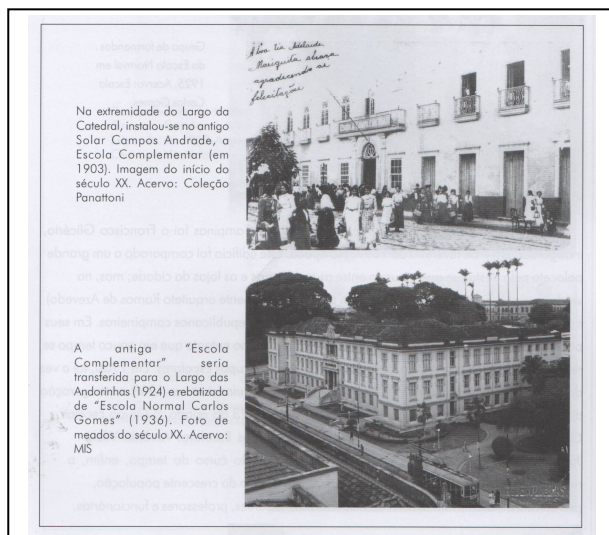
Para sua instalação, a Câmara Municipal de Campinas alugou, nesse município, um prédio localizado à Rua Treze de Maio com a Rua Francisco Glicério. Seu primeiro diretor foi Antonio Alves Aranha que realizou os primeiros exames a fim de admitir alunos para o primeiro ano da escola. Foram aprovados 100 alunos, 28 do sexo masculino e 72 do sexo feminino, que se matricularam para a formação de professores nos mesmos moldes da Escola Estadual Caetano de Campos na cidade de São Paulo.



*Escola Normal de Campinas, 1923. Fonte: Conhecer Campinas numa perspectiva histórica, 2005.*

Os Grupos Escolares também eram uma inovação republicana. Com a intenção de escolarizar em massa, eles apresentavam uma estruturação interna

baseada na graduação escolar (classificação dos alunos por séries), na adoção de programas de ensino e na reunião de vários professores e de várias salas de aula em um mesmo edifício escolar e ainda na divisão de trabalho no qual os professores se encarregavam de uma única série de cada vez.



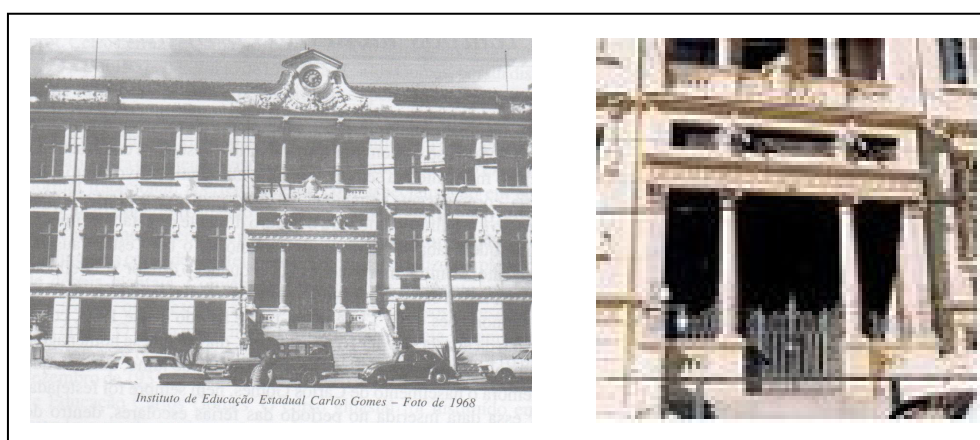
*Escola Normal de Campinas, 1923 Fonte:Conhecer Campinas numa perspectiva histórica, 2005.*

A Escola Normal Primária em meados de 1911 fica pequena para abrigar tantos alunos e o projeto de construção de um novo prédio é idealizado por volta de 1917, para ser construído ao lado do, naquela época, recém inaugurado Jardim Carlos Gomes e de frente para a Rua Irmã Serafina.(Foto)



*Escola Normal de Campinas, 1923.Fonte: Escola Normal – A andorinha do amor,2003.*

O terreno pertencia à Câmara dos Vereadores do Município de Campinas, num lugar de muita tranqüilidade, longe da agitação do centro comercial da cidade . O arquiteto paulista Cesar Marchisio foi o responsável pelo encaminhamento do projeto. A linha arquitetônica do prédio é de estilo neoclássico, inspirada nos grandes edifícios públicos europeus do século XVII, principalmente nos franceses onde a nobreza das proporções e a sobriedade da decoração estão presentes. A imponência do prédio fica na parte frontal e central da construção onde através de uma larga escada as pessoas adentram o prédio.



*Entrada principal do prédio em 1968 e 1998. Fonte: Escola Normal - A andorinha do Amor,*

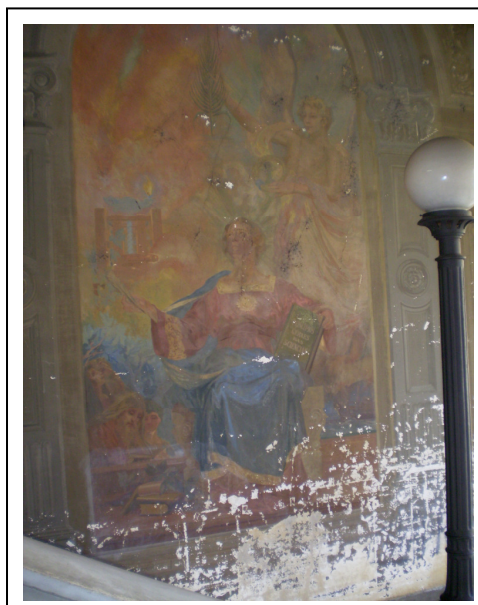
*(p: 108, 2003).*

Para que se tenha uma idéia do requinte do acabamento do prédio, que recebia as classes média e alta da sociedade campineira, foi importado mármore italiano para o revestimento das escadarias da entrada principal. O piso dos corredores e os “halls”, foram executados com a utilização de pisos alemães e as peças de mobiliários, de fabricação austríaca.



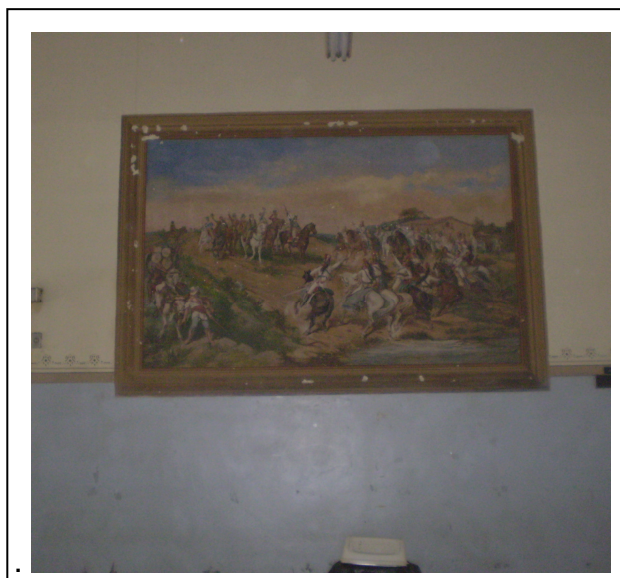
*Corredores, hall de circulação e piso. Foto realizada por aluno sujeito da pesquisa.*

O pintor De Servi, na época artista recém chegado da Itália e autor de grandes obras expostas no Museu do Ipiranga de São Paulo, executa dois magníficos murais na entrada principal do prédio, lateral às escadarias em mármore italiano.



*Afrescos em hall de entrada do prédio. Foto realizada por aluno sujeito da pesquisa.*

Também é de autoria do artista italiano, o grande painel que decora a entrada do salão de festas e auditório da escola, alusivo à Proclamação da Independência.



*Detalhe de afresco interno ao auditório. Realizada por aluno sujeito da pesquisa.*

A Escola Normal de Campinas é inaugurada no dia 14 de abril de 1924 pelo governador do Estado de São Paulo, Washington Luiz, que dois anos depois seria eleito presidente da República do Brasil.



*Escola Normal e Ginásio Carlos Gomes, 1946. Fonte: Escola Normal – Andorinha do Amor, 2003*



Atualmente, a Escola Estadual Carlos Gomes, abriga aproximadamente 1100 alunos do Ensino Médio no período matutino, 630 alunos de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, no período vespertino e 1200 alunos do Ensino Médio e EJA (Educação de jovens e adultos – Supletivo) no período noturno. Além disso, existem salas de Educação Especial para pessoas com necessidades especiais com baixa visão e deficiência auditiva. Analisando o número de alunos e a diversidade de níveis podemos afirmar que a organização escolar da Carlos Gomes é um grande desafio para diretores, coordenadores, professores e funcionários. Ainda fazendo parte do complexo escolar, encontramos a Cantina, o Refeitório, a Biblioteca (hoje instalada no porão da Escola- o grande acervo de livros que antigamente existia foi deteriorado pela falta de recursos e pessoal especializado para conservação adequada), o Auditório que recebeu grandes eventos culturais no passado, Secretarias, Diretorias e sala de Coordenação Pedagógica, Laboratório de Biologia e de Informática, duas Quadras de Esportes, uma de basquete e futsal e outra de vôlei, quatro pátios muito grandes para reunião dos alunos em intervalos de aulas.



*Quadras de esporte coletivo. Fotos realizadas por aluno sujeito da pesquisa.*



*Pátios internos. Fotos realizadas por aluno sujeito da pesquisa.*

Como vimos anteriormente, a Escola foi inaugurada com alunos que necessitaram prestar uma prova de admissão às limitadas vagas existentes para os cursos, entre eles estavam os filhos da nova burguesia campineira que exigiam bancos escolares públicos concorrendo e ganhando de pessoas que vindas da zona rural, procuravam na escola, a ascensão social e econômica que tanto aspiravam. Poucos eram aqueles que conseguiam romper o obstáculo dos exames e iniciar seus estudos. Até fins dos anos 50 e durante a década de 60, essa mesma população de alunos e alunas das classes média e alta freqüentava a Escola Carlos Gomes.

Em meados dos anos 70, a escola pública abriu suas portas para a sociedade em geral, despreparada para atender a atual comunidade escolar e, já carente de recursos financeiros oriundos do Estado, entrou em um período de grandes problemas de origem financeira e organizacional que se estende até os dias atuais. A EE Carlos Gomes, contando com os esforços da atual equipe educacional, recebe os alunos do Ensino Médio que são ainda atraídos pelo antigo e alto conceito de escola pública de qualidade de ensino e com freqüência da classe média e alta. Esses alunos vêm de vários bairros da cidade, inclusive de cidades vizinhas.

No período vespertino, os alunos de 1<sup>a</sup> a 4<sup>a</sup> séries do Ensino Fundamental, geralmente são filhos de pessoas que trabalham no centro em escritórios e lojas comerciais ou filhos de empregadas domésticas que, de passagem pela Escola, deixam seus filhos e seguem para o emprego nos bairros Cambuí e Nova Campinas. No período noturno, os alunos são em geral empregados do comércio local ou de empresas do entorno de Campinas. Cursam o Ensino Médio regular ou o Supletivo EJA.

Temos, portanto, três diferentes populações freqüentando aulas nos três períodos de funcionamento da Escola. No período da manhã, a maioria dos alunos não está empregada, alguns são filhos de pais trabalhadores que, no passado com situação econômica melhor, mantinham seus filhos em escolas particulares. No período da tarde, crianças que não residem nos arredores da Escola, cujos pais encontram na Escola Estadual Carlos Gomes um ponto estratégico para levar e buscar seus filhos em horários que combinam com seus empregos, desconsiderando, portanto o comprometimento da família com a escolarização das

crianças. Colocamos esta observação, pelo fato de, por várias vezes em reuniões de pais e mestres, como professora, sentimos a ausência dos pais que enviavam parentes ou amigos para os substituírem, anulando a oportunidade de diálogo entre professor e família. Os alunos do período noturno, tanto do Ensino Médio regular como do Supletivo, demonstram objetivos explícitos de estarem na Escola para obterem o certificado de conclusão do Ensino Médio a fim de conseguirem um emprego melhor ou no caso do EJA (Ensino de Jovens e Adultos), necessidade de aprender a ler e escrever para “ser alguém na vida”.

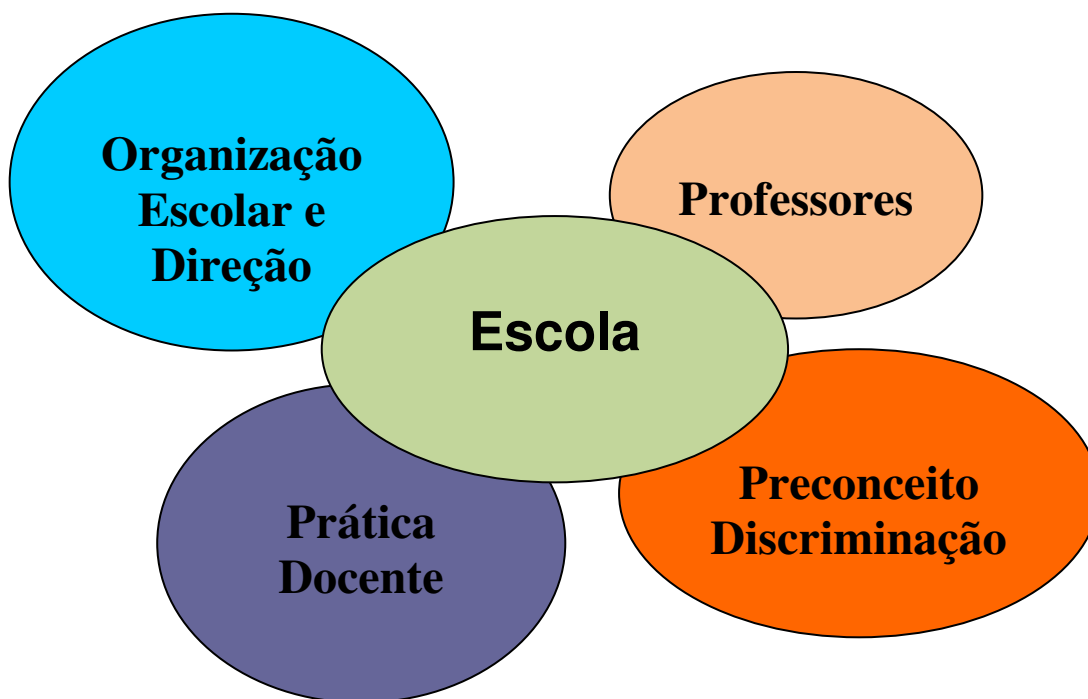
Diante destas colocações, concluímos que é grande o grau de dificuldades em se organizar a Escola Estadual Carlos Gomes e dar conta da diversidade de interesses, do grande número de alunos, dos diversos contextos de vida dos mesmos e ainda atender às demandas e exigências do sistema educacional de ordem burocrática, de conservação e organização do ambiente físico da Escola, contando com 150 professores, quantidades insuficientes de coordenadores pedagógicos e funcionários. É então, desta comunidade escolar ímpar, que despontam os sujeitos da minha pesquisa. Penso ser oportuno, apoiada nas palavras de Charlot, colocar o que entendo por “sujeito”, até mesmo para contextualizar meu próximo passo que será a análise das falas dos alunos e professores.

“Um sujeito é um ser humano, aberto a um mundo que não se reduz ao aqui e agora, portador de desejos, movido por esses desejos, em relação com outros seres humanos, eles também sujeitos; é um ser social, que nasce e cresce em uma família (ou em um substituto da família), que ocupa uma posição em um espaço social, que está inscrito em relações sociais; é um ser singular, exemplar único da espécie humana, que tem uma história, interpreta o mundo, dá um sentido a esse mundo, à posição que ocupa nele, às suas relações com os outros, à sua própria história, à sua singularidade. (CHARLOT, 2000, p:33)

Abordaremos a seguir, a análise do conteúdo das entrevistas, procurando refletir as falas dos alunos e professores em categorias temáticas e acrescentando novas explicações e interpretações.

### 3.2. O QUE PENSAM E FALAM OS ALUNOS DA ESCOLA ESTADUAL CARLOS GOMES

Em momentos de descontração e também de aceitação à solicitação da pesquisadora com relação aos assuntos que seriam tratados, os alunos acomodavam-se em pequenos círculos, nas escadarias do pátio ou de corredores e vestindo jeans rasgado, piercings, pulseiras, cintos e braceletes com rebites, tênis “All Star”, bonés, algumas garotas com maquiagem e cabelos coloridos modelados e com cortes extravagantes, manifestavam de maneira alegre e descontraída suas idéias a respeito de: Escola, Professores, Direção, Preconceito e Discriminação, Consumo e Mercado. A seguir, apresentamos os temas, as análises e interpretações, do material coletado junto aos estudantes.



#### **ESCOLA**

Quisemos ouvir dos alunos a justificativa por terem escolhido a Escola Estadual Carlos Gomes para cursarem o Ensino Médio, pois a maioria deles, senão todos, residem em outros bairros distantes do centro onde geralmente existem outras escolas públicas. Disseram...

**“(...) nesta Escola tem gente de todo lugar, de tudo que é bairro; se você frequenta a escola de seu bairro você não conhece muita gente nova; é sempre o mesmo pessoal dali de onde você mora.” (S.7- 2º ano)**

**“(...) Uma coisa melhor, a gente veio de uma escola pequena pensando que o povo era melhor... Por causa de a Escola ser grande assim, por ter bastante aluno...” (S.1- 1º ano)**

Podemos perceber que os alunos ainda mantêm a imagem da Escola Estadual Carlos Gomes do início do século XX, constituindo um significativo patrimônio da cidade, tanto pela sua condição de instituição educacional, quanto por representar uma marca dos princípios preconizados pelos republicanos para a educação pública. As elites republicanas afirmavam que a educação deveria ser vista como fundamento de estabilidade democrática e de desenvolvimento sócio-econômico e cultural, em especial em um país marcado centenariamente pela escravidão.

**“(...) Uma escola como esta que está no centro, bem conhecida, a repercussão dela é grande aqui em Campinas. Ela pode ser uma das melhores!” (S.12 – 3º ano)**

Em outros discursos, percebemos que os alunos, em um primeiro momento, dizem frequentar a Escola para fazer amigos, namorar, conversar e depois aprender.

**(...) eu vim para a Escola prá pegá as mina, beijá bastante, porque diziam que aqui tem meninas bonitas! (S.7 – 2º ano)**

**(...) então, a Escola é boa, tipo, tenho amigos, venho aqui para conversar, distrair um pouco, fazer as coisas, mas tem alguns professores, sabe que não me entende... o professor não gosta muito disso” (S.4 – 2º ano)**

**(...) Eu venho pra estudar. No começo do ano eu vinha mais pelas amizades, mas agora que eu vi, tipo, que eu to ruim e vou repetir, aí agora confesso, venho prá estudar. (S.2 – 1º ano)**

**(...) Eu venho mesmo prá estudá, passá de ano, fazer minhas lição, mas aí, como eu sou meio desligado, eu perco atenção fácil, eu começo brinca e zoar e fico só conversando. (S.4 – 2º ano)**

Concordamos, como educadores, que o processo educacional deve ocorrer em um ambiente permeado por valores de amizade, solidariedade, companheirismo. Entretanto a Escola tem como função primordial o ensino e o desenvolvimento cognitivo e os alunos não devem confundir e trazer para o interior da instituição escolar comportamentos característicos a eventos e lugares de lazer. Compartilhamos o pensamento de Charlot (2005), refletindo que,

(...) devemos levar a sério a ambição democrática da escola e a idéia de que ela é acima de tudo feita para permitir que os jovens adquiram saberes e competências cognitivas e intelectuais que eles não poderão adquirir em outro lugar e que ela é feita também para desenvolver sentido em suas vidas, mas de uma forma que só pode acontecer dentro dela. (CHARLOT, 2005, p:120)

**(...) Bom eu venho pra Escola pra aprender, mas, tipo, de uma certa forma, pra ver meus amigos também...eu morava em São Paulo, então eu cheguei aqui, tipo, era meio aquela coisa de você não conhecer ninguém; eu não conhecia a cidade e foi aqui que eu comecei a ter amigos, aqui foi o ponto inicial. (S.3 – 2º ano)**

Por outro lado em uma análise psicológica, veremos que os jovens adolescentes, demonstram procurar identidades nos grupos, usufruindo de relações de amizade e compartilhando os mesmos sentimentos de ansiedade e procura, como analisado no capítulo dois. Na busca da identidade adolescente, o indivíduo recorre como comportamento defensivo à busca de uniformidade, que pode proporcionar segurança e estima pessoal. Neste momento remeto-me às tribos, sujeitos da minha pesquisa, que compartilham as idéias, os gostos, as vestimentas, tornando-se iguais Desta maneira,

(...) o fenômeno grupal adquire uma importância transcendental, já que se transfere ao grupo grande parte da dependência que anteriormente se mantinha com a estrutura familiar e com os pais especialmente. O grupo constitui assim a transição necessária no mundo externo para alcançar a individualização adulta. (KNOBEL, 1992, p:37)

Ainda com relação à Escola, os alunos demonstraram preocupação em estudar visando ascensão social e um bom emprego, fato este, marcante na história da educação brasileira. Lembremos que a educação tida como degrau na escala social é uma promessa enganosa porque poucos são os que, bem formados, rompem as barreiras das desigualdades sociais e ocupam no mercado de trabalho cargos dirigentes normalmente reservados para a classe privilegiada. Não nos esqueçamos também que o sistema educacional é organizado para preparar mão de obra que impulse os objetivos econômicos e sociais do poder atuante naquele momento. Na perspectiva da garantia de trabalho através da qualificação ou certificação dadas pela escola, a população parte à procura da educação escolarizada, lotando salas de aula. Portanto o discurso abaixo é revelador e corrobora a idéia acima citada.

**(...) a minha mãe fala: estuda prá você não ser o que eu sou. Minha mãe trabalhava em casa de família, aí hoje, ela trabalha junto com o meu irmão. Só que ela encontra dificuldades pra fazer cálculos, então ela sofre prá caramba. Então, a primeira coisa que penso é terminar a escola! (\$.2 – 1º ano)**

## **ORGANIZAÇÃO ESCOLAR E DIREÇÃO**

As entrevistas demonstraram também algumas referências relacionadas à organização escolar e à direção. Um dos aspectos comentados diz respeito à combinação número de alunos em sala de aula e desempenho escolar. À medida que a organização escolar desrespeita o número máximo de alunos em sala de aula permitido pela legislação escolar, Nível Médio, que é de 40 alunos, sobrecarrega o professor e causa desconfortos e falta de motivação nos alunos.

**(...) Minha antiga escola era pequena, tinha menos aluno e a professora dava conta, assim de explicar pra todo mundo e todo mundo entendia. Tanto é que lá a gente só tirava nota nove e dez. Quando a gente veio pra cá eu não tenho uma nota azul na minha carteirinha. (S1 – 1º ano)**

**(...) Lá na outra escola tinha 30 ou até menos que 30 alunos, aqui tem 47! (S.2 – 1º ano)**

Quando o assunto foi o que deve ser ensinado na escola, os alunos inferiram aspectos de conteúdo, instalações físicas da Escola e até mesmo comentários sobre a prática docente e o comportamento do professor.

**(...) Eu acho que eles deveriam dar alguma palestra sobre preconceito. Esta Escola está cheia de preconceitos! (S.2 – 1º ano)**

Por várias vezes os alunos usaram os termos preconceito e discriminação e pudemos perceber, através de seus relatos, o tanto que eles próprios são preconceituosos! Adiante, analisaremos esse aspecto que fez parte de nossas entrevistas.



O discurso seguinte faz um alerta de como devemos organizar as disciplinas e atividades que julgamos necessárias e que devem ser incluídas no currículo escolar.

**(...) Não adianta ensinar sobre drogas. Outro dia teve palestra, o cara levantou e disse prá todo mundo ouvir: eu cheiro cocaína, faço isso, faço aquilo. No fim o cara ficou sendo o herói da hora. Ele se sente o máximo e não vai largar de se drogar. (S.8 – 2º ano)**

Talvez fosse oportuno refletirmos sobre o fato da ineficácia de se organizar projetos fragmentados em atividades aqui e acolá, sem a amplitude e a interdisciplinaridade de um Projeto Político Pedagógico, organizado ou atualizado anualmente por todos os envolvidos no processo educacional. A fala do aluno revela que uma palestra sobre drogas e desligada de outras atividades escolares, torna-se passageira e improdutiva. Entretanto reconhecemos a necessidade de alertarmos nossos alunos dos perigos das drogas, tanto as ilícitas, quanto o cigarro e o consumo excessivo de bebidas alcoólicas. Cada vez mais surge a necessidade de não compartimentarmos os conhecimentos que devem ser construídos no processo educacional e sim procurarmos atingir uma formação ampla que dê conta de articular conteúdos das séries com os problemas atuais vividos pelos jovens do Ensino Médio.

Ainda sobre a organização escolar, o aluno entrevistado manifestou disponibilidade para participar ativamente do cotidiano escolar da Escola Carlos Gomes, inclusive elegendo a área de esportes. Tudo que a Escola deveria almejar está neste comprometimento dos alunos com o ambiente escolar que facilita a auto educação disciplinar, que se estende às outras atividades escolares, além de inserir a participação dos alunos que terão oportunidade de perceber os inúmeros problemas da Escola, tendendo naturalmente na ajuda para a solução dos mesmos. O jovem está na fase da descoberta querendo oportunidades para criar e potencializar. A Escola é para os jovens e também para nós professores, um espaço de incentivos que são muito pouco aproveitados. Devemos, portanto, abrir espaços

para a juventude criar e agir, com direitos ao lazer, à cultura e aos esportes que fazem parte do programa organizado pela comunidade escolar.

**(...) Eu acho que tem de ter mais coisa na Escola, tipo, campeonatos bem organizados. Eu organizei um campeonato que não foi o melhor, mas deu certo, pelo menos eu tentei. Agora, falei com a diretora e apresentei um projeto para montar com as salas. (\$.7 – 2º ano)**

**(...) Eu acho que tinha de ter mais aulas de Filosofia, que é uma coisa, assim, que abre a cabeça das pessoas, Sabe? Eu queria mais aula de Filosofia... (\$.3 – 2º ano)**

Perfeita a percepção do aluno com relação à disciplina de Filosofia. As aulas de Filosofia, na Escola Carlos Gomes, são ministradas no 1º e 2º anos do Ensino Médio. A Nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96) vem conferir uma nova identidade ao Ensino Médio, determinando que o Ensino Médio é a fase final e obrigatória da Educação Básica. É no contexto da Educação Básica que esta lei determina a construção dos currículos, no Ensino Fundamental e Ensino Médio “com uma Base Nacional Comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela” (Art.26). O fato dos Parâmetros Curriculares estarem organizados em cada uma das áreas (Linguagens, Códigos e suas tecnologias, Ciências da Natureza, Matemática e suas tecnologias e Ciências Humanas e suas tecnologias) por disciplinas, não significa que estas sejam obrigatórias. O que é obrigatório pela Lei de Diretrizes e Bases ou pela Resolução nº 03/98, são os conhecimentos que estas disciplinas apresentam as competências e habilidades, a eles referidos e mencionados nos citados documentos. A área de “Ciências Humanas e suas tecnologias”, abrange também a Filosofia, que tem por objetivos desenvolver consciências críticas e criativas, capazes de gerar respostas adequadas a problemas atuais e a situações novas. Acrescentamos também que, a Sociologia

seria uma disciplina muito importante para fazer parte do currículo do Ensino Médio, pois através do entendimento das relações sociais produzidas na realidade social, o aluno compreenderia melhor a sociedade em que vive como uma construção humana que sempre se reconstrói ao longo das gerações em um processo contínuo de historicidade.

A seguir, recortamos uma fala do S.6, com relação à escola pública em geral, complementando com algumas opiniões sobre a Escola Carlos Gomes.

**(...) A Escola Pública não ensina nada. Acho que alguns professores são bons mas, a maioria não. Não sou de muitas amizades aqui na Escola. Venho para a Escola para aprender. Faltam laboratórios, atividades fora da sala de aula. Ficá sentado dentro da sala de aula, não dá! Queria aprender Biologia, por exemplo, em laboratórios, não copiando o que o professor escreve na lousa! Tudo me desagrada nesta Escola: Alguns professores, as cadeiras e mesas da sala, a maneira como sou tratado, a maneira de alguns professores ensinarem; é tudo mal conservado! Na Escola, deve ser ensinado o que se precisa saber para viver. (S.6 – 3º ano)**

Expressando-se de maneira severa, este sujeito apresentou-se como ex-aluno de escola particular, agora freqüentando ensino público pelo fato da família estar passando por uma fase de dificuldades econômicas. O aluno, diferentemente dos outros estudantes, não costuma fazer amizades na Escola, afirmando estar na Escola para aprender e não para fazer amizades. Reconhece a qualidade de alguns professores, mas não da maioria. Diz também que a escola pública não ensina nada. Quanto à prática docente, foram muitos os alunos que mostraram descontentamento com a ausência de criatividade dos professores somada à falta de equipamentos que venham auxiliar na apreensão de conteúdos, como por exemplo, a falta de laboratório para o entendimento da Biologia. Outra crítica, que deveríamos assimilar e tentar melhorar a nossa prática docente é com relação ao estilo conservador de ensino, alunos sentados copiando o que o professor escreve na lousa. Fica também comprovado a falta de verbas ou o mau uso das mesmas no sentido de fazer uma melhor conservação do prédio e dos mobiliários da Escola. A

propósito, lembremos que o prédio onde funciona a Escola Carlos Gomes é tombado e toda reforma no edifício, além de necessitar de sucessivas aprovações de instituições responsáveis, é muito dispendiosa. Entretanto, ligado a todo descaso do poder público, existe também a idéia de que a maioria das pessoas não têm a conscientização de que tudo que é público pertence a todos e o vandalismo das pichações nas paredes, mobiliários e outros pertences da Escola nada mais é do que prejuízo para todos os cidadãos.

**(...) Ah... da Escola eu gosto sim! Eu gostaria que ensinassem mais o que se usa hoje, tipo, o tempo vai passando e você vai usando o que aprendeu. Venho pra Escola, tipo, por obrigação, porque tem dia que... Nossa! (S.11 – 3º ano)**

**(...) Eu venho pra Escola para estudar o básico, mas tem muita coisa que você não vai usar! Daí... (S.12 – 3º ano)**

Ao analisar essas duas últimas falas dos sujeitos, vários questionamentos afloram tais como: Quais conhecimentos estariam de acordo com a motivação de estudo desses alunos? Por que eles dizem gostar da Escola, mas não da sua organização e dos conteúdos nela estudados? O que seria aprender o básico para não se usar?

A aprendizagem significativa pressupõe a existência de um referencial que permite aos alunos identificar e se identificar com as questões propostas nas disciplinas que fazem parte do projeto interdisciplinar da escola. Essa postura não implica permanecer apenas no nível de conhecimento que é dado pelo contexto mais imediato, nem pelo senso comum, mas visa gerar a capacidade de compreender e intervir na realidade, numa perspectiva autônoma e sem alienações. Esse talvez fosse o caminho para uma maior motivação dos alunos em relação ao conteúdo escolar. Na verdade, as perguntas acima provocam novo trabalho de pesquisa. Até mesmo para rápidas argumentações este trabalho não seria suficiente.

Outro aspecto interessante e destacado na fala do próximo sujeito é o relacionado às regras e comportamento disciplinar.

**(...) Estamos desde o primeiro ano aqui no Carlos Gomes. Agora, está diferente porque no primeiro ano você ficava andando no corredor a hora que você quisesse. Eu nem ficava na sala! Agora tá meio embaçado porque ficam os professores olhando. (S.9 – 3º ano)**

A Escola Carlos Gomes já esteve em situações mais difíceis relacionadas à indisciplina, hoje os problemas existem, mas não com a mesma intensidade de antigamente. Sabemos que a indisciplina nas salas de aula ou em outros ambientes do interior das escolas é um dos temas que mais mobilizam professores, diretores, pais e até alguns alunos.

As escolas públicas e também as particulares apesar de terem a crescente preocupação com este assunto, não disponibilizam momentos para debates que esclareçam e apresentem novos olhares para, senão resolver, amenizar esse tipo de conflito.

O quadro que nos é familiar: de choques ou apatia nas relações, confrontos velados, ameaças de diferentes tipos, muros, grades, câmeras que vigiam, funcionários que guardam volumosos molhos de chaves que abrem e fecham portas para negar ou permitir passagem de alunos, faz parte do dia a dia de uma escola, principalmente das públicas.

No início do século passado até aproximadamente os anos 70, após anos de colonialismo, ditaduras civis e militares, contextos sociais que naturalmente influenciaram os caminhos da educação, as relações escolares eram determinadas em termos de obediência e subordinação. O professor não era só aquele que sabia mais, mas que podia mais porque estava mais próximo da lei.

Segundo Aquino (1996), com a crescente democratização política do país, uma nova geração se criou. A escola passou a ter diante de si um novo aluno, um novo sujeito histórico, mas nós, de certa maneira, mantemos como padrão pedagógico a imagem daquele aluno submisso e temeroso.

Também segundo Aquino, a saída possível está na relação professor e aluno, ou seja, nos nossos vínculos cotidianos e, principalmente na maneira com que nos posicionamos perante os nossos alunos, os outros professores, diretores e funcionários. Eles, o professor e o aluno, são parceiros de um mesmo jogo. Neste jogo, a balança, para a disciplina e o interesse dos alunos, será a produção de conhecimentos e a prática docente, que aguçarão ou não a curiosidade dos estudantes. Quando lemos acima, **“antes eu ficava andando pelos corredores, nem ficava na sala, agora tá meio embaçado porque os professores ficam olhando”** percebemos que agora há um maior controle na Escola, mas é necessário estabelecermos regras na organização escolar que sejam refletidas e aceitas de forma coletiva, a fim de que ocorram mudanças conscientes de comportamento, sem necessidade de vigilância e punição.

Também abordamos na nossa análise, o que os alunos disseram sobre a direção e coordenação da Escola Carlos Gomes. Antes gostaríamos de expor que a Escola é dirigida e organizada por: uma diretora, uma vice-diretora e duas coordenadoras, uma para coordenar professores e alunos da 1ª a 4ª séries e outra para o Ensino Médio. O total de professores é de 150 e o total de alunos mais de 3000. Para colaborar na organização escolar existem 3 auxiliares de organização escolar e 3 agentes de serviço, estas responsáveis pela limpeza, entrada e saída dos alunos. A Escola Carlos Gomes funciona num prédio muito grande, antigo e de difícil conservação.

Uma das alunas, sujeito da pesquisa, foi repreendida pela professora por usar: meias pretas modelo arrastão, saia preta, maquiagem, calçado All Star, muitas pulseiras e braceletes. Pela insistência da aluna em não tirar as pulseiras e a maquiagem, foi enviada para a direção.

**(...) Levei dois dias de suspensão por causa disso! (S.1 – 1º ano)**

**(...) A diretora e a vice são muito linha dura, tipo, não sabe conversar. Você vai lá, fala alguma coisa, tipo, não quer saber o seu lado, ela não quer saber o que aconteceu, ela já quer meter suspensão!(S.5 – 2º ano)**

(...) Os funcionários são bons. Os diretores também são legais. No começo eu vim para a Escola só pra zoar. Agora, não, eu quero estudar. (S.7 2º ano)

(...) Ah, tipo, a organização em relação a diretora e a inspetora é bem rígida. Isso daí eu gosto. A coordenação também eu acho legal! Aumentou o número de funcionários também. Conversamos bastante com as inspetoras mas, tipo, com a diretora é mais complicado chegar nela. A vice, assim, eu sempre tento chegar nela e fazer ela dar uma risada. Aí, eu chego e falo pra ela: E aí dona, ta gritando menos hoje? Daí, eu olho pra cara dela e ela ta dando uma risadinha mas, tem dia que ela me ignora! Tem dia que ela até conversa mas tem dia que eu chego lá e ela já começa gritar. Nossa! (S.10 3º ano)

(...) isso não tem mais jeito, porque, tipo, minha mãe e meu pai já vieram aqui milhares de vezes. Cada vez vai piorando! (S.1 – 1º ano)

(...) diretor não gosta da gente. Os serventes também não. Eles já falaram que se dependesse deles, eles já tinham tirado a gente da Escola ou que iriam repetir a gente e quem repete aqui, não pode mais estudar aqui. Repetiu, perde a vaga. (S.2 1º ano)

(...) Eu me dou bem com os funcionários, coordenadores e diretores, é aquilo que falei. Às vezes eu tomo bronca, mas eu fico “na boa”, não fico gritando e nem xingando, só fico tranqüila. (S.3 2º ano)

Percebemos na leitura das falas que a relação com a direção da Escola, envolvendo diretores, coordenadores e funcionários, varia com momentos

agradáveis e outros não muito harmoniosos. Isto explica-se pelo fato de a escola tender a,

“reforçar ora a integração plena, ora a rejeição total e, com isso ela rompe o eixo das redes em que se apóiam a aproximação e a recusa afetivas. Esse desequilíbrio desvincula a escola de seu enraizamento junto aos alunos, represando sentimentos que freqüentemente explodem sob formas mais indesejáveis.” (GUIMARÃES, apud. AQUINO, 1996, p.80)

Por muitas vezes, os alunos reclamam da suspensão, demonstrando talvez o desejo de não se ausentarem ou até mesmo não quererem acumular faltas... É um tanto contraditório, porque se eles reclamam tanto da Escola... Ao mesmo tempo, adentrando na Escola Carlos Gomes e observando os alunos nos pátios e até mesmo dentro das salas de aula, percebe-se uma atmosfera muito positiva entre colegas e de maneira geral. Mesmo quando são repreendidos ou chamados para silenciarem não percebemos reações violentas. A impressão é de que os atritos ocorrem mais entre professores e alunos e em situações de sala de aula durante o processo de ensino e aprendizagem. As palavras de Arroyo (2002) ilustram a idéia de como fazer para tornar nossas aulas mais atraentes e produtivas para os nossos jovens.

“Ser professor é muito mais ser profissional de prática do que de discursos, apesar de darmos tanta importância à fala na sala de aula. A escola não se define basicamente como um lugar de falas, mas de práticas, de afazeres.(...) Recuperar a humanidade roubada supõe ainda que nós, adultos, nos revelamos tão humanos quanto educandos...mas sobretudo revelar-nos às novas gerações, revelar a humanidade, a cultura, os significados que aprendemos e que vêm sendo aprendidos na história do desenvolvimento cultural. Aprendemos que educar é revelar saberes, significados, mas antes de mais nada revelar-nos como docentes educadores na nossa condição humana. É nossa humana docência.”(ARROYO,2002,p:65-66)

Ainda sobre direção, sabemos que o conceito de cultura organizacional foi transportado para a área de educação na década de 70. A principal contribuição trazida por esse referencial de análise foi a possibilidade de uma análise das organizações escolares que vai além da racionalidade técnica e da racionalidade organizacional, constituindo-se em uma racionalidade político cultural (NÓVOA,1995). Cada escola tem uma maneira específica de se organizar,



envolvendo nessa organização toda a comunidade escolar, na criação de regras, aproveitamento de tempo e espaços. Enfim, pensamos ser necessário para o grupo de dirigentes da escola, um conhecimento mais aguçado da cultura da instituição escolar. A compreensão da cultura da escola como um processo dinâmico e negociado entre os diferentes sujeitos do processo pedagógico, permite uma aceitação mais aprofundada da contribuição dos sujeitos na construção de valores, crenças e princípios, assim como nas ações que se processam na realidade cotidiana.

Dessa maneira, concordamos com Silva Jr. (1993), quando diz que a tarefa do administrador escolar não é controlar o trabalho pedagógico, mas assegurar a existência de condições para que o ensino se realize. A legitimação da autoridade, dessa forma, seria baseada no reconhecimento do poder de articulação e da criação de elementos facilitadores da participação na escola, contribuindo assim, para estruturas menos hierarquicamente rígidas.

#### RELACIONAMENTO PROFESSOR E ALUNO E PRÁTICA DOCENTE.

Os sujeitos da pesquisa fizeram inúmeras menções, positivas e negativas, a respeito dos professores. Numa primeira leitura, percebemos que o professor, pelo número de vezes que foi citado, é considerado pelos alunos a chave mestra do ambiente escolar. Também ficou evidente a carência dos alunos com relação a sentimentos de amizade, atenção, paciência e amor, os quais, dizem ou demonstram na sua fala, faltar na relação dos professores para com eles.

**(...) Tipo, tem uma professora, tipo, eu adoro ela, acho ela super gente boa, mas ela pega muito no meu pé por causa dos “piercings”. Todas as aulas, ela fala assim: Nossa que coisa feia, tira isso! Tipo, não vou tirar, e às vezes ela chega e fala que eu tenho falta de interesse na matéria dela, mas é meio assim, tipo, eu já não sou muito boa na matéria, ela, tipo, quando estou quieta, ela também não vai lá, tipo, falta um pouco de atenção pra mim, sabe? (S.3 – 2º ano)**

(...) Que nem a professora A, a professora A meu! Nossa mano! Todos que tem aula com ela, gosta pô, ela chega, cumprimenta, beija no rosto, conversa, fala da vida dela, tipo, ela não grita nem uma vez com a gente, sabe contornar... Pô, tipo, eu não faço a lição de ninguém, só a dela, e sempre completo, porque ela sabe explicar, sabe conversar, todas as aulas dela cada dia é um trabalho. Às vezes, ela até compra bolo, refrigerante, mó da hora, mano! Tem uma maneira diferente de dá aula e conversa com você! Ela faz um bagulho mais diferente meu! (S.4 – 2º ano)

(...) tem professor que me desagrada! Sei lá, eles podiam ser mais amigos do aluno. Eles não tentam entender a gente. (S.11 – 3º ano)

(...) Tipo, a gente tinha uma professora que era muito rígida, brava. Só que todo mundo gostava dela! Ao mesmo tempo que, ela era rígida, ela mostrava carinho, sabe? Ela mostrava que está lá pra ensinar a gente, está lá pra ajudar e às vezes, mostrava até amor, sabe? Isso faz a gente se apegar com a pessoa e até aprender mais fácil! Na aula dela a gente nem precisava estudar para as provas de tão boa que ela era pra ensinar! (S.12 – 3º ano)

Qual seria a linha de pensamento mais adequada para a análise dos discursos dos alunos? Talvez a psicológica que focaliza a procura pela identidade e a necessidade do jovem falar e ser compreendido. Segundo Knobel,

“ Na adolescência, a comunicação verbal adquire o significado singular de um preparativo para a ação e como a palavra está investida de uma onipotência semelhante a que tinha na infância, falar de amor equivale ao próprio amor, e não ser entendido em suas comunicações verbais, implica não ser estimado na sua capacidade de ação. Isto explicaria a susceptibilidade que caracteriza o adolescente quando não é escutado. (KNOBEL, 1992, p:70)

Em uma análise focada mais no aspecto social e político, diríamos da carência emocional e material pela qual passam os alunos, professores e diretores das escolas públicas em geral, movidos pela competição individualista e pelo apressamento do cotidiano em todos os aspectos das relações sociais, quer aconteçam na família, no trabalho ou na escola. Precisamente na escola, os Novos Programas Curriculares do Ensino Médio, pensados e organizados por pessoas que não fazem parte do ambiente escolar, quero dizer, são educadores mas estão fora da escola e das salas de aula, distantes da convivência com seus colegas imprimem um ritmo acelerado nas atividades com sucessivas avaliações de desempenho e completa desconexão com a realidade escolar. Não existe tempo para diálogos entre professor e aluno, direção e professor e assim por diante.

Finalmente, a insistência dos alunos em colocar nas suas falas a necessidade de atenção, amizade e compreensão, nos remete à reflexão de que o professor deverá ter aliada à sua capacidade de ensinar, a grande competência de amar e se solidarizar aos sentimentos dos alunos.

**(...) Eu acho que lá (escola na qual estudou anteriormente) tinha mais facilidade para aprender porque o professor dava mais atenção, era mais amigo. O jeito de ensinar era diferente! (...) Professor daqui, é isso mesmo, eles não dão atenção pra o que a gente sente. Acho que, sei lá, não tem paciência que deveria ter. (S.2 – 1º ano)**

**(...) Pra mim professor tem que ser amigo, chegou, sentou, cumprimenta, faz uma brincadeira, pergunta como é que ta... Porque às vezes tem coisas que a gente passa em casa e não comenta com ninguém, tipo, sabe se o professor é amigo, tenho um problema em casa, não deu pra fazer a lição; saber dialogar, trocar uma idéia, preocupando com o aluno. (S.5 – 2º ano)**

**(...) a gente foi no Shopping sábado, e ela (professora) passou do nosso lado, viu que era a gente, pegou, virou a cara e saiu andando, tipo, não conheço vocês, saia daqui... (S.1 - 1º ano )**

Esta última fala causou forte emoção no sentido de percebermos que para nossos alunos somos mestres e exemplos de conduta não somente entre as quatro paredes da sala de aula mas em todos os ambientes. A profissão do Professor, do Pedagogo tem também seu lugar social à medida que sabemos que somente aprendemos a ser humanos em uma trama de relacionamentos com outros seres humanos. Não existe espaço melhor do que a sala de aula para praticarmos, no dia a dia, a grande tarefa de nos fazermos humanos.

“Daí que a escola é um processo programado de ensino-aprendizagem, mas não apenas porque cada mestre esperado na sala de aula chegará para passar matéria, mas porque é um tempo-espaço programado do encontro de gerações. De um lado, adultos que vêm se fazendo humanos, aprendendo essa difícil arte, de outro lado, as jovens gerações que querem aprender a ser, a imitar os semelhantes. (...) Todo adulto é de alguma forma um pedagogo das novas gerações nas artes de ser gente. (ARROYO,2002, p:54)

Ainda esse mesmo autor relembra que os adultos atraem a atenção dos mais jovens os quais em cada momento, nos vêm representando papéis, maneiras de como ser homem, mulher, trabalhador (a), como sobreviver, nos relacionar com a natureza, com o espaço, com a afetividade, como viver em sociedade, ser cidadãos.

## **POSTURA DO PROFESSOR E PRÁTICA DOCENTE**

Por várias vezes, em momentos de observação em sala da aula, presenciei relacionamentos tensos entre o professor e os alunos o que nos fez pensar na formação dos professores e professoras que ocorre em grande parte dos casos em faculdades isoladas com cursos de licenciatura curta. São cursos onde não há articulação entre o que acontece na sala de aula e a produção de conhecimento da área específica. Não existe espaço, neste tipo de curso, para uma discussão crítica em torno de qualificação do professor e nas estratégias de ensino. Além disso, os

cursos não estimulam a atividade intelectual e menosprezam o ensino e discussão de novas metodologias de trabalho, além de ignorar a realidade educacional brasileira. O que ocorrerá na prática é que o professor irá utilizar metodologias que já experienciou como aluno, ou seja, aulas expositivas, trabalhos de grupos que não são valorizados, trabalhos devolvidos sem comentários, provas que não estimulam em nada a análise crítica de um tema por exemplo.

**(...) Eu acho que, por exemplo, com relação a professor, a maioria dos professores não é criativo pra dar aula. Tem alguns que é, por exemplo , a professora A. Só que tem professor que chega lá e fala: Ah... leciono à tarde. Passa um texto e manda você interpretar, só, tipo, não dá! Não tem aquela aula criativa, de se enturmar, fazer alguma coisa tudo junto, tipo, fazer uma aula diferente. Isso que falta aqui nessa Escola ! Isso falta bastante. (S.5 – 2º ano)**

Ainda focando a formação do professor, diremos que alguns dirigentes responsáveis pelas políticas públicas do Sistema Educacional Brasileiro têm se manifestado no sentido de desmerecer o estudo da teoria na formação do professor em detrimento das estratégias da formação prática. Não concordamos, pois, buscamos uma formação integral do professor, capaz de responder aos problemas e desafios da educação de maneira crítica e coerente. Defendemos o curso de formação do educador tendo como eixo o conhecimento teórico-prático, que possibilitará a apreensão do fenômeno educativo nas manifestações socioculturais da sociedade. Segundo Marafon,

“Em primeiro lugar, a formação deve se fundamentar na unidade dialética teoria/prática. A prática é fundamento e referência da verdade da teoria que reflete e a teoria é diretriz que orienta a práxis pela qual o homem cria a realidade em sua totalidade (humana ou não humana). A práxis educacional é a ação do homem, a um tempo, sobre outros homens e com outros homens na construção da realidade humano-social que leva à compreensão da realidade em sua totalidade e opera a humanização do homem. (MARAFON, 2001, p. 112)

Assim sendo, os professores bem formados, ao realizarem sua prática docente, terão oportunidade de observando e registrando diariamente seu trabalho em sala de aula, refletir o seu conhecimento teórico e atualizar atividades de ensino e aprendizagem que venham satisfazer as expectativas de seus alunos e as suas próprias.

A fala seguinte explicita o grande desejo do aluno em fazer do processo ensino e aprendizagem um momento agradável e também demonstra a necessidade de diálogo e cumplicidade nas relações professor e aluno.

**(...) Ah... Pô! O aluno já ta há quase nove anos dentro de uma sala de aula, o que custa passar um dia fora da Escola, sentar todo mundo, conversa no pátio, senta todo mundo, conversa sobre o que ele pensa, sabe? Então o professor só passa a mesma coisa, fica aquela coisa enjoativa! (S.5 – 2º ano)**

Sabemos que ser um bom professor não é uma tarefa fácil. Castanho, diz que,

“O professor é um artesão numa prática pessoal, integrando as várias contribuições das várias disciplinas, capaz de auto-observação, auto-avaliação e auto-regulação. Ensina a caminhar com passos firmes e também ensina o fascínio de ousar. Ensina trilhas e desenvolve o atrevimento de sair das trilhas aprendidas.” (CASTANHO, 2006:p.162)

E a autora complementa afirmando que o professor não é nenhum ser sobrenatural. “Ele tem anseios, dúvidas, medos, inseguranças, sonhos, esperanças e desesperanças” (ibid, p.162). O importante é que professores e alunos assumam o papel de sujeitos-parceiros, condutores do processo ensino e aprendizagem, no qual o professor será o maestro das interações pedagógicas.

Constantemente pensamos e nos preocupamos com as relações conflitantes entre professor e aluno que acontecem dentro da sala de aula e também nos outros ambientes da Escola, e quando dizemos escola estamos nos referindo à escolas de maneira geral mas, de maneira mais pontual à Escola Carlos Gomes. Ainda mais

pontualmente, aos alunos sujeitos desta pesquisa, a quem pertencem, como já dito, todas os pensamentos e opiniões aqui descritos.

Esses alunos também manifestaram suas opiniões, relatando algumas passagens do cotidiano escolar, envolvendo momentos do convívio com alguns dos professores. Comentaram que os professores têm postura agressiva e desrespeitosa em relação a eles. Em uma de nossas conversas disseram:

**(...) A gente chegou a brigar feio, eu e ela (professora). Toda aula dela eu sentada, tipo, fazendo lição e um dia ela chegou pra mim e disse, menina você é ridícula, porque você vem pra escola? Eu venho como todo mundo, eu venho pra estudar. Aí ela começou a falar um monte pra mim e eu comecei a chorar! (\$2 - 1ºano)**

Muitas vezes, reclamaram da falta de diálogo, dizendo serem os gritos, a ferramenta usada para chamar a atenção dos alunos. É muito comum os alunos reclamarem do professor que passa para a direção a responsabilidade de resolver um atrito em sala de aula. Pareceu-me ser essa uma atitude freqüente dos professores na Escola Carlos Gomes, o que provoca reação de indignação do aluno que não quer ir para a diretoria e ser suspenso da Escola. Além disso, o professor, com essa atitude, demonstra para o aluno que perdeu o comando da situação.

**(...) Eu não assisto essa aula. Por quê? Ele não sabe dialogar, tudo é na base do grito! Ah! Não sabe resolver? Tá certo, vai pra diretoria! Isso aí só vai fazer o aluno piorar. Para mim não é desse jeito, tem de saber conversar! (\$5 2ºano)**

Para outros dois estudantes, alguns docentes agem com ironia e falsidade em relação a eles.

**(...) Tem professor que fala: quer fazer, quer passar, quer aprender? Eu estou ganhando do mesmo jeito, só de ficar aqui sentado, eu estou ganhando! (S.5 – 2ºano)**

**(...) Eu acho, tipo assim, que o professor podia ser avaliado psicologicamente. Tipo, tem professor que fala pro aluno: “O que você vem fazer aqui na Escola? Era mais fácil você ser servente de pedreiro! “ Porque que tem de falar isso pro aluno! A classe inteira ficou meio revoltada (S.11 – 3º ano)**

Para alguns alunos, o respeito para com eles e um tom de voz normal, sem gritarias, seriam suficientes para o professor manter a disciplina na sala e também ser respeitado.

**(...) Pra respeitar o professor na sala de aula, o professor tem que ter respeito pelo aluno. Prá ter autoridade não precisa ficar gritando...Fala normal e as pessoas já têm respeito por ele! (S.9 -3º ano)**

No relato abaixo, o aluno considera o professor como dono do poder e o acusa de abusar do mesmo poder. É importante sempre lembrarmos que a organização da escola mudou e os jovens também já não são os mesmos de anos atrás, quando existia uma obediência militarizada.

**(...) Tem professor folgado! Sei lá abusa do poder. Acha que porque é professor pode fazer o que quiser! E ainda acha que está certo! (S.10 – 3ºano)**

Professores e alunos não são iguais na ordem do saber, mas essa relação assimétrica não justifica nem dominação, nem humilhação e nem desprezo e muito



menos a arbitrariedade de uma autoridade. O professor deve tentar negociar tudo o que pode ser negociado sem comprometer seus próprios direitos e seu trabalho.

Apesar das críticas que os estudantes fazem a determinados professores, eles reconhecem que na Escola Estadual Carlos Gomes há profissionais comprometidos com a educação e que apesar das dificuldades para realizarem sua prática, tentam realizar um bom trabalho.

**(...)Professores, tem uns que são legais, mas tem uns que são chatos. Uns também nem se interessam porque só chega, passa a matéria, fica lá sentado e não fala nada. Mas tem uns que vão lá trás e tenta explicar mesmo! (S.10 – 3ºano)**

## PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO

Em toda análise anterior, evidencia-se que as idéias e pensamentos dos sujeitos da pesquisa, relacionadas à escola, professores e prática docente não são diferentes das de outros jovens que não se apresentam com comportamento e visual atípicos. A maneira com que alguns grupos de jovens apresentam-se, suas roupas, cabelos, gestos os tornam diferentes exteriormente mas eles são iguais aos seus outros colegas adolescentes quando dizem das expectativas relacionadas à Escola.

Segundo Goffmann (1982,p:11-12), o termo estigma foi criado pelos gregos para se referir a sinais do corpo que marcavam algo de diferente ou negativo na condição moral de quem representava a sociedade da época. Esses sinais de pessoas jovens ou não, eram feitos com cortes de fogo no corpo e avisava que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor. Uma pessoa marcada, ritualmente poluída, que devia ser evitada, especialmente em lugares públicos. Atualmente interpretamos em uma conotação diferente, ou seja, a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas, atribuindo-lhes características tidas como comuns e naturais a esses ou aqueles grupos, pertencentes às categorias dos ambientes sociais. Por exemplo, quando nos apresentam uma pessoa estranha, os

primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e seus atributos. É o que se define por identidade social.

Na atual época do consumo e da globalização, os jovens são terrenos férteis para prosperar modismos. Através da comunicação rápida via internet, da tecnologia dos jogos eletrônicos, as bandas de rock, as celebridades tornaram-se fontes de inspiração para a juventude. Unidos, os jovens formam “tribos” e se destacam pela vestimenta, comportamento e atitude. No século XXI as “tribos” urbanas diversificaram-se em inúmeros estilos e têm em comum a influência estrangeira, destacando-se a dos Estados Unidos, da Inglaterra e agora mais recentemente, do Japão com as “LOLITAS”, que se caracterizam pelo visual inocente e infantil, evitando a imagem adulta e sexualizada da mulher.

**(...) O povo aqui rotula muito as pessoas, aquele é “EMO”, aquele é “Cluber”, “Rapper”, aquele é isso, aquilo. Coisa que aqui a gente não esperava. A gente esperava encontrar novas amizades e menos confusão. (S.2 1º ano)**

A filiação ao grupo chega a ser para os adultos uma das principais preocupações da adolescência. Os jovens querem ser aceitos entre amigos do mesmo sexo e do sexo oposto. O processo de tornar-se um membro de um ou mais grupos fornece-lhes uma identidade, expandindo seus sentimentos de valor próprio e protegendo-os da solidão. O grupo pode oferecer ao adolescente uma fonte importante de segurança, atenção e dignidade em um mundo e em escolas que podem freqüentemente parecer-lhes anônimos complexos, não atenciosos. (RYAN, 1995)

Por várias vezes os alunos reclamaram de sofrerem preconceitos e discriminação por serem “diferentes” dos outros colegas. A maioria deles realmente se considera diferente na maneira de se vestir, de falar, nas preferências musicais e até mesmo na maneira de pensar, mas não gostam de serem discriminados.

(...) Eu me acho diferente porque, tipo pelo jeito de pensar assim pelo jeito de se vestir. Eu me acho diferente... (S.1 – 1º ano)

(...) Eu me considero diferente. A minha maneira de pensar também é diferente da deles. Tem uma galera que, tipo, talvez seja mais fechada pra certas coisas e eu não sou fechada pra nada. Eu aceito tudo. Cada um tem seu jeito, independente de cor, do jeito de se vestir, cada um é cada um, é que é jeito da pessoa, só. (S3 – 2º ano)

(...) Bem no começo do ano, a professora não gostava de mim, quando eu entrava, mandava tirar minhas pulseiras, o lápis do olho, a maquiagem...Uma vez eu vim de meia arrastão, sabe o que é meia arrastão? Aquelas meias preta tudo meio furada e All Star. Ela me mandou pra diretoria por causa da roupa que eu tava, que aquilo não era cemitério para vir daquele jeito. E começou a falar uns negócio lá! (S.1 – 1º ano)

(...) O que me incomoda é o preconceito, essa rivalidade sobre os estilos. Porque aqui tem de tudo né? Que nem, tem muitos roqueiros, Emos, Rappers, Pagodeiros, só que eles andam em grupos, nenhum grupo se dá bem com o outro. Incomoda, passa um e provoca o outro. Eles dizem: Sai daqui, olha a roupa que você veste!! (S1 – 1º ano)

O preconceito usualmente incorporado e acreditado nas relações sociais é a mola central e o reprodutor mais eficaz da discriminação e de exclusão. Embora seja uma categoria de difícil definição, vamos nos remeter a sua definição semântica e sócio-antropológica. Preconceito de qualquer coisa ou preconceito de alguma coisa significa “fazer um julgamento prematuro, inadequado sobre a coisa em questão” (BANDEIRA, 2002, p:1) O preconceito implica sempre uma relação social. Aparece como um modo de se relacionar com o outro diferente, a partir da negação ou desvalorização da identidade do outro e da supervalorização ou

afirmação da própria identificação. No processo de produção identitária criam-se sentimentos que geram uma dinâmica de inclusões e exclusões com base em semelhanças e diferenças. Essas inclusões e exclusões muitas vezes não indicam apenas diferenças, mas relações hierárquicas e poderes que demandam para si a definição do que é bom e do que é ruim, do que é belo, do que é feio, do que tem valor e do que não o tem. Na escola, encontramos alunos e professores muito diferentes que trazem consigo seus valores e seus preconceitos. Eles veiculam o racismo, o sexismo, a intolerância religiosa ou política, a intolerância às pessoas que se apresentam fora dos padrões normais, como são os sujeitos desta pesquisa. Os professores devem saber como propiciar o diálogo e o respeito mútuo, não através de discursos, mas na prática, na esperança que essa coexistência e essa compreensão do outro sejam interiorizadas e aplicadas em outras esferas da vida. O grande problema é que às vezes o próprio professor instaura uma barreira entre ele e aquilo ou aquela coisa que é muito diferente “de seu tempo”, evitando diálogos e aproximações.

**(...) Só que lá (a escola antiga) era ruim, porque era perto de uma favela, sabe, tinha muito faveladinho. A gente saiu de lá por causa disso. Tinha meninas querendo bater na gente pela roupa e pelo estilo. (S.1 – 1º ano)**

**(...) Tem preconceito racial também. Aqui o povo é muito racista. No nosso grupo não tem ninguém de cor. ( S.1 – 1º ano )**

**(...) Aqui você pode ver. Anda preto com preto, roqueiro com roqueiro, cluber com cluber, branco com branco, Emo com Emo. (S.2 – 1º ano)**

**(...) Ah... eu não gosto de gente negra.Se vier conversar comigo, eu converso mas é Oi e Tchou. Ah! meu, desde pequena eu nunca gostei de**

**gente de cor. Pode ser porque quando eu era pequena meu pai tinha um bar e lá ia bastante gente assim, sabe? E na maioria das brigas que tinha lá, era gente de cor. Pra mim preto é tudo encruqueiro... (S.1 – 1º ano)**

Como a educação no Brasil esteve sempre, ao menos no plano discursivo, preocupada com a formação do cidadão e do brasileiro, a ausência de políticas públicas que considerassem a diversidade foi sentida por muito tempo. A promulgação da lei n. 10.639/03, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "história e cultura afro-brasileira", ocorreu após longo período de luta da sociedade civil organizada. O movimento negro luta pela inclusão e pelo reconhecimento da herança cultural africana desde o final dos anos de 1960. Muitos anos foram gastos em intensa luta política, a qual só recentemente viu suas demandas satisfeitas, com a inclusão, no sistema educacional, de conteúdos relacionados à história e a cultura afro-brasileira. O que não quer dizer, evidentemente, que esta tenha sido a solução para os problemas de preconceito. Como vimos nas falas dos alunos, ainda há um longo caminho para ser percorrido no sentido de priorizar a valorização do ser humano, independente de raças, gênero, classe social, pois as falas revelam a postura preconceituosa presente no interior da Escola.

Os próximos dois depoimentos mostram o caminho tortuoso, do Ensino Fundamental para o Ensino Médio quando o aluno além de enfrentar mudanças na organização escolar, que já é um grande obstáculo a ser transposto, sofre discriminações e exclusões.

**(...) O Ensino Médio é bem diferente (do Fundamental) Os amigos são bem diferentes, o tipo de brincadeiras. No Fundamental você sofre muito mais. Quando cheguei na oitava série tava melhor mas na quinta série, tipo, foi difícil. No sentido de ser diferente. De não ser talvez aquele jeito de menininha bonitinha, sabe? Daquele jeito de ser diferente, eles te excluem, te zombam, pega todo mundo no seu pé. E aí é forte, viu? (...) Eu acho que sempre tem um pouco de discriminação. Mas acho que a minha cabeça**

**mudou também. Eu já to meio que, sabe aquela coisa de você já não liga muito pra o que eles falam? Sabe você tem seus amigos e acabou, tipo, se eles acham você estranha, tudo bem. (S.3 – 2º ano)**

Alguns alunos entrevistados pertencem a grupos de pichadores e grafiteiros. Talvez pudéssemos analisar esse fenômeno como sendo uma forma de expressão sem censuras moralistas. Além disso, mas de forma negativa, existe o problema já comentado anteriormente, do jovem transgredir a normatização do social, do cotidiano e usar o que é público para expressar seus sentimentos pessoais e viver riscos com ousadia. É também, no pensamento deles, uma forma de escrever seus nomes e serem respeitados.

**(...) o grafite é diferente ele é aceito. A pichação é crime, todo mundo que faz, é discriminado, Sabe? (S.5 – 2º ano)**

**(...) Eu picho. Cada um tem um letreiro, cada um faz a sua letra. Quem é pichador conhece a letra de todos os grupos. A pichação é como eu deixar minha arte aqui. Eu acho da hora! Deixá a marca! Você gosta de pichar muros, quanto mais você picha, mais respeitado você é. E, briga sai, tipo, quando se encontram os “mais imundos” com os “registrados”, porque um quer ser melhor que o outro. (S.4 2º ano)**

## CONSUMO

Embora essa problemática não fosse a princípio de nosso interesse, julgamos importante registrá-la por revelar a compreensão dos alunos, sujeitos da pesquisa, com relação ao mundo atual. Os sujeitos da pesquisa são jovens que como já foi esclarecido, vestem-se e consomem roupas, acessórios que venham compor seus visuais de acordo com o que pede o estilo do grupo a que pertencem. Abaixo, separamos algumas falas referentes a esse aspecto.

**(...) Ah! a minha mãe compra, na boa pra mim! Quando eu comecei anda nesse estilo, eu falava: mãe, eu quero um cinto e ela dava o dinheiro, apesar de ela não gosta do meu estilo. (S.1 – 1º ano)**

**(...)Quando eu morava em São Paulo, eu ia na galeria do rock e comprava tudo.Lá é enorme, gigante!Quando eu tenho dinheiro eu vou para São Paulo. (S.3 2º ano)**

Os jovens encontraram uma nova maneira de se agruparem, conforme seus gostos e atitudes, através dos estilos. E o mundo do consumo não deixa moda nenhuma passar em branco. Emos, Punks, Hip Hop, Roqueiros. Cada grupo tem suas características no vestir, no falar, nos gestos. Mas, uma coisa eles têm em comum: estão no shopping, caminhando, pesquisando em vitrines bem elaboradas e...consumindo. Bordieu (1982) diz que os indivíduos não se encontram enquadrados em um único padrão de gosto e de consumo. Mais do que isso, afirma que o gosto é produto das condições de existência e que essas condições são desiguais, toda escolha para o consumo tenderá a reproduzir as relações de dominação presentes em uma sociedade de classes. O gosto não seria simplesmente mais uma expressão de ordem subjetiva dentro das generalidades das práticas culturais, mas uma forma de exprimir condições de existência, as posições e as situações de classe dos indivíduos. Concordamos plenamente com este autor.

## **E OS PROFESSORES O QUE DIZEM?**

As falas dos alunos motivaram-me a ouvir alguns docentes, embora isto não estivesse previsto no meu estudo. Conversamos sobre: Formação, Escola Carlos Gomes, Relações sociais na Escola, Visão dos professores e desempenho dos alunos com comportamento diferenciado, Nova Proposta Curricular para o Ensino Médio.

## **FORMAÇÃO**

Os professores tiveram formação profissional em diferentes universidades e lecionam diferentes disciplinas. Um dos professores comentou sobre como eram as escolas públicas de anos atrás.

**(...) Quando você ia para o ginásio, de quinta até terceiro colegial, você tinha uma estrutura de escola, como, por exemplo, eu estudei em uma escola que tinha diretores que eram militares. Então era bastante rígido, né? Você tinha horário de biblioteca, quando tinha janela (de aulas) não podia ficar circulando pela escola batendo papo, como o pessoal fica hoje. Tinha que ficar na biblioteca fazendo pesquisa... então eu tive bons professores de desenho que me puxaram na técnica para eu depois ir para a faculdade e desenvolver meus dons. (Prof. A)**

Nas palavras do professor, percebemos o que analisamos em capítulos anteriores sobre a democratização do ensino público e a qualidade do mesmo, que não acompanhou a demanda do número de alunos. Também notamos, a disciplina rígida da formação do professor que, por um lado favorecia alguns aspectos mas, por outro lado, impedia que os alunos desenvolvessem o espírito crítico da liberdade de discernimento. Apesar disso, o professor elogia seus mestres, os quais foram capazes de estimulá-lo na formação de Arte, que hoje ele ensina aos alunos com muita competência e criatividade.

A outra professora, formada em História, fez a escolha por essa licenciatura, motivada pelo irmão que conversava muito com ela sobre isso. Percebemos a importância que tem o estímulo que os alunos recebem da família. Vivemos em uma sociedade que prioriza o ganhar sempre mais e dificilmente dá a devida atenção para as pretensões escolares de seus familiares. A família deve estar presente sempre que possível para elogiar e incentivar.



## ESCOLA CARLOS GOMES – RELAÇÕES SOCIAIS NA ESCOLA

(...) Dei aulas na EE. Francisco Glicério e passava sempre por aqui, adorava o prédio e dizia que um dia ia dar aula na Carlos Gomes! Hoje sou professora efetiva aqui. E adoro a diretora, a coordenadora e tenho ótimas relações com todos. (Prof. B)

(...) Eu vejo que a Escola perdeu o perfil do aluno, certo? E eu acho que tem de modificar a escola. Nós estamos dando aulas para eles da mesma forma que nós demos há trinta anos atrás. O mesmo tipo de quadro negro, escrevendo com giz, os computadores da Escola não funcionam...Então é complicado, né? A tecnologia chegou, todo mundo fala que tem inclusão de aluno, mas a inclusão é mal feita. Tem tecnologia mas ela é mal organizada para uso. Então está difícil. Está muito difícil a convivência entre colegas e com a própria direção. (Prof. A)

As palavras do professor reforçam o que já havíamos dito sobre os professores, diretores, funcionários e alunos refletirem, juntos, a organização escolar. Um bom planejamento realizado no coletivo estabelece e divide funções, que vão desde o cuidar dos bens materiais da Escola até outras atividades que fazem parte do cotidiano escolar. As relações sociais melhoram e as responsabilidades são divididas. Além de tudo comentado pelo professor, sabemos que apesar de os gestores da Escola serem dedicados e comprometidos, a organização funcional e a conservação dos bens escolares necessitam de verbas adequadas e suficientes. Como professora do Carlos Gomes, tive a oportunidade de presenciar verdadeiras manobras para custear os muitos gastos necessários ao bom andamento das atividades escolares. Muitas das atividades planejadas por professores e dirigentes são deixadas de lado por falta de verbas. O discurso da cúpula governamental é sempre em favor da educação mas, a porcentagem de dinheiro aplicado nas escolas é muito insuficiente.

## **EM RELAÇÃO AOS ALUNOS DE GRUPOS DIFERENCIADOS E DESEMPENHO DOS MESMOS NA ESCOLA**

**(...) Tenho ótimo relacionamento com todos os meus alunos. Trato meus alunos como filhos. Converso muito com eles, como amigos de verdade. Tenho um aluno homossexual que vem contar tudo da vida dele. As boates que ele vai... e sou assim com todos os alunos. Com os alunos de grupos diferenciados também tenho relacionamento normal. Eles são uns amores! (Prof. B)**

Ao terminar a entrevista com esta professora, soubemos o motivo dos muitos elogios que ela recebeu dos alunos entrevistados. O carinho, a atenção e o comprometimento com suas aulas e seus alunos são partes do cotidiano desta profissional.

**(...) A maneira como os alunos se apresentam na Escola, não interfere do desempenho. Eu sendo um artista, também já usei brinco. Já usei um monte de coisas, né? Só não uso tatuagem porque acho que é ferir o próprio corpo. Mas, não acho que haja interferência. Se ele estiver com essa idéia de impacto, ele vai gerar impacto visual só, porque a procura por conhecimento será normal. (Prof. A)**

**(...) Questionando uma de nossas alunas de cabelo pintado com um roxo chocante eu perguntei qual era o impacto que ela causava para as pessoas no local onde ela trabalhava. Ela me respondeu que não sabia, que ela nunca havia pensado nisso. (Prof. A)**

O mesmo professor da fala acima, disse que muitas vezes, nem passa pela cabeça dos alunos a questão da aparência deles causar impactos para outras

pessoas. É uma questão de escolha, de opção, é como quando a gente troca de roupa. Eles trocam a cor do cabelo.

## **DESEMPENHO DOS ALUNOS COM COMPORTAMENTOS DIFERENCIADOS**

**(...) o desempenho desses alunos às vezes não é bom. Mas, este fato não é generalizado. (Prof. A)**

**(...) o desempenho é normal. Eu tenho uma aluna que dormia na sala de aula. Chamei-a em particular e disse a ela que do jeito que ela estava se comportando ela não teria um bom aproveitamento e eu ficaria triste de usar a caneta vermelha para dar uma nota baixa na caderneta. Conversamos e hoje ela é uma ótima aluna. (Prof. B)**

## **PRÁTICA DOCENTE E A PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO PARA O ENSINO MÉDIO**

No início deste ano, a Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, lançou a implantação da nova Proposta Curricular para o Ciclo II (5ª a 8ª séries) e para os três anos do Ensino Médio, objetivando melhorias da qualidade da educação pública. Para isso, a equipe de educadores da Secretaria de Educação, preparou uma seqüência de cadernos para cada disciplina das séries e para cada bimestre. A proposta é tida como uma ação articulada, cujo objetivo é organizar melhor o sistema educacional de São Paulo. Nas palavras da Secretária de Educação, a Proposta e todo o material que a integra, é mais do que uma simples orientação, é uma ação com um foco definido. E sobre isso opinaram nossos professores.

**(...) A Proposta curricular não é de todo ruim. Mas, foi imposta com prazos, datas fixas de avaliação, avaliações prontas. Perdi um pouco da minha autonomia. Eu não preciso de um guia, eu preparo minhas aulas. Sei o que tenho de dar no primeiro, segundo e terceiro ano. (Prof. B)**

**(...) Eles estão pressionando a direção da escola para que ela tome uma postura. Para que a escola seja renovada, porque ela está muito mal tratada, muito mal cuidada e perdeu o perfil do aluno. O aluno tem que vir para uma escola mais bonita, mais apresentável, com uma estrutura de equipe que realmente funcione para que ele perceba que a escola é um local onde ele vem buscar conhecimento. Se a equipe não trabalha junto, se a escola está mal cuidada, como é que ele vai se sentir aqui dentro! Eu falo para os alunos que o governo quer colocar todo mundo no trilho e eu estou sendo empurrado. E eu vou empurrar vocês. OK? (Prof. A)**

Não é nosso objetivo aprofundar a análise na nova proposta, mas a fala dos professores chama nossa atenção, principalmente em dois pontos: primeiro que as coisas acontecem do dia para a noite sem uma programação coerente na implantação de novas diretrizes, fazendo com que os professores sintam-se inseguros e pressionados. Segundo que, mesmo reconhecendo que nem todos os professores têm a mesma formação e o mesmo comprometimento positivo com seu trabalho, a autonomia do professor e das escolas é imprescindível para um bom trabalho. Não podemos perder de vista que o objetivo maior de nossa prática é a formação pela dos nossos alunos.

Sobre a prática docente, a professora assim se pronunciou.

**(...) Procuro diversificar minhas aulas. A minha disciplina não é fácil! Eu trago a História para os acontecimentos do presente e coloco os alunos como personagens da História. (Prof. B)**

Os professores demonstram interesse em criar e diversificar as atividades em sala de aula mas, Arroyo (2002), fecha a nossa análise com uma fala muito pertinente e fica aqui registrada para leitura e reflexão.

“Faz parte de nossa tradição política essa permanente cobrança da escola e dos docentes para uma permanente reciclagem de sua imagem. Tanto o pensamento político conservador, quanto progressista têm dificuldade em ver os processos educativos situados nessa dinâmica, nesses tempos históricos de longa duração, porque não situam a educação no campo da cultura, dos valores e das identidades, da socialização e da formação, mas no campo das competências, habilidades, conhecimentos e técnicas supostamente sempre em progresso, em mutações curtas, em rupturas. Não há instituição social e cultural nem corpo profissional que se afirmem nessa instabilidade, nessa falta de enraizamento social, histórico. A crise de identidade da escola como instituição e dos seus mestres como corpo em nossa tradição tem muito a ver com o desprezo para com o permanente, a história cultural e sua dinâmica. (ARROYO, 2002, p:154)

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista os objetivos na realização deste trabalho, apresentamos nossas conclusões que certamente não contemplam todas as possibilidades ou não se esgotam aqui. Para esses alunos, embora se apresentem de maneira diferenciada, existe uma compreensão positiva da Escola.

No primeiro capítulo deste estudo, procuramos repassar rapidamente alguns acontecimentos marcantes da educação brasileira, focando principalmente o ensino público, a dualidade estrutural e o caráter seletivo sempre presentes nos objetivos e na organização escolar. Neste contexto escolar, onde os alunos não sabem exatamente porque estão na escola, o que se ensina não é o que eles acreditam que mudará seu curso de vida ou que os orientará para um “bom emprego”, a escola para a maioria dos jovens é espaço de convivência e só. Este é um dos aspectos que preocupa os educadores e que talvez exigisse um estudo mais detalhado: Qual seria o papel da escola para esses jovens frutos da sociedade moderna capitalista?

Por muitas vezes os alunos, sujeitos da pesquisa, disseram que ao iniciar o Ensino Médio tinham como objetivo divertir-se e depois pensar em “aprender”. Quando eles dizem “agora, venho para aprender”, temos a impressão de que eles acham que o aprender vai acontecer como em um passe de mágica! Não existe o compromisso de estudo ou a convicção de que o aprender depende primeiramente do aprendiz e o professor é o principal condutor da produção de conhecimento. De um lado mais positivo, concluímos que o jovem considera a escola um lugar especial, onde ele vai para aprender coisas que fora dela ele não aprenderia. Em outra vertente, ele talvez ache que fora da escola não se aprende nada.

Existe ainda o fato de que esses jovens não conhecem, ou a eles nunca foi apresentado, o estudo motivado pela curiosidade de aprender alguma coisa nova, simplesmente porque estão habituados a receber tudo pronto na aula expositiva do professor, na internet que envia avalanches de informações muitas vezes sem critérios de credibilidade ou nos livros didáticos mal elaborados.

O período escolar de suas vidas é considerado por eles, e mais ainda por suas famílias, como necessário para ascender socialmente. Entretanto a alegria dos primeiros dias de aula desaparece e à medida que o tempo vai passando a escola e as aulas ficam entediadas, desinteressantes e sem expectativas de melhoras. A satisfação de produzir conhecimentos e de chegar a novas descobertas é tolhida, ficando apenas a necessidade de terminar os três últimos anos da Educação Básica para procurar um emprego e talvez custear um cursinho preparatório para o vestibular. Apesar de todas as dificuldades, o sonho de cursar uma faculdade ainda faz parte dos planos desses jovens da Escola Carlos Gomes.

Pelas manifestações desses alunos, a organização escolar corresponde parcialmente às suas expectativas. Percebemos que, apesar de estarem acomodados com a cultura escolar tradicional de disciplina, ocupação dos espaços e obediência à hierarquia, entendem que são mal tratados e repreendidos com gritos. O que consideram falta de respeito e exageros no comportamento de dirigentes e professores. A disciplina na Escola Carlos Gomes já foi um problema muito mais sério. Atualmente, por conta do empenho dos diretores e coordenadores o ambiente escolar começa a esboçar melhoras, comprovadas até nas palavras de alguns alunos entrevistados.

Com relação ao conteúdo apresentado nas aulas, poucas foram as falas que revelaram bom discernimento dos alunos ao tratar desse assunto. Com exceção do aluno que se referiu ao fato de querer ter mais aulas de filosofia e um outro que disse ser Biologia uma disciplina interessante para se aprender mas ele não entendia nada nas aulas, não houve outras referências relevantes. Um dos comentários de um aluno me intrigou! Ele disse: **Eu venho para a escola para aprender o básico.** O que seria o fundamental e essencial para ele aprender? Quando é que nós paramos de aprender?

Quando conversamos sobre preconceito e discriminação em relação à maneira como os grupos diferenciados se apresentavam na Escola, esses alunos afirmaram que eram sim discriminados. Esclareço que as palavras preconceito e discriminação nunca foram usadas pela pesquisadora, mas foram repetidamente utilizadas pelos alunos. A impressão que temos é que, na realidade, o visual desses alunos, em um primeiro momento, extrapola o que achamos normal. Entretanto aí está o nosso grande erro, como professores, em não quisermos aceitar que os

nossos alunos não são aqueles de anos atrás. O politicamente correto não inova, não quebra barreiras, não muda a ordem, o que para uma educação libertadora não é o ideal! O culto à imagem é fermento do atual sistema em que vivemos. Cumpre a nós educadores trabalhar as mudanças, no sentido de compreendermos como acompanhar e encaminhar o processo educacional de todos os nossos alunos, independentemente de tribos ou não, nos âmbitos político, social e cultural e fazê-los críticos o suficiente para harmonizar as relações sociais na Escola e na comunidade de que fazem parte.

Não podemos deixar de concordar com os alunos quando eles comentam de maneira negativa a prática docente de alguns professores. É urgente que se faça uma revisão na formação do professor. E quando dizemos formação estamos nos referindo tanto à graduação quanto à formação continuada, porque não cabe mais no discurso retrógrado dos educadores que a teoria não acompanha a prática, que o livro didático é insubstituível, que somente a aula expositiva dá resultados, que a folhinha com um texto para ser interpretado é suficiente para o aluno aprender a ler com criticidade e outras falácias. Enfim, nós precisamos ousar criar, compartilhar conhecimentos, solidarizar, aprender com os nossos alunos.

Finalmente, as palavras que foram mais relevantes nos discursos dos alunos: amizade, amigo, diálogo, compreensão, paciência, atenção e respeito. Percebe-se que não é difícil para nós professores reavaliarmos a nossa postura e incluirmos na nossa prática valores insistentemente apregoados nos nossos discursos, mas que, como constatado na pesquisa, de modo geral não estão sendo colocados em uso.

As falas dos sujeitos desta pesquisa foram importantes expressões que determinaram conclusões reveladoras para a Escola Carlos Gomes e seus dirigentes, professores e funcionários e cada vez que relermos as entrevistas surgirão novas e enriquecedoras interpretações. Segundo Zan,

“Os problemas da escola não estão apenas centrados nela e por isso também não são de fácil solução e nem dependem de medidas reformistas voltadas somente para a instituição escolar. Suas soluções demandam ações conjuntas e amplas pautadas por princípios comprometidos com a crítica e a transformação do atual modelo da sociedade” (ZAN, 2005, p:201).



Não poderíamos deixar de mencionar algumas considerações sobre o que dizem os alunos sobre suas tristezas, ansiedades e amarguras na Escola e principalmente em salas de aula. É importante que nossas reflexões, sejam compreendidas como supostos caminhos para nossos colegas professores e professoras, que como esta pesquisadora, enfrenta sérios obstáculos na condução da prática docente, principalmente em escolas públicas.

Para quem está no dia-a-dia da vida da Escola, são muitos os problemas, principalmente em função da falta de espaço, de material, de funcionários, do número excessivo de alunos na classe. Tudo isso, além do que, em nome da melhoria da qualidade de ensino, pedem-nos estatísticas, planos de aula, relatórios, atas, justificativas de reprovações, projetos. Apesar de acreditarmos nas supostas boas intenções de todos esses direcionamentos, eles mais atrapalham do que ajudam a mudança para uma melhor qualidade de ensino. Esses inúmeros obstáculos acima citados, dobram e às vezes triplicam quando os professores e professoras, que sofrem as piores condições de trabalho e salário, estendem sua jornada de aulas.

Entretanto, em um trabalho de introspecção, poderemos pensar os vários aspectos levantados pelos alunos, sujeitos desta pesquisa, que são os mesmos adolescentes que não se “enfeitam” tanto e são mais contidos em suas manifestações. Como incluir os alunos que externamente se apresentam fora dos padrões normais da sociedade? Talvez, após o choque, que sabemos acontecer, possamos refletir e ir além do que é visível. Pensamos ser o diálogo, a melhor maneira de nos aproximarmos, não sem perdermos as oportunidades de em uma conversa ou outra, trocarmos algumas idéias sobre qual é o papel do cidadão ou cidadã em uma rede de relações sociais. Como se comportam para atingir quais objetivos, em quais ambientes e em quais situações. A propósito, na sala de professores da Escola Carlos Gomes, tivemos a oportunidade de observar uma professora com o cabelo levemente colorido, enfeitado por discreto acessório indígena e que usava vestido e calçados informais. Chamou nossa atenção pela sua aparência mas, principalmente pelos planos que fazia na organização de um passeio ao HOPI-HARI, a fim de complementar conhecimentos da disciplina de Física. Portanto, o diálogo, a compreensão, a criatividade na prática, sem perdermos de

vista nossa postura profissional, opera grandes momentos na convivência com os nossos alunos.

Ficáramos parágrafos e mais parágrafos, conversando sobre a Escola e nossa prática docente. Todos sabemos, o quanto é agradável trocarmos idéias sobre nossa vida profissional com outros colegas que compartilham dos mesmos problemas e alegrias, entretanto, sintetizamos nossas reflexões em algumas frases que alertam para adaptações no nosso trabalho como professores, diretores, coordenadores e funcionários.

### **Os nossos alunos pedem:**

- Serem incluídos nas responsabilidades da organização escolar.
- Carinho, atenção, amor e amizade.
- Criatividade em nossas aulas, apesar dos inúmeros obstáculos. Somente o que é possível!
- Que sejamos educadores comprometidos dentro e fora das salas de aula.
- Paciência, polidez no trato para com eles.
- Respeito como seres humanos que somos.
- Incentivos mesmo diante de erros que não gostaríamos que ainda estivessem cometendo.
- Conteúdo significativo nas aulas.
- Querem ser ouvidos e atendidos dentro das possibilidades da organização escolar democrática.

Tenhamos a coragem de propor, arriscar e ousar no trabalho em educação. Não mudaremos a educação de nosso país. Esta não é uma atribuição exclusivamente nossa. Entretanto, podemos lutar por aquilo que acreditamos. **Freire** (1997) , ainda no exílio, disse:

“em história, se faz o que pode, não o que se gostaria de fazer. E é só fazendo hoje o possível de hoje, que poderemos fazer amanhã o impossível de hoje.”  
(FREIRE, apud. GERALDI, 1994, p:132)

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Maria Leila (Orgs.), Cultura e Saúde na Escola, Série IDÉIAS, 23 São Paulo, 1994.

ALTHUSSER, Louis, Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado, 3 ed., Lisboa, Editorial Presença, 1983.

ANPED, Parecer sobre a proposta elaborada pelo MEC para o Plano Nacional de Educação, São Paulo, dezembro de 1997.

AQUINO, Julio Groppa, (Org.) Indisciplina na Escola - Alternativas Teóricas e Práticas, 4ª Ed., São Paulo, Summus, 1996.

ARCE, José Manuel Valenzuela, Vida de Barro Duro Cultura Popular Juvenil e Grafite, tradução de Heloisa B. S. Rocha, Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1999.

ARROYO, Miguel G., Ofício de Mestre – Imagens e auto-imagens, 6ª ed., Editora Vozes, Petrópolis, 2002.

BANDEIRA, Lourdes, BATISTA, Analia Soria, Preconceito e discriminação como expressões de violência, Revista Est. Fem., v.10, n.1, Florianópolis, janeiro, 2002.

BOURDIEU, P. A economia das trocas simbólicas, 2ªed., São Paulo, Perspectiva, 1982. (Organizado por Sérgio Miceli)

CADERNO DE EDUCAÇÃO, Primeiro Congresso Nacional de Educação, Associação profissional dos Docentes da UFMG, Seção Sindical da ANDES-SN, Sociedade Editora Gráfica de Ação Comunitária, 1997.

CAMBI, Franco, História da Pedagogia; tradução de Álvaro Lorencini; UNESP, 1999.

CASTANHO, Sergio, Castanho, Maria Eugênia, (Orgs), Temas e Textos em Metodologia do Ensino Superior, 4 ed., Campinas, SP, Papirus,2006(Coleção Magistério:Formação e Trabalho Pedagógico).

CERTEAU, Michel de, A cultura no Plural, 2ª Ed.,Tradução de Enid Abreu, Campinas, S.P., Papirus, 1995. (Coleção Travessia do Século)

CHARLOT, Bernard, Relação com o Saber, Formação dos professores e Globalização – Questões para a educação hoje; Porto Alegre, Artmed, 2005.

\_\_\_\_\_, Da relação com o saber – Elementos para uma teoria, tradução Bruno Magne, Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

CHAUÍ, Marilena, Convite a Filosofia; 13ª ed.; São Paulo, S.P.; Ática, 2003.

\_\_\_\_\_, Cidadania Cultural. O Direito à Cultura; São Paulo, S.P.; Fundação Perseu Abramo, 2006.

\_\_\_\_\_, Cultura e Democracia- O discurso competente e outras falas, 3ª ed. São Paulo, Ed. Moderna, 1982.

CUNHA, Luiz Antonio, Educação e Desenvolvimento social no Brasil, 8ªed.,Rio de Janeiro, F. Alves, 1980.

CURY, Carlos R. Jamil, Educação e Contradição, 6 ed., Cortez Editora,1983.

DAYRELL, Juarez, O jovem como sujeito social, Revista Brasileira de Educação, set/dez, n.24, Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em educação, São Paulo, SP, 2003, PP. 40 a 52.

DIAS, Sobrinho José, Dilemas da Educação Superior no mundo globalizado: sociedade do conhecimento ou economia do conhecimento?, São Paulo; Casa do Psicólogo, 2005.

FREIRE, Paulo, Pedagogia da autonomia – Saberes necessários à prática educativa, 9ªed. Paz e Terra, 1996.

FORQUIN, Jean-Claude, Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar; Tradução de Guacira Lopes Louro; Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GANDIM, Danilo, GANDIM, Luís Armando, Temas para um projeto político-pedagógico, 3 ed.,Petrópolis, R.J., Vozes, 1999.

GARCIA, Dirce Maria Falcone, Diversidade Cultural, Conflitos e Educação: Algumas reflexões teóricas, Revista da Educação Puc-Campinas, n. 10, junho. P.40, 2001).

GENTILI, Pablo (Org.), Pedagogia da Exclusão – Crítica ao Neoliberalismo em Educação,Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes, 1995.

GENTILI, Pablo A. A., SILVA, Tomaz Tadeu da, (Orgs.) Neoliberalismo, Qualidade Total e educação – Visões críticas, 3 ed.,Petrópolis, R.J., Vozes, 1995.

GHIRALDELLI Jr., Paulo, História da Educação, São Paulo; Cortez, 1991 – Coleção Magistério – 2º grau- série Formação do Professor.

GOES, Maria Cecília Rafael de, LAPLANE, Lia Frizzman de, (Org.), Políticas e Práticas de Educação Inclusiva, 2 ed., Autores Associados, Campinas, SP, 2007.

GOFFMAN, Erving, Estigma – Notas sobre a manipulação da Identidade Deteriorada; 4 ed.; Tradução Márcia Bandeira M. L. Nunes, Rio de Janeiro, Zahar editores, 1982.

GREGORI, Eduardo, Quem são essas figuras? – Novas tribos: saiba o que pensam, onde surgiram, como vivem e o que gostam de fazer Lolitas, Pin ups e Emo, Comportamento, Revista MetrÓpole, Correio Popular, Campinas, ano 7, 22 de maio de 2008.

GUIMARÃES, Áurea M., A dinâmica da violência escolar: conflito e ambigüidade, Campinas, SP, Autores Associados, 1996.

HARGREAVES, Andy, EARL, Lorna, RYAN, Jim, Educação para Mudança – Recriando a Escola para Adolescentes, tradução de Letícia Vasconcellos Abreu, Artmed, 2001.

IANNI, Octavio, A Era do Globalismo, 7ª ed., Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2002.

KNOBEL, Maurício e ABERASTURY, Arminda; Adolescência Normal – um enfoque psicanalítico, 10ª Ed. Tradução de Suzana Maria Garagoray Ballve, Porto Alegre, Artes Médicas, 1992.

KUENZER, Acacia, Ensino Médio e Profissional: as políticas do Estado Liberal, São Paulo, Cortez, 1997.

LOPES, Eliane Marta Teixeira, FARIA, Luciano Mendes, VEIGA, Cynthia Greive (Orgs.), 500 anos de educação no Brasil, Autêntica, Belo Horizonte, 2000.

LÜDKE, Menga e Marli E.D.A. André, Pesquisa em Educação – Abordagens Qualitativas, São Paulo, EPU, 1986.

MARAFON, Maria Rosa Cavalheiro, Pedagogia crítica: uma metodologia na construção do conhecimento, Petrópolis, RJ, Vozes, 2001.

MARTINS, Ângela Maria, Diretrizes curriculares nacionais para o Ensino Médio: Avaliação de documento, Cadernos de Pesquisa, nº 109, p. 67-87, março/2000.

MESZAROS, Istvan, O Século XXI socialismo ou barbárie?. Tradução – Paulo Cezar Castanheira; Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_, A Educação para além do capital; Tradução de Isa Tavares, São Paulo, Boitempo, 2005.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) Pesquisa Social – Teoria, Método e criatividade, 2ª ed.; Petrópolis, R.J.; Vozes, 2002.

MONTEIRO, Agostinho dos Reis, O pão do direito à educação, in Revista da Educação e Sociedade , Campinas, S.P., vol.24, n.84, p.763 – 789, Setembro de 2003.

NORONHA, Olinda Maria, Políticas Neoliberais, Conhecimento e Educação, Campinas, Editora Alínea, 2002.

NÓVOA, Antonio (Org.), As organizações escolares em análise. Lisboa: Nova Enciclopédia, 1998.

PERRENOUD, Philippe, Escola e Cidadania - O Papel da Escola na formação para a Democracia, tradução de Fátima Murad, Artmed, 2005.

PESSOA, Ângelo Emílio da Silva (Org.), Conhecer Campinas numa perspectiva histórica, Campinas; Secretaria Municipal de Educação, 2004.

POPKEWITZ, T. S., Cultura, pedagogia e poder. Teoria e educação, Porto Alegre, n.5, p.91 – 106, 1992.

ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, História da Educação no Brasil, 2ª ed., Editora Vozes, Petrópolis, 1998.

RYAN, J. Student Communities in a Culturally Diverse School Setting: Identity Representation and Association, Toronto, Ontário Institute for Studies in Education, 1995.

SANTOS, Boaventura de Sousa, Pela Mão de Alice – O social e o político na pós-modernidade, 2ª Ed., São Paulo, Cortez, 1996.

SANTOS, José Luiz dos, O que é cultura, 14ª Ed., São Paulo, Brasiliense, 1996. (Coleção Primeiros Passos)



SANTOS, Wagner Paulo dos, Escola Normal – A andorinha do amor, Campinas, SP; MHG Gráfica e Editora LTDA, 2003.

SAVIANI, Dermeval, A história da Escola Pública no Brasil, Revista de Ciências da Educação, ano 05, nº08, p. 185/201, 2003.

\_\_\_\_\_, Dermeval, Escola e Democracia – teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre educação e política, 32ª ed., Campinas, SP, Autores Associados, 1999.

\_\_\_\_\_, Dermeval, A Nova Lei da Educação – LDB Trajetória limites e perspectivas, 6ª ed., Editora Autores Associados, Campinas, SP, 2000.

SETTON, J. Maria da Graça, Professor: Variações sobre um gosto de classe, Revista Educação & Sociedade, ano XV, nº 47, abril de 1994.

SILVA JR., C. A., A Escola Pública como local de trabalho, São Paulo, Cortez, 1993

SILVA, Tomaz Tadeu da, Documentos de Identidade – Uma introdução às teorias do Currículo, 2 ed.; Belo Horizonte., M.G.; Autêntica, 2003.

THIOLLENT, Michel, Crítica Metodológica – Investigação social e enquete operária; 3ª ed.; Polis, 1982.

TOMMASI, Livia de, WARDE, Mirian Jorge, HADDAD, Sérgio (org), O Banco Mundial e as Políticas Educacionais, 3ªed. São Paulo, Cortez, 2001.

TRIVINOS, Augusto, Introdução à Pesquisa Qualitativa em Ciências Sociais – A Pesquisa Qualitativa em Educação; São Paulo, S.P.; Atlas, 1987.

VIÑAO FRAGO, Antonio, Culturas escolares, reformas e innovaciones: entre La tradición y el cambio, 2000

XAVIER, Maria Elizabete, RIBEIRO, Maria Luisa, NORONHA, Olinda Maria, História da Educação – A Escola no Brasil, 1 ed.; São Paulo, S.P: FTD, 1994.

ZAN, Dirce Djanira Pacheco e, Currículo em Tempos Plurais: uma experiência no Ensino Médio, 233 f., 2005, Tese ( Doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

## **ANEXOS**

## **Entrevistas realizadas com os alunos do Ensino Médio – Período matutino.**

### **ENTREVISTA : 1º ANO DO ENSINO MÉDIO**

#### **QUAL ERA SUA EXPECTATIVA QUANDO INICIOU O ENSINO MÉDIO?**

S.1: Ah.. tipo.. é que... a gente veio de uma escola pequena onde só tinha povo que enchia o saco. Aí a gente veio pra cá na expectativa que o povo era melhor, só que o povo era pior, entendeu? Porque a partir do momento que eu entrei aqui, cara, muito preconceito, eu não posso andar na escola direito que o povo já fica me xingando. È.. fica Emo, essas coisa.

S.2: Eles chamam, eles provocam. Até eu! só por eu to andando no meio eles tem preconceito, Até em casa meu irmão me chama de Emo, mas só que tipo você vê, eu sou normal. Só que eles me chama na rua, porque eu ando com eles.

#### **A ESCOLA:**

S.1: Uma coisa melhor. Pela escola ser grande assim, por ter bastante aluno, eu pensava que os professor era bem, bem, tipo mais atencioso com os aluno. Eles passa a lição e se aprendeu, aprendeu, quem não aprendeu que se foda.

S.2: Hoje mesmo nós brigamo com a professora de matemática porque ela queria dar uma prova, lá um trabalho pra nota, mas ninguém sabia, todo mundo tinha no caderno, mas ninguém sabia fazer.

Ai ela começou a brigar, diz que se a gente quisesse era pra pagar uma aula particular porque a parte dela ela já fez. Aí começou mó briga, aí com muita briga ela foi explicou de novo, daí todo mundo entendeu, porque nossa sala não é tão burra assim. Ela que não explica direito

### **A ESCOLA ANTERIOR...**

S.1: Ela era pequena, tinha menos aluno, e os professora dava conta, assim, de explicar pra todo mundo, e todo mundo entendia, tanto é que lá a gente só tirava nota nove e dez. Quando a gente veio pra cá eu não tenho uma nota azul na minha carteirinha.

S.2: Então, é que, tipo, lá também, tipo, professores acho que era mais amigos, mas, sabe, até os que não gostavam davam risada, tipo, ah, sei lá, o jeito de ensinar era diferente, porque... Era o Ana Rita (Escola Municipal)

S.1: A Escola é perto do Dalben.

S.2: Eu acho que lá tinha mais facilidade pra aprender porque o professor dava mais atenção. Lá tinha o que 30, ou menos de 30, mas aqui tem 47 alunos.

S.1: Aqui tem quase 50. Só que lá era ruim, porque era perto de uma favela., sabe, tinha muito faveladinho. A gente saiu de lá por causa disso. Tinha meninas querendo bater na gente pela roupa e pelo estilo.

S.2: Só que tipo, da escola mesmo, ninguém sabia o que era “Emo”, lá não tinha isso aqui tem. Agora, depois que veio pra cá não, aqui o povo já acha que sabe. O povo aqui rotula muito as pessoas, aquele é “Emo”, aquele é “Cluber”, aquele é isso. Coisa que aqui a gente não esperava nessa escola. A gente esperava encontrar novas amizades e menos confusão. E acabamo tomando.

## **SENTIMENTOS EM RELAÇÃO À ESCOLA...**

S.2: Professor daqui, é isso mesmo, eles não dão atenção pro que a gente sente. Acho que sei lá, não tem a paciência que deveria ter. Porque mesmo a gente não sendo mais criança, aprendendo mais rápido, a gente precisa de uma certa atenção. Porque são muitos alunos e daí que vem a certa atenção que a gente precisa.

S.1: Também, é mais pela roupa também, porque bem no começo do ano, a professora de biologia não gostava de mim, quando eu entrava mandava tirar minhas pulseira; uma vez ela mandou tirar o lapis do olho, eu disse não, a pulseira eu tiro, mas o lapis do olho não.

S.2: Ela mandou eu também, tirar a maquiagem naquele dia.

S.1: Uma vez eu vim de saia e meia arrastão, sabe o que é meia arrastão? Aquelas meia preta tudo meia furada, e All Star. Ela mandou pra diretoria na hora por causa da roupa que eu tava, que aquilo lá não era cemitério pra mim vim desse jeito. E começou a falar uns negocio lá!

S.2: Aí até a diretora acabou caindo no preconceito e ela (Ariany) levou suspensão.

S.1: Levei 2 dias de suspensão por causa disso.

S.2: Por causa da roupa. Aquela moreninha que fica nosso andar, como é o nome dela? A Ana. Ela não gosta de jeito nenhum. Ela já chegou a falar ridícula, tipo, sua brega, sai daqui.

## **PORQUE VOCÊ VEM PARA A ESCOLA?**

S.2: Eu venho pra estudar. No começo do ano eu vinha mais pelas amizades, mas agora que eu vi, tipo, depois que eu fiquei sabendo que ó, você tá ruim, se você não melhorar você vai repetir, ai agora confesso, eu venho pra estudar.

S.1: No começo do ano a gente vinha, mas só de pensar que de entrar a gente já ia sofrer preconceito, a gente acabava indo embora. Só pra não ter que agüentar isso.

S.2: Que nem, aula de história, aula de história eram duas aulas toda 4<sup>a</sup> feira, e toda 4<sup>a</sup> feira a gente ia embora.

S.1: Matava a aula. A gente não ia embora, a gente ficava aqui no centro.

S.2: Tipo, a gente não entrava porque no começo do ano teve um atrito entre a nossa professora e a gente porque na nossa sala tudo é muito dividido. Tem lá na frente as paty, do lado os nerds, do outros, os outros, e atrás ficava os excluídos, digamos assim os diferente, que era eu, ela (S.1) e o Cedric ainda ficava lá. Ai a dona começou a falar que era ridículo, que a gente não se punha no lugar que a gente tava. Ai tipo, depois disso, só que eu sou muito turrona, e comecei a trocar boca com ela. Tanto é que aí ela melhorou e eu peguei raiva dela.

S.1: Ela (S.2) queria sair da escola por causa da professora.

S.2: A gente chegou a brigar feio, eu e ela (professora). Toda aula dela eu sentada, tipo, fazendo lição e um dia ela chegou pra mim e disse menina, você é ridícula, porque que você vem pra escola? Eu venho tipo todo mundo, eu venho pra estudar. Aí ela começou a falar um monte pra mim, ai eu comecei a chorar. Tipo do nada, eu fazendo lição, menina você é ridícula, porque você vem pra escola? Desse jeito véio, ai eu queria sair da escola. Mas tipo, aí deu mó rolo, ai você vai lá na diretoria, fala, ela (diretora) diz eu vou falar com a professora. E não resolveu nada. Acabou que nós não se resolvemo mesmo. Tipo, eu cheguei no ultimo dia da aula, antes das férias de junho, cheguei pra ela e falei o que ela tinha contra mim, que eu não tinha nada contra ela pessoalmente. Ai ela falou que era meu jeito de ser que eu tinha de mudar também pra conviver, que tem certos ambientes que a gente tem que saber como falar, que ela era assim e que ela não gostava de tal coisa. Ai então beleza, então vamo arrumar isso. Ai hoje

em dia tudo bem, a gente conversa normal. A gente tem que aprender que cada pessoa é de um jeito que você tem que tratar.

### **VOCÊ SE ACHA IGUAL OU DIFERENTE DOS OUTROS COLEGAS...**

S.2: Eu sou diferente, eu não sou igual a ninguém. Porque eu que me acho diferente? Porque você se acha diferente?

S.1: Eu me acho diferente porque, tipo, pelo jeito de pensar assim, pelo jeito de se vestir. Eu me acho diferente.

S.2: Aí que tá, é uma coisa que eu tenho e que ela também tem, a gente fala o que a gente pensa.

S.1: Eu falo na cara, se eu não gosto de você eu vou falar: eu não gosto de você, por favor sai de perto de mim.

S.2: Agora o povo não, o povo trata mal, fala pro outro, tenta fazer muita gente ficar contra. Agora a gente não, a gente é diferente, o que a gente pensa, a gente fala. Tanto que é por isso que a professora não gostava de mim, porque eu falava o que eu pensava dela, o que eu pensava do fulano. E ela falou que não era assim. Mas eu continuo.

### **COMO É O RELACIONAMENTO DE VOCÊS COM DIRETORES E FUNCIONÁRIOS...**

S.1: Diretor não gosta da gente. Os serventes também. Eles já falaram que se dependesse deles, eles já tinham tirado a gente da escola. Ou que iriam repetir a gente, e quem repete aqui, não pode estudar mais aqui. Repetiu, perdeu a vaga.

S.2: Bom, eu nunca vi ninguém, eles são desse jeito, a diretora eu acho que ela não tem preconceito contra a gente, olha só da gente andar com gente que fuma. Porque eu confesso, nossos amigos fumam, bebem. Foram falar pra nossas mães que a gente fumava, que a gente bebia, porque eles andam com a gente .

Eu acho então, que tem um certo preconceito, acho que diretora não gosta, que se ela gostasse da gente, ela tinha chegado primeiramente em nós e perguntado antes de liga e conversar com a nossa mãe.

A professora viu nossos amigos na praça fumando, a gente não tava junto, falaram que a gente tava! Falaram que a gente matou aula, aí ainda ligaram pra mãe dela, falaram que ela matou aula pra fumar, sendo que a menina tava na escola e a carteirinha dela estava com presença. E eu acho que aí não é uma relação boa, não tenho relação boa nem com o diretor nem com servente. Com os professores a gente até que se dá bem agora, agora...

S.1: Menos a de biologia, tanto que a gente foi no shopping sábado, e ela passou do nosso lado viu que era a gente, pegou virou a cara e saiu andando.

S.2: A professora, de biologia!!! Como é o nome dela, a .. a Marlene, virou a cara.

S.1: Tipo, ó, não conheço vocês, sai daqui.

### **O QUE TE INCOMODA OU DESAGRADA NA ESCOLA...**

S.2: Ah, eu acho que essa rivalidade. Sobre os estilos.

S.1: O preconceito.

S.2: Porque aqui tem de tudo né? Você já viu né? Que nem... tem muitos roqueiro só que eles andam em grupos, nenhum grupo se dá bem com o outro. E isso que incomoda.

S.1: A gente anda em cinco, tudo do mesmo estilo. Tirando ela. É eu e mais três.

S.2: Incomoda, passa um e provoca o outro,

S.1: Fala vai escutar isso, aprende escutar essa banda, para de escutar o que você escuta.



S.2: Você é ridícula.

S.1: Sai daqui olha as roupas que você veste!

S.2: (Imposição) Dos alunos muito mais do que dos professores. Isso incomoda né? Incomoda que você vem pra escola e fica escutando isso...

### **O QUE DEVE SER ENSINADO NA ESCOLA...**

S.2: Eu acho que eles deveriam dar alguma palestra sobre o preconceito.

S.1: Racial, também, porque aqui o povo é muito racista. Eu já percebi isso! No nosso grupo não tem ninguém de cor.

S.2: Aqui você pode ver. Anda preto com preto, roqueiro com roqueiro, cluber com cluber, branco com branco. Emo com Emo.

S.1: anda no intervalo pra você ver!

S.2: é mais grupinho, entende?

S.1: O preto não gosta de branco . . . é mais ou menos assim . .

S.2: tem muito isso! Nossa! Pelo amor de Deus... tem também, por exemplo, preto que não gosta nem que olha. Fala assim: que tá olhando? . . . preto acha que é diferente . . . o fato de você olhá assim, já acha que quer encrencá . . . Nada a ver. Eu não tenho esse preconceito.

S.1: Ah, eu tenho... porque eu não gosto de gente negra, mas ... nada contra. Se vier conversar comigo, eu converso, mas é Oi!, Tchau!. Eu não discrimino ela pela cor, mas eu não gosto. Ah! Meu! Desde pequena eu nunca gostei de gente de cor! Também pode ser porque quando eu era pequena meu pai tinha um bar e lá ia bastante gente assim, sabe? E na maioria que saia briga lá no bar era gente de cor!

S.2: Os bêbados. . . na maioria, são preto.

S.1: a cada dez briga que saía, dez era gente de cor. Principalmente pra mim, preto é tudo encrenqueiro.

S.2: barraqueiro . . .

### **ONDE VOCÊ ADQUIRE OS ACESSÓRIOS QUE USA...**

S.1: Ah! minha mãe compra, na boa... pra mim. Agora eu tô trabalhando, eu compro com o meu dinheiro. Mas quando eu comecei andá nesse estilo, eu falava assim: mãe, eu quero um cinto ... ela: quanto é?

Daí eu falava o preço e dependendo do preço, daí ela pegava o dinheiro e me dava. Apesar dela num gostá do meu estilo. Agora, ela já chegou várias vezes a rasgá minhas munhequeiras, a jogá meus “butons” fora. Ela queria jogá aquele ali do meio, eu não deixei . . .

S.2: Ah. . . apesar da mãe, ela anda com os acessórios dela! Eu consigo com ela, aí, ó! Ela que me vende! Ela tem um monte! Cê vai na casa dela, ela também tem uma mala de acessório. Aí eu vou lá, ela já enfeita eu e ela (S.1) e sai as duas . . . Piercing também. Eu vou pôr mais um, daí, ela que vai dar o dinheiro.

S.2: Não. Tipo, dá o dinheiro, não. Meu pai fala assim: olha você ainda não trabalha. Eu cuido da minha casa e dos meus irmãos, então ele me dá dinheiro. Aí, tipo, quando eu quero alguma coisa, eu junto. Vou lá e compro. A mesma coisa que ela (S.1) fazia.

S.1: fazia né, tipo antes o dinheiro que eu ganhava, eu falava: mãe, olha, eu tô comprando isto e isto. Na maioria das vezes, quando eu chegava em casa ou ela jogava fora, ou dava pros outros, ou ela rasgava. Agora que eu compro com meu

dinheiro, ela não é louca de colocar a mão nas minhas coisas. Eu trabalho no Jaraguá, aqui em cima. É, então . . .

### **VOCES GOSTAM DE PICHAR MUROS...**

S.2: Não. Isso daí, não! Uma grafiteira é da hora! Mas pichá pop, eles picham só iniciais...

S.1: Não! Isso daí eu acho uma coisa ridícula. Uma pessoa chegá e pichá na parede. Isso daí é coisa de favela, sei lá . . .

S.2: Eu já tentei aprender, mas, sei lá! Eles faz lá na carteira e eu pergunto o que significa isso. Ah, tal coisa. Mas se a gente vai escrevê, escreve o nosso nome bem piquinininho.

S.2: tem quem picha aqui na escola.

S.1: procura os rappers . . .

S.2: Ah, não! não é rapper que picha.

S.1: A maioria! É tudo rapper que vem da favela e . . . O rapper ou . . . quem curte Hip Hop é o que, Ca?

S.2: é rapper. Só que esses daí vai ser difícil, porque . . .

S.1: Eles usam boné, assim, meio quadrado, meio grande com oito xis no boné, tipo do frango. Aqueles grossão assim. Skatista . . .

S.2: skatista também picha, roupas mais largas, normalmente são os rappers.

S.1: os meus melhores amigos é rapper . .

S.2: normalmente, os roqueiros não se dão com os rappers, mas no nosso grupo tem . . eu já curto eletrônico. Aí no nosso grupo tem . . . Ah, por a gente ser tão “de boa” a gente não tem preconceito contra estilos.

S.1: eu tenho amigo pagodeiro, cluber, rapper . . .

S.2: a gente num diferencia amizade; tanto é que a gente anda com emo, com cluber. A Priscila é meia metaleira. Normalmente, você anda nos emos. Os metaleiros vão lá bater nos emos.

S.1: o povo até dá risada de gente porque no nosso grupinho tem punk, skinhead, tem punk oi, tem tudo! O emo não é um grupo novo. Ele foi lançado em 1900 e pouco, nos Estados Unidos. Chegou pra cá agora !

S.2: qué vê? Se você pergunta o que é emo, eles vão dizer que são pessoas bissexuais, que usam drogas, que usam franjas e ... quer ver? São gays, lésbicas . . .

S.1: pergunta. Qualquer hora . . . vão falar isso ou vão aprontar pra gente .

S.2: quer ver? Chega pra alguém . . . que nem . . Chega pra minha mãe e fala assim: Sabe o que é emo? Ela fala: Ah, . . . são uns sapatão que se beija aí! . . .Não é isso! Tá tudo errado! Tem muitos emos que são gays, mas não são todos. Nada a ver! Mesmo que eu fale que é lésbica, gay, não é emo. Mas o que é, de verdade? Ela (S.1) sabe ...

S.1: O emo gosta de música, é um rock pesado não. A batida é de rock. É rock pesado, com letra que fala de amor. Entendeu? Então é rock pesado, com letra de amor, que tem hardcore no meio. Agora, o estilo . . . eh . . .

S.2: eu acho que o estilo do emo é ele mesmo que faz . . .

S.1: é . . ele mesmo que faz . . . é mais o cabelo. Todo emo tem o cabelo preto, muito preto, com a franja jogada de lado.

S.2: É diferente do dark. Se você ver o emo dá pra você diferenciá-los um pouco sim, tem o cabelo ... Ela (S.1) já foi. Tinha o cabelo preto, cabelo vermelho. Só que hoje em dia a mãe dela tá endireitando ela . . . ela parou com essas coisas . . .

S.1: Não! É que eu comecei trabalhar também. Só que eu não vou deixá de usar meus acessórios porque eu pago caro prá caramba. Mas eu já fui muito emo!! Meu braço era cheio de pulseira de bolinha grande, lembra... aquelas bolota.

S.2: cabelo preto... cada dia de uma cor, vermelho, preto, aí, tinha franja pra caramba. O ano passado ela era mais normal. Ela tinha o cabelo pelas costas, cabelo divididinho. Normal, aí. Quem te ensinou a ser emo?

S.1: bem, desde pequena eu sempre gostei...

S.2: só que você não usava...

S.1: só que eu não andava como... (emo). Comecei com isso, isso mesmo o fim do ano passado...

S.2: tanto é que...

S.1: eu tinha um cabelo no meio das costas, com luzes, aí...

S.2: Lindo, lindo o cabelo dela!

S.1: aí eu fui . . .todo mundo falava do meu cabelo. Eu era do rock já, mas eu não andava como (roqueira}, porque me olhavam e chamavam de Paty...

S.2: Aí ela virou emo. A partir do momento que ela cortou o cabelo, começou, mais, que ela pintou, começou o preconceito. Daí começou de verdade. Daí o povo xingava. No shopping (D. Pedro) ontem. Não. Foi sábado. Sabe o que é

você tá no shopping, eu, ela, um amigo nosso. . .só porque você tava assim, vem o segurança e manda você sair do lugar?

S.1: Circulando... Conversa! não dá. É capaz deles baterem na gente!

S.2: Não! Tava nós e umas Paty do outro lado. Menininha de mini saia, ele chegou pra gente e falou: circulando ... porque aqui não pode ter tumulto... três pessoas... e tinha as meninas lá, com muito mais meninas e eles não falaram nada. Por quê? Por causa do jeito! Ele só falava que ia chamar o gerente, que não interessava. Que era pra sair, que nós estava tumultuando...

S.1: Aí eles falava pra gente: ou entra ou sai ! Só, se a gente entrasse era pra sair, se saísse era pra entrar !

S.2: No shopping inteiro e até na praça de alimentação. A gente ia comer... todo lugar que a gente ia, tinha um segurança atrás...

S.1: tipo, coma logo pra você sair daqui...

### **O QUE VOCÊ PRETENDE FAZER QUANDO TERMINAR O ENSINO MÉDIO...**

S.2: Quero fazer faculdade. Ah... eu ainda não sei. Tá muito difícil hoje em dia ... Todas as profissões . . Ah. Sei lá! Se a pessoa fala: Ah, eu vou fazer isso e depois eu não arranjo um emprego nessa área. Aí eu to meia indecisa. Mas eu pretendo fazer faculdade, porque é o sonho do meu pai, porque até hoje nem isso meus irmãos mais velhos fizeram. Meu irmão fez um monte de cursos pra ser ... ele, meu irmão, é hacker, manja? Ele cata um computador, ele faz coisas que você nem imagina meu! Computador se dá um tapa aqui ele cai do outro lado. Um vírus que dá agora, tá uma porcaria, porque ele tá trabalhando muito. Ele ia lá e tirava, mas tipo agora ele tá trabalhando numa firma metalúrgica, desmontando máquinas que o povo quebra, ele vai lá. Hoje em dia, agora, ele tá fazendo um curso no SENAI, que ele vai subir pra encarregado da sessão, aí que eu penso

que tem a ver o que ele estudou e o que ele é hoje? Hoje ele tem diploma de computador e agora tá tendo que fazer tudo de novo, cursos para o que ele é. Sendo que o que ele estudou, ele tem diploma de computador, tudo, hoje ele é completamente diferente.

Por isso que eu não sei o que eu vou fazer. Saindo do Ensino Médio eu já quero ir atrás disso, mas antes eu quero arrumar emprego para “mim” poder pagar faculdade, porque as condições do meu pai, não tem essa de pagar faculdade pra mim. Eu sei que tem cotas reservadas na universidade para aluno de escola pública. Minha irmã que tá fazendo isso, mas é muito difícil de passar na prova. Tem muita gente. Vamos supor: tem dez vagas pra um milhão de pessoas.

S.1: Meu, eu tô com dúvidas em três. Quando eu era pequena o sonho do meu pai é que eu crescesse e me formasse em advogada. Hoje eu tô vendo que (sorrisos) não é minha área. Então eu tô pensando em fazer psicologia, ou estilismo, ou veterinária. Veterinária é o meu sonho! Eu amo animal, de paixão! Entendeu?

Meu pai tá querendo que eu faça um curso antes. Talvez o ano que vem, se eu for mesmo pro estilista, eu vou para o SESI, pro Bento, Bento Quirino, Bentinho. Lá tem curso de Estilismo, entendeu? Ele tá querendo que eu vou pra lá, mas primeiro ele tá querendo que eu veja se é isso mesmo que eu quero. Se eu for psicóloga e depois fazer um curso de estilista, não tem nada a ver.

S.2: a minha mãe fala: estuda, pra você não ser o que eu sou. Minha mãe trabalhava em casa de família, aí hoje ela trabalha junto com meu irmão. Só que ela encontra uma certa dificuldade. Lá ela tem que fazer cálculo, multiplicar por tanto e tanto; então ela sofre pra caramba. Então, a primeira coisa que eu penso é em terminar a escola.

S.2: sobre a escola não está tudo bem. A nossa sala, não sei o que acontece, porque a nossa sala, de um certo modo, tá sendo bem discriminada por causa da bagunça, porque nós faz de tudo pra chamar a atenção. Aí esses dias mesmo a gente ficava três aulas, as três últimas na sala, não tinha professor e eles não mandava embora.

S.1: Aí a gente tava fazendo bagunça e a culpa caía pra mim, pra ela, por a gente ser diferente da sala.

S.2: Foram roubá as carteirinhas na sala da professora e na sala da diretoria, já a primeira coisa que falaram é que foi ela (S.1)

S.1: É, que foi eu. Sendo que cataram minha carteirinha e disseram: tá, vai embora.

S.2: Eu sei quem catô. Foram os moleques, não foi menina. Aí eles jogaram em cima da mesa e, tipo, gente, vamo embora. Daí, eu catei . Teve suspensão, porque todo mundo foi embora. No dia seguinte a servente entrou na sala e perguntou: quem pegou as carteirinhas? Foi menina! (olhando para a cara da S.1). . . e ela não tinha prova. Eu vi, vieram me falar quem pegou, eu sei . . .

S.1: isso não tem mais jeito, porque, tipo, minha mão e meu pai já vieram aqui milhares de vezes. Cada vez vai piorando.

### **ENTREVISTA: S.3 – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

#### **QUAIS ERAM SUAS EXPECTATIVAS QUANDO INICIOU O ENSINO MÉDIO ...**

S.3: Olha, não sei. Tipo, que fosse melhor que o ensino fundamental; eu pensei em ter mais gente, mais amigos diferentes do Ensino Fundamental O Ensino Médio é bem diferente... é bem diferente. Os amigos são bem diferentes, o tipo de brincadeira... No Fundamental você sofre muito mais. Quando cheguei na oitava série tava muito melhor, mas na quinta série, tipo, foi difícil. No sentido de ser diferente. De não ser talvez aquele jeito de menininha bonitinha, sabe?. Daquele jeito de ser diferente, eles exclui bastante, daí eles te zombam, pega todo mundo no seu pé. E, aí, é forte, viu?

#### **A ESCOLA**



Eu gosto daqui. Eu sou meio na minha, assim, . . . um pouco de lado, mas eu me dou bem com todo mundo. É bem melhor aqui. Eu gosto. Me dou bem com os serventes, com a direção, com os professores. Eu gosto! Eu acho que sempre tem um pouco de discriminação. Mas acho que a minha cabeça mudou também. Eu já tô meio que, sabe aquela coisa de você já não liga muito pra o que eles falam. Sabe, você tem seus amigos e acabou, tipo, se eles acham você estranha, tudo bem.

### **POR QUE VOCÊ VEM PARA A ESCOLA...**

Bom, eu venho pra escola pra aprender, mas, tipo, de uma certa forma, pra ver meus amigos também. Uma grande parte, tipo, tá aqui nesta escola e esta escola também fez muito parte da minha vida porque até o ano passado, tipo, eu mudei pra Campinas, tipo o ano passado. Eu morava em São Paulo, então eu cheguei aqui, tipo, era meio aquela coisa de você não conhecer ninguém; eu não conhecia a cidade e foi aqui que eu comecei a ter amigos, aqui foi o ponto inicial.

### **VOCÊ SE ACHA IGUAL OU DIFERENTE DOS OUTROS COLEGAS...**

Eu me considero diferente. A minha maneira de pensar também é diferente da deles. Tem uma galera que, tipo, talvez seja mais fechada pra certas coisas... e eu não sou fechada pra nada. Eu aceito tudo. Cada um tem seu jeito, independente de cor, do jeito de se vestir, cada um é cada um, é que é jeito da pessoa, só.

### **COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM DIRETORES E FUNCIONÁRIOS...**

Eu me dou bem com os funcionários, coordenadores e diretores, é aquilo que eu falei. Às vezes, em tomo bronca, mas eu fico "de boa", não fico gritando e nem xingando, só fico tranqüila.

### **O QUE TE INCOMODA OU DESAGRADA NA ESCOLA...**

O que me desagrada, na escola, não só nessa, é aquela coisa de pegá sempre no meu pé porque eu sou diferente, tipo, a direção, por exemplo, tipo, todo mundo me conhece, tipo, o ano passado eu tinha cabelo metade preto e metade

rosa, então eu fiquei marcada porque eu era diferente. Tipo, tudo sou eu ...(bis), tipo, pode ter um grupinho fazendo coisas, se eu tô no meio, posso não tá fazendo nada, tipo, é o meu nome que chamam, tipo, pra mim que perguntam, entendeu? Eles pegam muito no pé assim, só porque eles me marcaram, acho que é mais ou menos isso . . .

Só porque eu sou meia assim, eles já olham com jeito de que, tipo, eu apronto, manja?

### **O QUE DEVE SER ENSINADO NA ESCOLA**

Eu acho que tinha de ter mais aula de filosofia, que é uma coisa assim, que abre a cabeça das pessoas, sabe? Eu queria mais aula de filosofia e ...ah, eu acho que só.

### **ONDE VOCÊ ADQUIRE OS ACESSÓRIOS QUE USA...**

Quando eu morava em São Paulo, eu ia na galeria do rock e comprava tudo lá. Lá é enorme, assim, gigante! Eu não sei te explicar, mas é bem no centro. Eu mesma escolhia. Eu ia lá com minha mãe. Ela trabalhava por lá e passava lá comigo e comprava. Aqui eu não costumo comprar roupa, porque aqui é difícil, eu não gosto, tipo, quando eu tenho dinheiro eu guardo e vou para São Paulo e vou comprar lá. Eu adoro São Paulo, mas tem aquela coisa de correria , eu acho que Campinas é muito parada.

### **VOCÊ GOSTA DE PICHAR MUROS...**

Eu não gosto de pichar muro, porque eu não vejo muito sentido, tipo, só pra falar que eu passei por aqui, eu não acho legal... Não faço a menor idéia do que está sendo escrito lá. Eu acho que isso daí, rola a maior violência, tipo, tem uma gangue que se vê pichado lá, que não é da gangue deles, aí eles picham em cima pra rolar alguma coisa que dá briga. Eu acho muita besteira.

### **O QUE VOCÊ PRETENDE FAZER QUANDO TERMINAR O ENSINO MÉDIO...**

Quando terminar o Ensino Médio eu quero fazer faculdade de cinema e de astronomia e eu vou tentar passar ou aqui na Unicamp . . . só que aqui na Unicamp não tem cinema, então ou vou passar na Unicamp ou na USP, em São Paulo. Tem duas faculdades em São Paulo que tem cinema, tem que passar em uma das duas porque a outra só no Rio de Janeiro. Antes eu preciso estudar mais um pouco. Eu vou fazer um cursinho, alguma coisa assim, arrumá um emprego também.

### **SOBRE OS PROFESSORES...**

Tipo, tem uma professora minha de Matemática, tipo, eu adoro ela, acho ela super gente boa, mas ela pega muito no meu pé . . . de piercing . . . todas as aulas ela fala assim: nossa, que coisa feia e . . . e tira ..., tipo, ... não, não vou tirar, e às vezes, ela chega e fala que eu tenho falta de interesse na matéria dela, mas é meio assim, tipo, eu já não sou muito boa em matemática, ela tipo, quando eu também to quieta, ela também não vai lá, tipo, falta um pouco de atenção pra mim, então eu também eu de matemática vou mal, né!

### **ENTREVISTA: S.4 e S.5 – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

#### **QUAL ERA A SUA EXPECTATIVA QUANDO INICIOU O ENSINO MÉDIO**

S.4: então, eu pensei em terminar, tipo, fazer uma faculdade de direito, mas acho que, por enquanto, esse é o objetivo meu. Então algumas pessoas, muitas falaram que é difícil, que tem muito advogado. Então eu pensei um pouco, assim... hoje eu não sei mais se eu quero fazer.

#### **A ESCOLA**

Então, a escola é boa, tipo, tenho amigos, venho aqui pra conversar, distrair um pouco, fazer as coisas, mas tem alguns professores, sabe, que não me entende... eu sou meio elétrico, então eu não paro, quero conversar; o professor então não gosta muito disso, é meio que, não sei que jeito que eles ficam, então, eles excluem um pouco, entendeu?. E então, se você vai fazer um trabalho, já que

você bagunça muito na aula, então, pra você não explica, explica pros outros que são . . . ele (professor) meio que prejudica a gente.

Colegas, a molecada é gente boa, vem mesmo pra trocar uma idéia mesmo, tem alguns alunos que não “batem” muito, mas, do contrário ... certo?

### **POR QUE VOCÊ VEM PARA A ESCOLA...**

Eu venho memo pra estudá, passá de ano, fazê minhas lição, mas aí, como eu sou meio desligado, eu perco atenção fácil, eu começo brincá, zoá, eu vejo os moleque já quero conversá, aí acaba se desligando um pouco.

### **VOCE ACHA IGUAL OU DIFERENTE DOS OUTROS COLEGAS**

Eu me considero igual a meus colegas, só que cada um tem seu estilo, mas somos iguais, todos.

### **COMO É O SEU RELACIONAMENTO COM DIRETORES E FUNCIONÁRIOS**

Ah, meu relacionamento é perfeito com a Lúcia, com a Nadir, mas tem umas pessoas aí que ... você tá aí, comendo o lanche, é hora de fechá o portão, ela fecha mesmo e não deixa você passar não. Você vai querer conversá, já cria um clima... A Lúcia e a Nadir é as que mais respeito, mesmo.

S.5: Na minha opinião, acho que a Mariam e a Ane é muito linha dura, tipo, não sabe conversar (diretora e vice). Você vai lá, cê fala alguma coisa, tipo, não que sabe seu lado, ela não quer saber o que aconteceu, ela já quer meter “suspensão”. Quando eu fui lá, o professor tava errado, ele falou alguma coisa que eu não tinha falado, eu cheguei lá, levei três dias, nem avisou pai nem mãe, nem quis saber meu lado, se eu estava certo, se eu estava errado. Se foi muito grave, grave mesmo, eles chamam o pai pra conversar, senão eles resolve eles mesmo, tipo, dá uma suspensão e tá resolvido, ou dá aquele “xingó” pra não voltá mais, só que sempre o professor tá certo, o aluno nunca tem razão.

### **O QUE TE INCOMODA OU DESAGRADA NA ESCOLA**

Eu acho que, por exemplo, com relação a professor, a maioria dos professores não é criativo pra dar aula. Tem alguns que é (CRIATIVO) por exemplo, a professora de História. Só que tem professor, de Química, de Filosofia, chega lá e fala: ah, leciono à tarde; passa um texto, e manda você interpretar o texto, só, tipo, não dá nada mesmo, fica o pessoal só da frente. Não tem aquela aula criativa, de se enturmar, fazer alguma coisa tudo junto, tipo, fazer uma aula diferente. Isso que falta aqui nessa escola. Isso falta bastante . . .

S.4: Ah, a organização é boa, tipo, diretor, inspetor, sabe bem o que faz; agora, o professor é que “fode” um pouco a gente, igual o que ele tá falando aí. Sentou ali, passa coisa, página cento e trinta do livro, faz aí. Oh, Dona, tenho dúvida. Ah, já expliquei, não vou explicar de novo! Entendeu? A obrigação do professor é sempre explicar.

S.5: Ah! Pô! O aluno já tá há quase nove anos dentro de uma sala de aula, o que custa passar um dia fora da escola, senta todo mundo, conversa no pátio, senta todo mundo, conversa sobre o que ele pensa sabe? Então o professor só passa a mesma coisa , fica aquela coisa enjoativa, então !

S.4: Concordo! Ótima! Boa colocação.

### **O QUE DEVE SER ENSINADO NA ESCOLA...**

S.5: pra mim professor tem que ser amigo, chegou, sentou, cumprimenta, faz uma brincadeira, pergunta como é que tá... Porque às vezes tem coisa que a gente passa em casa e não comenta com ninguém, fala, sabe se o professor é amigo, tenho um problema em casa, não deu pra fazer a lição; saber dialogar, trocar uma idéia, preocupando com o aluno.

S.4: que nem a professora de História, a professora Mary, meu. Nossa, mano! Todos que tem aula com ela gostou; pô, ela chega, cumprimenta, beija no rosto, conversa, fala da vida dela, a gente conversa com ela, tipo, ela não grita nem uma vez com a gente, sabe contornar . . tipo, o moleque tá gritando, tipo, ela fala

faz a lição . . . pô, tipo, eu não faço a lição de quase ninguém. Só a dela e sempre completo porque ela sabe explicar, sabe conversar, tipo, todas as aulas dela é cada dia um trabalho. Às vezes, ela até compra bolo, refrigerante, mó da hora, mano! Tem uma maneira diferente de dá aula e conversa com você! Ela faz um bagulho mais diferente, meu!

S.4: porque o aluno, tipo, ele gosta, você tem de gostá do professor!

S.5: Que nem, tem uma professora ( ), insuportável! Ela entra na sala, eu saio, eu não assisto a aula dela. Por quê? Ela é uma professora que não sabe dialogar, tudo pra ela é a base de grito . . . Ah! Não sabe resolver... Tá certo, vai pra diretoria! Isso aí só vai fazer o aluno piorar. O aluno vai ficar revoltado... vou olhar pra cara dela, que nem eu olho pra ela, sinto raiva, já nem fico perto pra não ter atrito. Então eu fico longe da aula dela, eu não estou aprendendo, quem está perdendo com ela é nós. Então, pra mim, por isso que o professor tem que ser educado, conversar. Que nem, ela faz discriminação... se você é um aluno que conversa, tem de chegar e saber conversar... ela quer tratar nós daquele jeito; ela vira as costas, continua "passando!, se é um aluno que não abre a boca, porque tem medo do que ela faz, aí ela explica direitinho! Mas não é desse jeito, pra mim não é desse jeito, tem de saber conversar!

Olha, eu vim da oitava série de dependência de História, eu não entendia nada, esse ano aqui, ó, só oito e nove, tiro com ela (professora). Biologia é matéria boa, interessante, mas tem de saber dar aula, aquela conclusão bem gostosa, tem de entender. Não é que nem dá aulas de Português e Matemática. Pra mim, é grego, eu não entendo nada.

S.4: Eu não entendo nada!

S.5: Espermatozoides, Ah!, não sei o que, cromossoma, e daí? Ela não sabe detalhar o que acontece... Fazer uma comparação, demonstrá!

**ONDE VOCÊ ADQUIRE OS ACESSÓRIOS QUE USA...**

S.4: compro no Shopping, no centro. Eu mesmo que escolho. Outra pessoa comprá, não dá certo. Pode ser que ninguém goste, mas você gostando...

### **VOCES GOSTAM DE PICHAR MUROS...**

S.4: Eu gosto de pichar muros...

S.5: Não. Eu não...

S.4: nós que faz, nós vê e fala: vou deixar minha marca aqui. Todo mundo que olhar fala: “Nossa, é o Greg”! Moleque na nossa faixa (de idade), ish... todo mundo conhece, vai saber que fui eu! Nós não vamo escrevê, por exemplo, “Greg” de uma forma normal pros professores entende, por exemplo, então nós deixa diferente, de uma forma que nós conhece. Eu picho... Cada um tem um letreiro, cada um faz a sua letra, entendeu?

S.4: quem é pichador, ele conhece a letra de todos os grupos, tipo, se o cara faz uma letra e é pichador, ele conhece os estilos. Se eu fizer um “A”, por exemplo, o pichador conhece... a pichação é como eu deixar minha “arte” aqui. Eu acho da hora! Deixa a marca!

S.5: O grafite é diferente. Ele é aceito. A pichação é crime, todo mundo que faz, é discriminado, sabe? É um negócio que dá pra você entender, é mais bonito!...Tem que ter arte pra fazer .

S.4: tem, tipo, “Grupo dos mais imundos” (pichadores). Por exemplo, eu jogo “poeta”, daí ele vem e joga, por exemplo, “atrato”. Atritos, poetas, fanáticos, todos eles são grupos que pertencem aos “mais imundos”. Aí tem outros grupos, totalmente diferentes, outras marcas, tipo, “os registrados”. Não tem mensagem, é só arte. Você gosta de pichar muros, quanto mais você picha, mais respeitado você é. E briga sai, tipo, quando se encontram os “mais imundos” com “os registrados”, porque um quer ser melhor que o outro.

### **A ESCOLA**

S.4: que nem, tipo, esse negócio de negro ter uma bolsa; eu acho ridículo, só muda a cor, ele pensa igual a nós, ele é igual a nós, o tatuado também, por exemplo, pensa igual a nós. Todo mundo é igual.

S.5: Sobre as cotas pro aluno de escola pública, eu acho bom, porque o aluno de escola pública tem um estilo totalmente diferente da escola particular. Escola particular é bem mais forte, os professores cobram, o aluno tem de mostrar que sabe, tem que tirar uma nota, senão repete. Aqui não, se eu tirar dez notas vermelhas e no quarto, o último tirá azul, eu passo de ano. Eles contam progresso, fala que eu melhorei, mas se eu “colei” o quarto bimestre inteiro prá passá de ano, então eu passei sem saber nada, entendeu? Agora, na particular não, eles cobram, estão ali do lado. Tem professor que fala: quer fazer, quer passar, quer aprender, eu estou ganhando do mesmo jeito, só de ficar aqui sentado eu estou ganhando! Precisa pensá sempre no prejuízo dos alunos, não adianta querer...

### **ENTREVISTA – S.6 – 3º ANO DO ENSINO MÉDIO**

Resolvi fazer o Ensino Médio porque é necessário. Quero continuar estudando, fazer uma Unicamp, jornalismo, na área de Humanas. Acho que vou precisar fazer cursinho, não me sinto preparado. A Escola Pública não ensina nada. Acho que alguns professores são bons, mas a maioria não; não sou de muitas amizades aqui na escola. Venho para a Escola para aprender. Faltam na escola laboratórios, atividades fora da sala de aula, Ficar só sentado dentro da sala de aula, não dá! Queria aprender Biologia, por exemplo, em laboratórios, não copiando o que o professor escreve na lousa! Eu não uso piercings, eu tenho personalidade diferente desses jovens que gostam de usar piercings; pichação é vandalismo, grafite é arte; não sou a favor das cotas para Escola Pública, todos tem os mesmos direitos; não quero tomar o lugar de ninguém, também sou contra cotas para negros, isso é discriminação!

Tudo me desagrada nesta escola: alguns professores, as cadeiras e mesas da sala, a maneira como sou tratado, a maneira de alguns professores ensinarem; é tudo mal conservado. Na Escola deve ser ensinado o que se precisa saber para viver.



## **ENTREVISTA: S.7 – S.8 – S.9 – 2º ANO DO ENSINO MÉDIO**

S.7: eu vim para a escola pra pegá as mina, beijá bastante, porque diziam que aqui tem meninas bonitas! Nesta escola tem gente de todo lugar, de tudo que é bairro; se você frequenta a escola do seu bairro você não conhece muita gente; é sempre o mesmo pessoal dalí de onde você mora.

S.8: Aqui tem de tudo: cheirador, fumador, bicha (viado), sapatão...

S.7: Desculpa, dona. É homossexual... A roupa, piercings, às vezes não quer dizer nada... mas,esses que usam essas coisas são diferentes sim. Até no modo de pensar.

S.8: Não adiante ensinar sobre drogas. Outro dia teve palestra, o cara levantou e disse: eu cheiro cocaína, faço isso, faço aquilo. No fim, o cara ficou sendo o herói da hora. Ele se sente o máximo e não vai largar de se drogar.

S.7: Eu acho que tem de ter mais coisa na escola, tipo, campeonatos bem organizados. Eu organizei um campeonato que não foi o melhor, mas deu certo, pelo menos eu tentei. Agora, falei com a Mariam, a diretora, e apresentei um projeto para montar com as salas (demonstrou liderança e interesse em organizar projetos com as salas da escola. (Não gosta do J C - não concorda e não gosta de ler murais).

S.9: ele é bom para essas coisas, ele sabe organizar.

S.7: O Yuri é esportista, já jogou em Portugal. Ele é cara bom!

S.8: já pichei muros. Agora não faço mais isso.Gosto de grafites (eles assinam e ninguém estraga).

S.8: só quem picha entende o que está escrito; é tudo gangue de briga, um picha e o outro vem e picha em cima, para arrumar briga.

S.7: A gente queria mexer nas quadras, mas é ruim porque a escola é tombada!  
Não pode fazer nada!

TODOS: Quando terminar o Ensino Médio quero fazer faculdade!

S.7: administração

S.9 - educação física

S.8 - jornalismo

TODOS: - Vou precisar fazer cursinho. Só com o Ensino Médio não vai dar.

TODOS: Aspiram cursar Ensino Superior na Unicamp.

S.7: O meu relacionamento dependendo do professor é bom, do contrário, não.

S.7: Eu não sou puxa saco pra tirar nota, não. Nota tem tirar é na prova, não agradando professor. Os funcionários são bons. Até beijo a Dona . . . . Os Diretores também são legais. No começo eu vim pra escola só pra zoar. Agora, não, eu quero estudar. A professora mesma fala que quando eu quero, eu aprendo.

### **ENTREVISTA: - S.10, S.11 E S.12 – 3º ANO DO ENSINO MÉDIO.**

S.10: - Ah! Eu quero só concluir o 3º ano e terminar o Ensino Básico..

S.12: - Antes do Ensino Médio eu fiz um técnico, separado do Ensino Médio! Eu comecei o Ensino Médio sem pensar no técnico. Aí resolvi fazer o técnico em informática à noite.

S.11: - Eu também só vou terminar mesmo o Ensino Médio e o Básico.

### **A ESCOLA CARLOS GOMES**

S.10:- Ah, da Escola eu gosto! Tem professor folgado! Sei lá abusa do poder. Acha que porque é professor pode fazer o que quiser! E ainda acha que está certo! Da Escola eu gosto sim.

S.12: - Ah, tipo, a organização em relação à diretora, à inspetora é bem rígida. Isso daí eu gosto! Agora o que ele falou também está certo. Tem professores que se eles não vão com a sua cara... Agora, tem professores que mesmo você errando uma vez, tipo, eles vão lá e perdoam você e nem pensam no que você fez antes, sabe? Agora, outros guardam e sabe...

A coordenação eu acho que é legal. Falta usar umas salas, tipo, sala de informática (é só para os professores), não tem passeios, tem o laboratório mas, não usa para pesquisa. Biblioteca? Também não usa!

S.10: - Professores, tem uns que são legais, mas tem uns que são chatos. Uns também nem se interessam porque só chega, passa a matéria, chega lá fica sentado e não fala nada. Mas, tem uns que vão lá trás e tenta explicar mesmo!

S.11: - Estamos desde o primeiro ano aqui no Carlos Gomes. Agora está diferente porque no primeiro ano você ficava andando no corredor a hora que você quisesse. Eu nem ficava na sala! Agora tá meio embaçado porque ficam os professores olhando!

S.10: - Aumentou o número de funcionários também. Tipo assim, aposentaram alguns e chegaram mais. Sobre o relacionamento com professores, diretores e funcionários... Ah, tem professor que pede coisas diferentes para um e pro outro não! Não dá para ficar quieto! Eu falo, xingo... Não tem conversa. Ela só grita!!! Inspetora, nós conversamos mas, com a Miriam (diretora) é mais complicado chega nela. A vice diretora, a Ane, eu sempre tento chegar nela e fazer ela dar uma risada. Aí eu chego e falo pra ela e aí dona, ta gritando menos hoje! Daí eu olho pra cara dela e ela dá dando uma risadinha. Tem dia que ela ri e tem dia que ela me ignora. Tem dia que ela até conversa! Uma vez eu fui lá, nossa do nada ela começou conversar comigo. Aí tem dia que eu chego lá e ela já começa gritar! Nossa!

## **SOBRE OS COLEGAS**

S.11: - os colegas que usam muitos acessórios, piercings... Eles são diferentes no jeito deles, cada um tem seu estilo! É normal!

S.10: - Ah, cada um tem sua maneira de se vestir, cada um tem seu jeito!

S.12: - Dá prá manter uma amizade normal com colegas que se vestem diferente e usam acessórios.

S.10: - Não gosto de pichar muros. Acho idiotice, uma coisa besta, sei lá. É assim, tem tipo uma marca, aí eles vão lá e começam a pichar com outra marca... tem sempre briga em todo lugar! Um contra o outro. RGS é de Valinhos. Aqui na Escola está cheio de "Mais imundos".

## **EU VENHO PARA A ESCOLA PARA...**

S.10: - Ah, o principal objetivo é estudar né?

S.12: - Prá estudar...

S.11: - às vezes não é para estudar, é para encontrar as pessoas! Sei lá.

S.10: - Eu venho tipo, é obrigação claro, se eu pudesse eu não viria! Que nem trabalhar! Você trabalha porque você precisa! Agora, estuda tem dia que eu vejo que preciso, mas tem dia que... nossa!

S.12: - Eu venho para estudar o básico mas, tem muita coisa que você não vai usar! Daí...

## **O QUE DESAGRADA NA ESCOLA...**

S.10: - na sala falta um ventilador. É quente demais!!!

S.12: - Precisa uma sala de informática. Uma escola como esta que está no centro, bem conhecida, a repercussão dela é grande aqui em Campinas. Ela pode ser uma das melhores! Em escola pequena, você tem uma sala de informática e aqui sabe, o avanço está vindo e a escola está para em tecnologia e outras coisas!

S.10: - Professor me desagrada! Sei lá... eles podiam ser mais amigos do aluno, tenta entender também. Sei lá eles só querem que a gente entenda eles, eles não querem entender a gente!

S.12: - Eu acho tipo assim, o professor podia ser avaliado psicologicamente. Tipo, tem professor, de Biologia, por exemplo, que fala pro aluno: "O que você vem fazer aqui na Escola? Era mais fácil você ser servente de pedreiro!" Que é que ela tem que falar isso pro aluno? Tipo, eu acho que o aluno é fraco, sei lá tem problema mental! Como ela vai falar isso pro aluno? A classe inteira ficou meio revoltada! E, essa professora mesmo exerce muita autoridade sobre a gente! A gente fica meio que oprimido! Só vai resolver, eu acho, se todo mundo se revoltar contra ela porque teve um dia que a classe se revoltou e ela ficou assim meio sem fala e quando a gente baixou a voz aí ela começou a falar de novo!

S.11: - Prá respeitar o professor na sala de aula, primeiro o professor tem que ter respeito pelo aluno. Prá ter autoridade não precisa ficar gritando... Fala normal e as pessoas já têm respeito por ele. (o professor)

S.12: - Tipo, a gente tinha uma professora na Escola Municipal que era muito rígida, brava. Só que todo mundo gostava dela! Ao mesmo tempo que ela é rígida, ela mostra carinho, sabe? Ela mostra que está lá pra ensinar a gente, está lá pra ajudar e às vezes, mostra até amor, sabe? Isso faz a gente se apegar com a pessoa e até aprender mais fácil! Na aula dela a gente nem precisava estudar para as provas de tão boa que ela era pra ensinar!

S.10: - Muitas vezes o professor parece que não sabe a matéria e dá uma travada. Dá pra perceber que ele não sabe a matéria.

### **O QUE DEVE SER ENSINADO NA ESCOLA...**

S.10: - eu gostaria que ensinassem mais o que se usa hoje, tipo, o tempo vai passando e você vai usando o que você aprendeu.

S.12: - Eu acho que falta o que eu já falei. Informática. Hoje, tipo, quem não tem informática é considerado semi-analfabeto, sabe? A sala de computadores, só funcionários podem usar!

### **O QUE PRETENDE FAZER QUANDO TERMINAR O ENSINO MÈDIO...**

S.12: - Sei lá, eu quero fazer faculdade de Música. Ela ( a música) dá disciplina para você. A música vai além do “ensinamento”. Não temos disciplina relacionada a Música! Eu pretendo trabalhar para pagar faculdade. Eu prefiro fazer Música mas, não dá retorno financeiro. Aí eu prefiro deixar pra segundo plano e fazer uma faculdade que eu também me interesse, como História, que eu gosto prá depois fazer o que eu gosto mesmo.

S.10: - tava pensando em fazer comércio exterior mas, falam que trabalha demais! Mas é uma área que tem bastante emprego...

S.11: - Quando terminar o Ensino Médio eu queria fazer faculdade ou trabalhar um tempo e depois fazer faculdade.

## ENTREVISTA COM OS PROFESSORES

### Professor A

Para falar da minha formação eu tenho que falar para você da época que nós estudamos. Lá atrás, completamente diferente de hoje, no antigo primário, né? Até uma pessoa da saúde visitava a escola para saber se estava tudo correto, né? Hoje em dia, não se tem nada de apoio técnico. Então, naquela época era muito prático, Você tinha uma professora que tomava conta de você de verdade, né? Todo mundo era tipo assim o que o pessoal chama de robozinho, né? Sentava na cadeira e ai de você se fosse para a diretoria, né? Então a gente crescia realmente aprendendo o que era preciso aprender. Quando você ia para o ginásio, de quinta até o terceiro colegial, também você tinha uma estrutura de escola, como, por exemplo, eu estudei numa escola que tinha diretores que eram militares, que era o Vitor Meireles. Então era bastante rígido, você tinha horário de biblioteca e quando você tinha janela não podia ficar circulando pela escola, batendo papo, como o pessoal fica hoje. Tinha que ficar na biblioteca, fazendo pesquisa. Daí quando a gente tinha professores bons, que descobriam os dons da gente, eles puxavam mais em cima dessas matérias. Então eu tive bons professores de desenho que me puxaram na técnica para eu depois ir para a faculdade e desenvolver meus dons lá, certo? Eu fui para a PUC depois. Fiz o vestibular, passei na segunda chamada para artes e fui fazer artes. São três anos que você estuda - o básico, que são dois anos e depois no terceiro ano você faz opção para desenho geométrico ou para plástica. Eu fui para a plástica para desenvolver mais a parte de linguagem de imagem

Eu leciono há 24 anos.

Olha, eu fiz estágio no SESC, no Bonfim, num projeto chamado Curumin e era um trabalho com crianças de seis a treze anos. Esse projeto tinha 300 crianças, dividido

em faixas etárias e nos fazíamos oficinas de artes – eu e Marília, que era uma amiga minha, de Piracicaba – e na parte de educação física tinha também um casal na equipe, que era o Adiel e a Simone, que faziam a parte de Educação Física. Então, tinha esporte, tinha lazer, tinha oficina de arte, tinha teatro, um monte de coisas, que para eles fazerem durante uma tarde na unidade com a gente. A gente saía, ia para São Paulo, para ir no Zoológico. Nesse projeto nós desenvolvemos bastante coisa. Só que tínhamos uma estrutura muito bem organizada, também. Quando a gente saía com as crianças de ônibus, tinha um médico que ia junto e tinha estojo de primeiros socorros, que até insulina tinha dentro, porque tinha as crianças diabéticas na equipe. Era uma coisa bem estruturada e que a gente não encontra na escola do Estado hoje.

Eu só dou aula aqui no Carlos Gomes. Eu tenho 32 aulas aqui, que é a carga completa. E fora daqui, eu sou terapeuta holístico. Trabalho com tarô e essas coisas, assim. . .

Hoje eu estou não digo traumatizado, mas assim . . . Eu vejo que a escola perdeu o perfil do aluno, certo? E eu acho que tem de modificar a escola. Nós estamos dando aulas para eles da mesma forma que há trinta anos atrás. Usamos o mesmo tipo de quadro negro, escrevendo com giz, os computadores da escola não funcionam. Então, é complicado. A tecnologia chegou, todo mundo fala na televisão que tem inclusão de aluno, mas essa inclusão é mal feita. Tem tecnologia, mas a tecnologia está mal organizada. Então, está difícil. Está muito difícil a convivência entre colegas e com a própria direção da escola.

Eu não aceito hoje o que todo mundo quer. A fala do governo que a escola é para todos. Eu acho que a escola é para quem veio para cá com a idéia de que vai vir buscar conhecimento, certo? Se essa pessoa não tem uma estrutura familiar, como é que ela pode estar sendo incluída dentro da rede estadual, no lugar de muitas crianças que tem uma família estruturada ou tem uma busca real por educação, por conhecimento e estar no mesmo campo de trabalho. É complicado. Existe um choque frontal.

Usar brincos, piercings e outros acessórios não interferem no desempenho escolar, mesmo porque eu, sendo artista, também já usei brinco. Já usei um monte de coisa. Só não uso tatuagem porque acho que é ferir o próprio corpo físico, mas, assim, eu não acho que isso interfira. Se ele estiver com essa idéia de impacto, ele vai gerar



impacto visual só, mas se ele estiver com a índole de estar na escola procurando conhecimento... normal!

É como eu estava contando agora há pouco. . . . Questionando uma de nossas alunas de cabelo pintado com uma cor chocante, assim, roxo, por exemplo, e perguntei a ela qual era o impacto que ela causava nas pessoas no local onde ela trabalhava e ela me respondeu que não sabia, que não tinha pensado nisso ainda. Então, muitas vezes eu acho que nem passa pela cabeça deles a questão que nós enxergamos, assim, do impacto. Nós temos uma visão, eles tem outra. Uma questão de opção, de escolha, como a agente troca de roupa, por exemplo. Ah! eu quero colocar o cabelo verde. Aí coloca o cabelo verde. Pronto!

Em algumas vezes o desempenho desses alunos não é bom mas, não é generalizado

Sobre a nova Proposta Curricular é complicado, isso aí . . .

Olha! Os meus amigos estavam discutindo aqui e todo mundo fala, fala. Eu também falo, mas a gente não toma uma postura em cima. Eu acho que está mais do que na hora de nós, professores, realmente tomarmos uma postura. Então, a minha postura é a seguinte: como o governo está pressionando, eu estou repassando essa pressão para os alunos. E isso é arriscado! Porque a pressão que nós sentimos de cima para baixo, eles estão passando de baixo para cima.

Eles estão pressionando a direção da escola para que ela tome uma postura. Para que a escola seja renovada, porque ela está muito mal tratada, muito mal cuidada e perdeu o perfil do aluno. O aluno tem que vir para cá para uma escola mais bonita, mais apresentável, com uma estrutura de equipe que realmente funcione para que ele perceba que a escola é um local que ele vem buscar conhecimento. Se a equipe não trabalha junto, se a escola está mal cuidada, como é que ele vai se sentir aqui dentro?

Na minha visão não está sendo um trabalho coletivo e sim, opressor. Eu falo para os alunos: O Governo quer colocar todo mundo no trilho e eu estou sendo empurrado. E eu vou empurrar vocês. OK?

## **Professora B.**

Formada em História por motivação do irmão, que já é falecido e que sempre gostou de História. Deu aulas na EE. Francisco Glicério e passava sempre pela Carlos Gomes sonhando em um dia lecionar nessa Escola.. Achava o prédio lindo!

Não tem outra atividade profissional.

Carga horária – 29 horas-aula

Adora a Escola, a diretora, a coordenadora. Tem ótimas relações com todos os funcionários, colegas e diretores.

Com todos os alunos, indiferentemente, tem uma ótima relação. Trata os alunos como filhos. Conversa muito com eles, como amigos de verdade. Tem um aluno homossexual que vem contar tudo da vida dele, as boates que ele vai e tudo que ele faz. É amiga de todos indistintamente.

5 – Relacionamento normal com os alunos de grupos diferenciados. Diz sempre que eles e elas são uns amores.

7 – Esses mesmos alunos têm desempenho normal. A professora tem uma aluna que dormia na sala de aula. Chamou-a em particular e a professora disse que não gostaria de anotar na caderneta uma nota ruim para a aluna no final do bimestre. Conversaram bastante e hoje a aluna a é uma das melhores da classe.

A maneira como os alunos se apresentam vestidos ou penteados não interfere no desempenho dos mesmos.

Procura diversificar suas aulas, dizendo que a sua disciplina não é fácil.

Na sua prática traz a História do passado para as coisas do presente. Coloca os alunos como personagens da História.

Nova Proposta Curricular – não é de tudo ruim. Mas foi imposta com prazos, datas fixas de avaliação, avaliações prontas. Perdeu um pouco da minha autonomia. Diz

não precisar de um guia, quer ter autonomia de preparar suas aulas. Sabe o que tem de dar no primeiro, segundo, terceiro ano.

### **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) \_\_\_\_\_

A pesquisa intitulada “DESAFIOS NO ENTENDIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA: SUBSÍDIOS E POSSIBILIDADES PARA OS DOCENTES” , está sendo desenvolvida sob a responsabilidade da pesquisadora Sonia Maria dos Santos Guernelli, do Curso de Pós-Graduação em Educação, da PUC-Campinas. O objetivo da pesquisa é produzir conhecimentos sobre a compreensão dos alunos, que têm manifestações culturais diferentes do padrão esperado, com relação à escola e à sociedade. Considera-se este estudo relevante, pois permitirá criar subsídios que melhorem a relação professor e aluno e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem.

O seu envolvimento neste trabalho é voluntário, sendo-lhe garantido que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada. A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisa poderá ser solicitada em qualquer momento.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, situado à Rodovia D Pedro I, km 136, bairro Parque das Universidades, Campinas/SP, CEP 13086-900, telefone /fax (19) 33436777, email comitedeetica@puc-campinas.edu.br, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos.

Caso concorde em dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar do projeto de pesquisa supra-citado, assine o seu nome abaixo e participe das entrevistas e reuniões.

Atenciosamente,

Sonia Maria dos Santos Guernelli  
Telefone de contato (0xx19) 33436777– Comitê de Ética em Pesquisa.

Estou esclarecido e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa. Também, estou ciente de que receberei uma cópia integral deste Termo.

Assinatura do aluno (a) \_\_\_\_\_

Data:- \_\_\_\_\_

## **TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado (a) \_\_\_\_\_

A pesquisa intitulada “DESAFIOS NO ENTENDIMENTO DAS MANIFESTAÇÕES CULTURAIS DOS ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA: SUBSIDIOS E POSSIBILIDADES PARA OS DOCENTES” , está sendo desenvolvida sob a responsabilidade da pesquisadora Sonia Maria dos Santos Guernelli, do Curso de Pós-Graduação em Educação, da PUC-Campinas. O objetivo da pesquisa é produzir conhecimentos sobre a compreensão dos alunos, que têm manifestações culturais diferentes do padrão esperado, com relação à escola e à sociedade. Considera-se este estudo relevante, pois permitirá criar subsídios que melhorem a relação professor e aluno e, conseqüentemente, o processo de ensino e aprendizagem.

O seu envolvimento neste trabalho é voluntário, sendo-lhe garantido que os seus dados pessoais serão mantidos em sigilo e os resultados obtidos na pesquisa serão utilizados apenas para alcançar o objetivo do trabalho exposto acima, incluída sua publicação na literatura científica especializada. A participação nessa pesquisa não lhe trará qualquer prejuízo ou benefício financeiro ou profissional e, se desejar, a sua exclusão do grupo de pesquisa poderá ser solicitada em qualquer momento.

O projeto em questão foi analisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da PUC-Campinas, situado à Rodovia D Pedro I, km 136, bairro Parque das Universidades, Campinas/SP, CEP 13086-900, telefone /fax (19) 33436777, email comitedeetica@puc-campinas.edu.br, que poderá ser contatado para quaisquer esclarecimentos.

Caso concorde em dar o seu consentimento livre e esclarecido para participar do projeto de pesquisa supra-citado, assine o seu nome abaixo e participe das entrevistas e reuniões.

Atenciosamente,

Sonia Maria dos Santos Guernelli  
Telefone de contato (0xx19) 33436777– Comitê de Ética em Pesquisa.

Estou esclarecido e dou consentimento para que as informações por mim prestadas sejam usadas nesta pesquisa. Também, estou ciente de que receberei uma cópia integral deste Termo.

Assinatura do Professor (a) \_\_\_\_\_

Data:- \_\_\_\_\_

## **Roteiro de observação**

Já há algum tempo estou me preparando para “oficialmente” iniciar a observação no campo de pesquisa.

Com o objetivo de estar no grupo certo e no momento privilegiado para observar e coletar dados para a análise, escolhi com antecedência e levando em consideração o objeto de pesquisa, as salas de aula e os alunos que farão parte da minha observação.

Assim como, decidi que usarei a técnica do pesquisador enquanto participante observador.

Explicitarei alguns pontos do processo de pesquisa, mas não exatamente todos. Adotando esta postura procuro incitar mudanças de comportamento dos sujeitos observados e excesso de intromissão do observador no cotidiano escolar, não excluindo de vez as relações interpessoais.

A observação acontecerá em dois dias da semana durante um período de no máximo duas horas por dia, acontecendo ora em sala de aula, ora em intervalos no pátio e corredores da escola.

Ao fim de seis semanas aproximadamente darei como terminado o período de observação, que abrangerá as três salas do E.M: 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> séries.

### **Aspectos priorizados no processo de observação:**

A) Aspectos dos sujeitos: aparência física, maneiras, modo de vestir, falar e agir. O que os distinguem dos outros?

- B) Como interagem com os colegas e professores?
- C) Como é o espaço físico que está sendo observado? Como é utilizado pelos sujeitos?
- D) Eventos que naturalmente acontecem em sala de aula e ambiente escolar em geral.

O registro das observações será realizado no momento de observação cuidando para que tudo seja devidamente anotado utilizando-se, desenhos, citações e comentários do próprio pesquisador.

A intenção é registrar tudo com clareza para que diariamente aconteça uma reflexão bem aguçada dos dados, por parte do pesquisador.

## **Roteiro de entrevista**

As entrevistas serão na modalidade semi-estruturada, que se desenrola em um esquema básico que permite ao pesquisador fazer adaptações. O pesquisador deverá ter o cuidado de avaliar não só as respostas verbais como também os gestos, expressões, entonações, sinais não verbais.

A entrevista envolverá respeito integral pelo entrevistado desde o lugar onde será realizada, até a garantia do anonimato. Também serão respeitadas suas opiniões e impressões relativas ao material que a pesquisa está interessada.

Não descartando adaptações que poderão surgir após a observação e mesmo durante a entrevista planejei as seguintes questões que inclusive nortearão meus primeiros capítulos.

- 1) Qual era sua expectativa quando iniciou o ensino médio? E hoje?**
- 2) Como você descreve seus sentimentos em relação à escola; aos professores e aos colegas?**
- 3) Para que você vem à escola?**
- 4) Pensando na maneira que você se veste, nos piercings, seus trejeitos, você se considera igual ou diferente de seus colegas? Por quê?**
- 5) Como é seu relacionamento com os professores, servente e diretor?**
- 6) Existe alguma coisa que te incomoda, desagrada na escola? Por quê?**
- 7) O que deve ser ensinado na escola?**

**8) Onde você adquiriu, as roupas, os piercings, os brincos, as pulseiras que você usa?**

**9) Você gosta de pichar muros? Por quê? Sim (não)?**

**10) O que você pretende fazer quando terminar o Ensino Médio?**

## **Entrevista com os Professores**

Resolvemos entrevistar alguns professores para contrapor e também endossar alguns aspectos desta pesquisa. Foram realizadas as perguntas abaixo, relacionadas à prática docente, formação do professores, relacionamento dos professores com alunos de grupos diferenciados, e a respeito de algumas políticas públicas recentes da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo.

**1 – Como foi sua formação?**

**2 - Há quanto tempo você leciona? Antes do Carlos Gomes onde você lecionou e como foi esse período?**

**3 – Qual sua carga horária como professor? Tem outra atividade profissional?**

**4 – Como você avalia a Escola Carlos Gomes? Como são suas relações com os alunos, professores, funcionários e direção da Escola?**

**5 – Em particular com os alunos que se apresentam com comportamento atípico como é seu relacionamento?**

**6 – Você acha que a maneira como os alunos se apresentam na Escola, com piercings, pulseiras, calças rasgadas, bonés, interfere no processo educacional? Por quê?**

**7 – Como é o desempenho desses alunos?**



**8 – Você acha que as últimas políticas do Estado para o Ensino Médio e para as séries de 5ª a 8ª (Nova Proposta Curricular) interferiram no seu trabalho em sala de aula? Como? Explique.**